

Zara Carter

The book cover features a watercolor-style illustration of a sunset or sunrise. The sky is filled with vibrant orange, red, and yellow hues, with soft, wispy clouds. In the center, a silhouette of a woman with long hair stands on a dark, rocky outcrop. She is looking towards the sun, which is partially obscured by a large, bright white circle. The woman's shadow is cast onto the rock. A chain is visible hanging from the rock, suggesting a theme of liberation. The overall mood is one of hope and spiritual journey.

# **ROMPENDO AS CORRENTES DIVINAS**

**A Jornada de Libertação Espiritual de Sofia**

# Rompendo as Correntes Divinas: A Jornada de Libertação Espiritual de Sofia

Zara Carter

# Table of Contents

<b>1</b>	<b>Despertar da Fé</b>	<b>4</b>
	A infância religiosa de Maria . . . . .	6
	A crescente insatisfação com as Testemunhas de Jeová . . . . .	7
	Primeiros questionamentos e dúvidas internas . . . . .	9
	A influência de Clarice nos pensamentos de Maria . . . . .	11
	Encorajamento para pesquisar outras religiões . . . . .	13
	Confronto com o pai, Joaquim Souza . . . . .	15
	O papel de Alberto Nogueira na dúvida de Maria . . . . .	17
	Semente do autoconhecimento e primeira busca pela verdadeira fé	19
<b>2</b>	<b>O Confronto</b>	<b>22</b>
	O questionamento das doutrinas das Testemunhas de Jeová . . . . .	24
	Conflitos internos de Maria sobre sua espiritualidade . . . . .	27
	A família e a comunidade percebem a inquietação de Maria . . . . .	28
	Joaquim, o pai de Maria, confronta - a sobre suas dúvidas e questionamentos . . . . .	30
	A discussão entre Maria e seu pai se intensifica . . . . .	32
	A reação de amigos e líderes das Testemunhas de Jeová diante do questionamento de Maria . . . . .	34
	Clarice se encontra dividida entre apoiar Maria ou permanecer dentro da comunidade . . . . .	35
	A angústia de Maria diante da pressão e julgamento de sua família e comunidade . . . . .	38
	A decisão de Maria em deixar as Testemunhas de Jeová para buscar um caminho espiritual próprio . . . . .	40
<b>3</b>	<b>A Fuga</b>	<b>43</b>
	Confronto com a família . . . . .	45
	A decisão de partir . . . . .	47
	Preparando - se para a fuga . . . . .	49
	A solidão do adeus . . . . .	51
	Descobrimo forças interiores . . . . .	53
	O primeiro passo na jornada . . . . .	54

A busca por um novo lar espiritual . . . . .	56
Reconstruindo a fé além das Testemunhas de Jeová . . . . .	58
<b>4 A Solidão e o Autoconhecimento</b>	<b>60</b>
O peso da solidão após a decisão . . . . .	62
Redefinindo valores e crenças pessoais . . . . .	63
Buscando apoio em livros e recursos da biblioteca . . . . .	65
A meditação como ferramenta para o autoconhecimento . . . . .	67
Encontrando a Casa de Chá de Teresa e uma nova mentora espiritual	69
O poder da paciência e da autoaceitação nesse novo caminho . .	71
O alívio das primeiras conexões verdadeiras com Deus . . . . .	73
Aprendendo a encontrar paz na solidude . . . . .	75
Valorizando as pequenas vitórias e enfrentando os desafios com coragem . . . . .	77
<b>5 A Descoberta da Nova Espiritualidade</b>	<b>79</b>
Buscando outras formas de espiritualidade . . . . .	81
O encontro com Teresa e o início da mentoria . . . . .	83
Aprendendo a meditar e conectar-se com Deus . . . . .	85
Estudando diferentes tradições religiosas . . . . .	86
As experiências espirituais profundas de Maria . . . . .	88
Encontrando a própria fé e confiança no caminho escolhido . . .	90
<b>6 Conectando-se com Deus</b>	<b>92</b>
Encontrando seu próprio caminho espiritual . . . . .	94
Práticas e tradições que aproximam Maria de Deus . . . . .	96
Orando e desenvolvendo um relacionamento pessoal . . . . .	98
Experiências transcendentais e momentos de revelação . . . . .	100
A influência de Teresa no aprofundamento da conexão de Maria com Deus . . . . .	101
A síntese entre a diversidade religiosa e espiritual e a intimidade com Deus . . . . .	103
<b>7 Enfrentando o Passado</b>	<b>106</b>
Confrontando a família . . . . .	108
Buscando compreensão . . . . .	109
A carta de desassociação . . . . .	111
Revelando a verdade aos seus pais . . . . .	113
Perdão e arrependimento de Joaquim Souza . . . . .	115
Clarice Mendes e seu dilema . . . . .	117
Lidando com as consequências na comunidade . . . . .	119

<b>8 A Aceitação e a Liberdade</b>	<b>122</b>
A Recuperação das Feridas do Passado . . . . .	124
O Reencontro com a Família . . . . .	126
A Voz da Verdade e Libertação . . . . .	127
A Aceitação da Nova Jornada Espiritual . . . . .	129
A Força da Comunidade e do Apoio Mútuo . . . . .	131
A Descoberta do Verdadeiro Propósito de Maria . . . . .	133
Um Futuro de Amor, Aceitação e Liberdade . . . . .	134

# Chapter 1

## Despertar da Fé

A luz dourada do amanhecer penetrava pelas frestas da persiana fechada, acariciando os olhos entreabertos de Maria. Por um momento, ela apenas se permitiu sentir a suavidade das cobertas e o calor dos raios de sol em seu rosto.

Então, ela se lembrou.

O confronto da noite anterior ainda retumbava dentro dela, com as palavras do seu pai ecoando em seus pensamentos. "Você tem ideia do que está fazendo com nosso nome? Divagando sobre outras crenças e religiões? Você não vê o perigo que isso traz para nossa salvação?"

A sensação de sufocamento a fez pular da cama, como se estivesse se libertando de alguma entidade invisível. A agitação era demais para ser contida.

Foi no morro da Fé que Maria se escondeu da ira que parecia consumir sua casa. Sentada em um banquinho desgastado que servia de marco para o terço de rosas que, ali, havia sido plantado, Maria contemplou a serenidade do horizonte, com o coração indeciso entre o pesar e a esperança de vozes diferentes que clamavam por verdade.

"Maria", uma voz suave chamou por detrás dela. Era Clarice, sua melhor amiga, que parecia tão hesitante em sua aproximação como a própria Maria estava em sua compreensão da fé.

Juntas, dividiram o peso de suas dúvidas e medos naquele limiar entre a noite e o dia.

"Eu também não entendo", admitiu Clarice, mordendo o lábio. "Por que nossa salvação depende de julgar a fé alheia? Por que condenamos nossos

vizinhos, nossos irmãos, por terem encontrado Deus por outros caminhos?”

Maria sentia a angústia de sua amiga quase como se fosse sua própria - o medo de seus olhos era um reflexo profundo de suas incertezas compartilhadas. E, enquanto os primeiros raios dourados do sol banhavam suas feições em conflito, Maria encontrou forças para romper o silêncio:

”Talvez”, começou ela, hesitante, ”talvez a verdade que buscamos não esteja apenas entre as linhas doutrinárias que nos foram ensinadas.”

Clarice olhou para Maria de um jeito que revelava algo novo, uma mistura sutil de reverência e hesitação. Maria sentiu uma semente irrefutável de coragem crescendo em seu âmago, e ela sabia que tinha feito a escolha certa.

Quando o sol alcançou a plenitude de seu brilho, se erguendo imperioso no céu implacável do interior mineiro, Maria tomou sua decisão.

Notou um pássaro que, antes acuado entre galhos, fez um voo trêmulo até o céu claro. Sob a visão do infinito que se abria, Maria suspirou. A alvorada daquela manhã representava a possibilidade de um novo amanhecer em sua vida - um acordar para a verdade que há tanto tempo parecia estar enterrada sob o emaranhado de doutrinas estritas e exclusivistas.

De volta à casa, o semblante de Clarice, ainda amargo, foi amenizado por um sorriso tímido. Subiram juntas para seus quartos, uma ternura subentendida pairando no ar.

Maria ouviu o ranger da porta do quarto ao lado. Soube que naquele momento, uma decisão também pesava sobre Clarice. Respeitou o silêncio e a distância que as tardes proporcionaram, enquanto enfrentava seu próprio dilema:

Era tempo de deixar os véus do medo caírem. A fé de Maria exigia mais do que a resignação; desejava a verdade além da salvação prometida no final de um caminho estreito e penoso.

Quando as últimas cores do dia queimavam no céu ocidental, Maria sabia que aquela seria a última noite em sua casa. Ainda que incerto, o futuro se estendia como um horizonte dourado e promissor. E ela estava pronta para enfrentar a jornada.

Ela tinha despertado para a fé.

## A infância religiosa de Maria

Maria Luísa Souza nasceu num berço dourado de fé, cravado nas vielas de barro da histórica cidade barroca do interior de Minas Gerais, onde igrejas espiam os pecados dos mortais pelo alto de seus campanários e os convidam à redenção ao cair da noite; um contraponto à luminosidade do sol que, quase sempre, vencia as muralhas de pedra e ressecava os que ali vingavam na lida cotidiana.

Sua infância floresceu sob a sombra generosa da devoção inabalável de Dona Cecília e Joaquim Souza, seus pais. Herança preciosa que havia passado de geração em geração, como colcha de retalhos costuradas com oração e renúncia. Maria crescia naqueles labirintos sagrados, onde cada cantinho era composto por um misto de medo e fé, em permanente diálogo.

Nessa juventude tênue e vigorosa, Maria aprendeu a sorrir com os olhos marejados pelas preces em seu coração. Seu rosto se tornava rubro e brilhante aos repousar de joelho no chão rústico, enquanto cantava orações ao som melódico do realejo. O espírito santo e as palavras vagantes da Bíblia haviam sido conduzidos por suas mãos desde o afago no berço de madeira, como páginas iluminadas em adoração.

”Minha diversão, benzinho”, contava sua mãe, enquanto Maria lambuzava os dedos gordinhos no mel escorregadio que glaçava rosquinhas de pinga, ”era te olhar dançar pelos corredores da igreja, com tua carinha de anjo e corpinho de mola. Mas, ora, meu anjo, teu coração teimoso já mostrava do que era feito desde cedo.”

”As vezes, meu bem”, Dona Cecília meneava a cabeça com um sorriso pálido atravessando o olhar, ”te acho mais cabrita do que menina.”

Maria soltava risadas que faziam as janelas racharem, levando consigo um fervor líquido desconhecido que parecia queimar misteriosamente, como o fogo sagrado que encaracolava a lingüiça frita que Tio Geraldo partilhava nas festas de coroação de Nossa Senhora, no Isidoro.

Tal como o céu derramava lágrimas nas tardes de janeiro, que se escondiam por trás de cumpridas cortinas brancas de nuvem, o regalo de Maria na Bíblia crescia em um compasso estranhamente distante da serenidade que a religião prometia. Quanto mais estudava e se entregava às palavras, menos seu coração se aquietava.

Nas noites de terça - feira, quando ela se ajoelhava na surdina escura

do quarto das meninas e trancava os olhos como se quisesse prender Deus dentro da pálpebra, Maria pedia, com voz trêmula e agoniada, que Ele enviasse uma resposta.

Ela só não sabia qual seria a pergunta ainda.

Naqueles tempos, o mundo parecia tão grande quanto o preceito que norteava sua fé. Ainda assim, Maria fitava o céu noturno, com suas estrelas pontilhando a escuridão como cheiros de alecrim nas mãos de sua mãe, e se perguntava o porquê de seu coração ansiar por algo que parecia tão distante e tão único quanto aquelas luzes cintilantes.

”Minha menina, quando uma árvore nasce a sombra de outra árvore maior, ela luta pela luz. E, mesmo em meio a sombra, ela cresce e se fortalece, pois sabe que a luz está ali para guiá-la”, sua mãe lhe contara numa noite de inquietação, enquanto abraçava Maria e tocava seu cabelo como bálsamo.

## **A crescente insatisfação com as Testemunhas de Jeová**

As tardes de domingo na casa dos Souza eram sagradas. A família se reunia ao redor da mesa de jacarandá, com os adereços imaculados das Testemunhas de Jeová diante de cada um, suas vozes entrelaçadas numa cacofonia devocional.

Porém, naquele domingo fatídico, as palavras na boca de Maria pareciam anuviar como serpentes venenosas, e sua língua hesitava contra o dilaceramento, como se sua própria fé prestes a atravessar um abismo insondável.

Ela não conseguia mais suportar o peso das expectativas de sua família, das regras rígidas e do escrutínio constante de seus atos e pensamentos. Maria sentia - se como uma marionete enroscada nas linhas pregadas nas paredes do Salão do Reino, cada movimento cuidadosamente regido por aqueles que diziam agir em nome de Deus.

Ela notou o olhar austero e desconfiado de seu pai e sentiu - se afogar em uma maré crescente de angústia.

”Joaquim, há algo errado com Maria?”, perguntou - lhe Dona Cecília, sua mãe, com um olhar preocupado.

”Não sei, minha querida. Vamos perguntar a ela depois da reunião”, respondeu Joaquim, incapaz de esconder sua inquietação.

Terminada a reunião, Maria foi buscar um pouco d’água na cozinha. O

ar da casa parecia espesso e opressivo, como se as paredes de adobe e cal desmoronassem sobre ela.

”Maria, posso falar com você?”, perguntou seu pai com rigidez, entrando na cozinha com passos firmes.

Ela se virou, o coração batendo como se estivesse tenazmente acorrentado a um animal selvagem.

”Sim, pai.”

”Ontem, eu notei que você não estava presente no estudo bíblico em família. Você tem estado distante, inquieta. Há algo errado, minha filha?”, Joaquim perguntou, escolhendo as palavras com cuidado, embora sua voz mantivesse sua postura dura.

Maria hesitou, sentindo as palavras se acumularem como uma barragem em seu peito, até que, finalmente, deixou-se acalmar pelo sussurro de sua própria convicção.

”Pai, eu não sei como dizer isso, mas tenho sérias dúvidas sobre as Testemunhas de Jeová. Fico pensando se esse é o único caminho verdadeiro, e se não é possível encontrar Deus por outros meios”, disse Maria, num fio de voz.

O rosto de Joaquim empalideceu, e ele fechou os olhos por um instante, tentando conter a tempestade que se formava dentro dele.

”Maria, do que você está falando? O que te fez pensar assim? Você não entende o perigo de questionar a verdade que nos foi revelada?”, Joaquim falou em um tom severo, e as palavras pareciam golpeá-la como ferrões venenosos.

”É justamente por isso que eu estou perguntando, pai. Eu me sinto sufocada, como se estivesse sendo silenciada em nome de uma fé que não é minha. Eu quero encontrar minha própria conexão com Deus, meu próprio caminho”, desabafou Maria.

”Você ouve o que está dizendo?”, rugiu Joaquim, perdendo a paciência com um ímpeto quase selvagem. ”Você está disposta a sacrificar nossa salvação, nossa família, por suas incertezas e hesitações?”

Maria levantou o olhar, permitindo que um último vestígio de coragem iluminasse seus olhos trêmulos. ”Sim, pai. Eu preciso descobrir o que é verdadeiro no meu próprio coração, ou toda a minha vida será uma farsa.”

A confissão angustiada de Maria deixou seu pai mudo e desarmado. Ele olhou para ela como que vislumbrando uma desconhecida diante de si, e o

silêncio que se seguiu era tão palpável quanto o desespero que se apoderava de seus corações.

Em seu coração receoso, Maria sentiu o início de uma batalha fustigante entre a luz do autoconhecimento e a escuridão da incerteza. E, à medida que as sombras crescentes se contorciam em torno dela, uma corrente de fé incandescente a empurrava para o abismo, onde um novo mundo surgiria através de seus próprios olhos.

## Primeiros questionamentos e dúvidas internas

Em uma tarde nebulosa de outono, enquanto a gramática desbotada de Mateus imprimiu-se sem êxito em seus olhos vítreos, Maria se pegou repassando em silêncio os dogmas que sempre haviam soado como axiomas inquebráveis em sua mente. E, pela primeira vez, aqueles alicerces fundamentais de sua fé pareciam ecoar como pálidas ladainhas murmuradas por línguas espectrais.

A inquietação não era nova, mas inopinadamente, ela adquiriu dimensões ilimitadas em sua consciência atormentada, e Maria lutava contra as devastações angustiantes de um espírito subjugado em delírio. Seus dedos trêmulos tocavam as páginas sagradas como se tentassem mergulhar no mistério daqueles textos divinos e extrair a essência mesma de sua vontade imortal.

Nesse maelstrom de inseguranças crescentes, a sombra de Clarice, sua melhor e única amiga, esgueirava-se por toda a parte como um espectro invisível, insinuando-se na trama de sua fé como uma serpente calcitrante. Não havia sido a primeira vez que o coração reticente de Maria saboreara a nostalgia do desespero, mas era como se Clarice introduzisse um ar incontrolável aos seus pulmões ansiosos, alargando o vazio daí em diante intransponível.

Em um Majina de medo e hesitação, Maria ousou confessar a Clarice sua perplexidade diante do que ela julgara tão certo e incontestável.

”Sabe, Clarice, eu já me peguei pensando se isso é tudo que Deus tem para oferecer a nós”, murmurou Maria, sua voz distante e sombria por debaixo do peso das suposições. ”Se esse repositório de verdades imutáveis e dogmas severos pode conter o infinito de sua luz refratada e toda a sua glória, então talvez tenhamos apenas vislumbrado uma estreita fenda em seu coração incandescente.”

As palavras estimulantes de Maria arremeteram - se contra o silêncio como trovoadas esquecidas, mas o medo em seus olhos brilhantes mostrou que suas convicções começavam a vacilar. Não era uma pergunta prosaica; era um abismo de dúvidas e incertezas se abrindo entre sua fé e seu anseio por algo mais.

A madrugada mastigou lentamente a penúltima noite de setembro, e na caverna escura de suas reflexões desesperadas, os ouvidos de Maria atentaram - se para o som suave e sussurrante de Clarice, como se tivesse escutado seu próprio pensamento.

"Maria, eu não sei se você está esquecendo - se de algo terrivelmente importante", disse a voz anêmica de Clarice, evanescendo nas trevas, como as sombras de inimigos espreitando em batalha. "Você esquece que Deus não se revela a nós em um livro ou em palavras contidas em folhas de papel, mas sim dentro de nosso próprio coração e espírito. O verdadeiro deleite de Deus está na libertação de si mesmo e na descoberta do próprio destino."

Maria reprimiu um soluço amargo e angustiado e enterrou o rosto nas mãos, encarando o abismo que se entreabria em sua mente.

"Você realmente acha que existem outras formas de encontrar Deus além das Testemunhas de Jeová?", resmungou ela, o medo saltando como uma chama em seus olhos chorosos.

Clarice hesitou por um momento, como se procurasse uma resposta que pudesse confortar e acalmar a amiga. "Eu não posso ter certeza disso, Maria", ela disse enfim, sua voz, terna e incisiva como um sorriso tímido em meio à chuva. "Mas eu acredito que existem muitas vias para Deus, e cabe a nós descobrir qual nos leva a uma fé verdadeira e profunda. Afinal, como outros povos podem ser condenados por não conhecer a verdade da Bíblia? Não parece injusto?"

As palavras de Clarice plantaram a semente de um anseio ardente na alma de Maria, que alimentava um descontentamento crescente e uma curiosidade cada vez mais obstinada sobre as religiões e crenças sagradas que desfilavam em harmoniosa profusão além das fronteiras doutrinárias de seu próprio lar.

A dor, a dúvida e a fé entrelaçaram - se em Maria como as pétalas de uma rosa abrindo - se para a luz do sol, banhando - a de uma essência que prometia milagres e revelações. Com cada sopro de ar frio, ela se aproximava do limiar de sua própria redenção, dos escombros de suas convicções desmoronando e

das nascentes de esperança onde um novo caminho serpenteava em direção a um futuro incerto e libertador.

## **A influência de Clarice nos pensamentos de Maria**

### Capítulo 4: O Vulto de Clarice

Era uma manhã cinzenta, taciturna. Bolotas de chuva grudavam-se nas vidraças como se fossem um colar de pérolas à mercê dos gemidos discretos do vento. Maria sentia-se como o casaco encharcado de Madame Bovary se arrastando pelos charcos de Yonville à procura de um refúgio incerto, um halo de desespero lúcido a lacerar seu coração.

Na penumbra escarlate, ela buscava em vão os olhos assustadoramente lúcidos e brilhantes de sua amiga Clarice, como se um simples vislumbre do rosto de sua única aliada pudesse confortar seu espírito agitado.

Maria tinha compartilhado muito com Clarice durante os anos em que cresceram juntas em meio à comunidade das Testemunhas de Jeová. A amizade havia brotado sem cerimônia entre elas, como pequenas flores ousando desafiar o solo árido do radicalismo religioso.

Clarice era a única pessoa em quem Maria confiava o suficiente para desvelar-lhe as incertezas corrosivas que assolavam seu coração. Fora para Clarice que Maria revelara seus primeiros questionamentos e insatisfações com a rigidez das Testemunhas de Jeová, suas dúvidas e angústias, na esperança de encontrar alento e compreensão.

Aquele dia, depois da última prece murmurada e visitas encerradas, Maria encontrou-se furtivamente com Clarice no alto do parapeito branco da pequena janela onde costumavam falar em segredo. O vento acariciava os cabelos delas, sussurrando histórias de tormentas distantes e tempestades iminentes.

”Clarice”, Maria murmurou, seus olhos transparentes e melancólicos se fixando no chão enquanto a chuva criava rios minúsculos na paisagem lá fora. ”Tenho pensado cada vez mais em todos os dogmas em que fomos criadas, e a dúvida está me corroendo por dentro. O que todos nós estamos fazendo aqui, seguindo um caminho que talvez seja apenas um dentre tantos outros?”

Clarice olhou para ela, os olhos mergulhados em compaixão. ”Eu sei, minha amiga”, ela sussurrou. ”Tenho sentido as mesmas inquietações, mas

até agora não tive coragem de admitir para mim mesma.”

Naquele instante, os olhos de Maria se encontraram com os de Clarice, e o abismo da dúvida foi preenchido com o conforto mútuo de saber que não estavam sozinhas em seu descontentamento. Juntas, elas começaram a questionar e examinar os alicerces de sua fé, permitindo que a semente da inquietude crescesse e se transformasse em um desejo indomável de compreensão.

As conversas sussurradas entre as duas amigas tornaram-se cada vez mais desafiadoras e corajosas, arrancando o véu da obediência cega e revelando a urgência do sedento desejo de liberdade e autodescoberta.

”Existem tantas crenças diferentes no mundo, Clarice”, Maria sussurrou com grande ênfase durante uma de suas conversas noturnas. ”E se todas elas contêm alguma verdade? E se o caminho para a salvação não for uma estrada estreita e única, mas um labirinto de possibilidades, onde cada um deve encontrar seu próprio caminho?”

Clarice julgou aquela ideia com um olhar pensativo, mas sua fala estava tingida de preocupação e hesitação. ”É uma ideia interessante, Maria”, comentou a amiga cautelosamente. ”Mas... e se for apenas um engano? E se os desvios de outros caminhos nos levarem ao perigo e à destruição espiritual?”

Por um breve momento, a incerteza se espalhou como sombras através dos olhos de Maria, borrando a imagem de um mundo repleto de possibilidades. No entanto, a chama de sua curiosidade e coragem logo se agitou novamente, lançando uma réstia de luz tremulante e insistente na escuridão do medo e da dúvida.

”Se somente o Deus em quem fomos criadas é o único Deus verdadeiro e amável, então Ele entenderá nossos anseios e angústias”, Maria contestou, o fogo da convicção brilhando em seus olhos. ”Afim, fomos feitos à sua imagem, não é? Então, quem somos nós para rejeitar a busca pela verdadeira fé que anseia nas profundezas de nossos próprios corações?”

As palavras de Maria caíram sobre Clarice como um bálsamo suave e curativo, e a conexão intensa e rara entre as duas amigas pareceu se fortalecer ainda mais. Foi como se cada palavra sussurrada página se tornasse uma ponte invisível para o outro, símbolos irrefutáveis da coragem e da força que as uniam na fenda agitada da incerteza.

E assim, ambas as amigas comprometeram-se secretamente um ao outro

para buscar o conhecimento de outras religiões e crenças, na esperança de nutrir a luz vacilante de uma fé verdadeira e profunda bem além das sombras das Testemunhas de Jeová.

## Encorajamento para pesquisar outras religiões

### Capítulo 3: O Sussurro das Sereias Espirituais

A chuva, inebriante e perfumada de outono, traçava veios de prata na vidraça enquanto Maria, com um gemido intermitente, assinalava cada gota no vidro, como se anotasse os nomes esquecidos de deuses sigilosos.

Naquele quarto rústico, onde uma manta de tricot repousava na cama e molduras carcomidas se misturavam ao silêncio pesado, Maria contemplou com melancolia o amontoado de livros e brochuras que jaziam sobre o velho criado-mudo. Religare, aquele fascinante e temível portal para um cosmos infinitamente vasto de incertezas e deleites, aguardava - a infalivelmente.

"Clarice, como você acha que encontrarei outras respostas que não estão na Bíblia?", murmurou Maria, trêmula, as palavras inquietantes irradiando-se através do quarto como faíscas de fogo arrebatador, morrendo antes de alcançarem um coração estridente.

Clarice, que ouvia sentada ao lado de Maria, hesitava. Por fim, ela respondeu com ternura: "Nossa busca começará aqui, nesta biblioteca."

Maria seguiu o olhar de sua amiga. Lá, entre as estantes abarrotadas pelo passado embaçado e a sabedoria empoeirada de gerações fadadas à nostalgias esmaecidas, Maria divisava o cineirão rubro das peregrinações espirituais, aguardando - os a explorá - las. Era seu labirinto pessoal, reverberante de vozes que se chamavam além do abismo do tempo.

E assim começou a peregrinação de Maria por entre as prateleiras estreitas e labirínticas da biblioteca, guiada pelo farol tímido e tremulante da curiosidade e do espanto. Cada livro e folheto era como um vislumbre fugidio de possibilidades infinitas, uma vertigem que ameaçava ser afogada no refluxo de suas dúvidas.

O círculo vicioso sentado no peito dela pressionava cada vez mais, forçando Maria a confrontar o abismo espectral que crescia inevitavelmente entre ela e a religião que seu próprio sangue clamava como certo e inquebrantável.

"Maria, não sei se você está pronta," sussurrou Clarice, mas havia uma

faísca abrasadora em suas palavras, e Maria sabia que sua decisão fora tomada, e que a maré de dúvidas e desespero a transportaria para uma terra desconhecida e empolgante.

Ela adentrou aquele mundo de prata e sombras, cada passo firme e resoluto. Nas estantes havia tremeluzentes histórias de deuses e heróis, de profetas e mártires, que preenchiam suas almas com a música inviolada das origens divinas, e um tremor sigiloso percorreu a espinha de Maria.

'A Sabedoria de Krishna', 'Os Ensaíes Místicos de Rumi', 'O Livro das Sombras', cada nome era um grito abencerragem, e com cada estribilho o coração de Maria se enchia de expectativa e terror. Eram palavras que ela nunca ousou pronunciar antes, pedras preciosas que Barbara Rizzuti nunca pensara que sua coqueta filha poderia ter o direito de possuir.

Mas então, quede fogo repentino e incandescente, irrompeu uma suposição indecorosa da sombra esmaecida dos questionamentos; em um canto quieto e esquecido, repousava um livro sem idade ou nome, encadernado em couro desgastado e coberto de runas desconhecidas. Maria olhava - o apaixonada: um misto de descrença, terror e um êxtase inebriante. Seu coração parecia um tambor, tocado pelos assovios caprichosos do destino.

Clarice apanhou o livro de sua mão, hesitante, seus olhos vasculhando silenciosamente o preâmbulo e o epílogo. Um minuto se passou antes que ela permitisse um gemido incerto e o devolvesse a Maria.

"O Livro de Feitiços...". A voz de Clarice parecia distante e afundada na tinta furiosa da escuridão crescente. "É um catálogo de magias, encantamentos e rituais baseados em tradições espirituais ancestrais... Não sabia que a biblioteca possuía um livro como este."

Maria ficou em silêncio por um breve instante, permitindo-se absorver a energia e misticismo emanando daquele manuscrito enigmático. A noite avançava à medida que o firmamento de estrelas explodia com todo seu brilho no telhado do céu, e as palavras que Maria lia em seus pensamentos se entrelaçavam como uma teia de aranha a prender seus medos e esperanças em uma dança inextricável.

"Vamos lê-lo, Clarice", declarou Maria com um brilho incerto e atormentado em seus olhos. "Talvez todos esses anos, tenhamos ignorado o verdadeiro tesouro que reside dentro de nossa própria fé. Talvez, entre essas linhas que parecem sombrias e perigosas a princípio, possamos encontrar a verdade que buscamos."

”Sim”, respondeu sua amiga com um aceno vagaroso, como se soubesse que ambas estavam prestes a embarcar em uma viagem da qual nunca poderiam retornar completamente. ”Talvez...”

E, assim, as duas jovens mergulharam naquele repertório oculto e enigmático, tomando entre suas mãos o fio tênue das pérolas que compunham o tesouro de sua herança espiritual e depositando-o devagar no colar de suas almas radiantes e incandescentes.

## Confronto com o pai, Joaquim Souza

### Capítulo 2: O Confronto com o Pai

A chuva havia caído durante toda a manhã de sábado e o céu cinzento parecia presagiar o desenrolar dos acontecimentos na casa dos Souza. Durante o desjejum, a tensão entre pai e filha era palpável, a faca deslizava tão devagar sobre a manteiga quanto os ponteiros avançavam no relógio da sala de estar. Maria suspirava, torcendo as mãos em seu colo. Joaquim, seu pai, olhava fixamente para o jornal, mas a rigidez em seu maxilar dizia mais do que as manchetes nas páginas amassadas.

Após a refeição, Joaquim convidou Maria para um passeio pelo jardim, um convite irrecusável que arrepiou-lhe a espinha. Juntos, pai e filha, marchavam através das aléias úmidas e floridas, o som de suas botas penetrando na lama encharcada e fina. A irônica beleza das margaridas e copos-de-leite parecendo convidá-los a se iludir com a melodia da resignação.

Maria, trêmula, ensaiava mentalmente os argumentos que tantas vezes evocara com sua amiga Clarice, mas cada passo a arrastava mais perto do abismo da incompreensão. Joaquim fazia um esforço considerável para manter um ar sereno e criar a esperança de que a conversa, se a tal palavra pudesse ser aplicada, alcançaria um desfecho bem-sucedido e pacífico.

No entanto, era impossível ignorar as nuvens carregadas no céu e em seus corações, culminando em um formidável ribombar do trovão que ecoava entre as árvores e os pensamentos sombrios da dupla. Por fim, Joaquim parou junto a um antigo banco de madeira, desgastado pelos anos e as intempéries, onde Maria havia se ajoelhado durante suas orações fervorosas, mas que agora estava destinado a uma finalidade distinta.

”Maria,” ele começou, sua voz serena como a chuva que ainda gotejava das folhas encharcadas. ”Tem sido impossível não perceber como você

mudou nos últimos meses. Você tem se afastado das atividades da igreja e, noto, Clarice também tem se mostrado diferente.”

Ela engoliu em seco, sentindo o peso das palavras de seu pai e das suas próprias dúvidas em suas costas. ”Papai, eu... Tenho mergulhado em reflexões abrangentes a respeito das Testemunhas de Jeová, sobre o mundo e sobre mim mesma. Tenho procurado compreender o verdadeiro significado de minha fé.”

Joaquim fuzilou-a com os olhos, um brilho guerreiro e ao mesmo tempo temeroso. ”Não estaria pensando em se desviar da verdade, estaria? Todo mundo sabe dos questionamentos e conversas que você tem tido sobre religiões e outras crenças, Maria. Isso é um jogo perigoso e um grande desrespeito para com as Testemunhas de Jeová!”

Maria recoou ante a intensidade de seu pai, mas sabia que não podia mais esconder-se atrás das dúvidas e da tristeza silenciosa que a atormentava por tanto tempo. Ela ergueu o queixo, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas, sua voz sendo levada pelo vento, mas firme:

”Papai, eu não posso mais fingir que estou satisfeita com uma doutrina cheia de rigidez, com a qual não consigo me identificar. É como se minh'alma estivesse sufocando, como se eu estivesse em uma gaiola onde não posso pensar, sentir ou buscar a verdade por conta própria!”

Um clarão febril cintilou nos olhos de Joaquim e sua mão cerrou-se em um punho, cada músculo de seu corpo tenso como um acorde prestes a se romper. ”Isso é ingratidão, Maria! Há pessoas que dariam tudo para ser Testemunhas de Jeová e aprender a verdade! Eu não criei você para duvidar de sua fé e busca-la em heresias e outras religiões!”

Maria encarava o chão, seu coração em frangalhos. ”Mas, papai, a verdade não seria maior do que o medo de buscá-la? Acredito, sinceramente, que as Testemunhas de Jeová não são o único caminho para Deus. E embora eu saiba o quanto você quer me proteger, não consigo mais carregar o peso da doutrina em minha alma, tampouco deixar a chance de encontrar minha própria fé escapar por entre as grades da dedicação impostas.”

Por um segundo, o rosto idoso e cansado de Joaquim vacilou, a máscara de zelo e determinação se desfazendo para revelar o olhar desolado do homem que amava mais do que sua própria vida. Lágrimas ardentes brotaram em seus olhos cansados e o peso de sua mão caiu ao seu lado, como a foice abandona o espírito quando a batalha termina.

”Maria, minha filha, eu estou profundamente preocupado com você. Se desviar do caminho que traçamos juntos pode ter implicações graves. É preciso refletir sobre tudo o que ouviu e aprendeu na última hora e lembrar o motivo pelo qual é uma Testemunha de Jeová.”

O espírito impetuoso pelo qual Maria era conhecida brilhou em seus olhos, e ela olhou diretamente para seu pai enquanto respondia, a coragem de um passáro umedecendo suas penas para o primeiro voo.

”Pai, eu não quis ferir seu coração e nem desprezar as crenças de nossa família. Mas meu espírito clama pela liberdade de buscar minha própria verdade e minha conexão com Deus. Sei que não há lugar para quem pensa assim em nosso convívio. Eu te peço, por tudo que sou e serei, deixe-me seguir meu próprio caminho e descobrir a fé que tanto anseio.”

Joaquim olhou longamente para sua filha, e uma mistura de arrependimento e era visível em seu semblante, como a sombra de um deus que perdoa e entende a humanidade. Ele abraçou-a longamente, em silêncio, um silêncio em que a decisão era irrevogável e um adeus encapsulava a promessa de abandono e redenção.

A chuva cessara, e o sol dourado e oblíquo começava a banhar o jardim com uma luz morna e envolvente, formando um arco-íris no horizonte, como se Deus mesmo estivesse testemunhando aquele momento singular e comovente.

Naquele abraço, Maria sentiu o amor e a compreensão de seu pai, e soube que, apesar da dor e da dúvida, aquela era apenas uma breve despedida. Através das árduas batalhas internas e dos sacrifícios do seu coração, ela estava trilhando o caminho de sua própria redenção e despertar espiritual.

## O papel de Alberto Nogueira na dúvida de Maria

### Capítulo 5: Desvelos do Destino

Maria sentia-se extenuada, subjugada pela carga tormentosa das aflições e da renitente angústia que despedaçava-lhe a alma fragmentada. Sombras nebulosas dançavam nas espirais confusas de sua mente, açoitados perversos em uma arena cruciante e alucinante.

Com a determinação de uma peregrina à mercê do périplo que a vida reserva aos indispensáveis, ela se encaminhou em direção ao lar de Alberto Nogueira, o ancião venerável e austero que outrora conquistara seu apreço e

submissão, mas agora lançava-lhe o jugo de uma autoridade contestável.

O vento, uivante como coros malditos e amaldiçoados, exigia seu tributo pagão às trevas que rondavam em torno do pequeno portão de ferro forjado no caminho tortuoso de Alberto. Maria, trêmula como um passarinho acochado pela inclemência do destino, empurrou o passadiço com firmeza e cruzou a soleira do belvedere onde promessas e segredos graves e macabros aguardavam.

A casa de Alberto, que outrora lhe parecera um templo acolhedor e enérgico, onde os convivas se reuniam em honra e celebração ao seu Deus, agora lhe ressoava como uma câmara mórbida e inóspita, onde o jugo do medo e da intolerância dominava inapelavelmente.

“Maria, você veio.” A voz de Alberto, trêmula como o recôndito arcano e onipresente que antecede a soturnidade do crepúsculo, brotou das sombras e lançou-se ao espaço daquele cômodo abafado, onde a escuridão se debatia pela supremacia com a luz trêmula e intermitente das velas. Maria o olhou nos olhos, gélidos como o abismo que separava a mulher de outrora daquela que se erguia agora à sua frente, desafiando a antiga ordem e os poderes que a dominavam.

“Sim, vim confrontar-te, Alberto,” respondeu Maria com veemência, sua voz fincando-se no ar como uma lâmina afiada e inquebrável. Em seu coração, cantarolavam cânticos de esperança, como os rouxinóis que saudavam o amanhecer após a travessia sombria.

Os olhos de Alberto se estreitaram, faíscas ferozes e inquietantes bailavam como brasas ardentes em sua consciência turva e desafiadora. Se fosse uma tempestade em um céu implacável, Maria seria a bruxuleante estrela-guia que o conduziria à outra margem da redenção.

“Então diga o que tem a dizer, Maria. Descarregue o peso de suas convicções e dúvidas, antes que as chamas da heresia consumam sua alma.” Alberto falou com acidez, a sombra de um sorriso irônico e petulante desenhando-se em seus lábios enrugados e austeros.

Maria respirou fundo, as palavras inundando seu ser e rompendo as barreiras do silêncio e do medo. “Alberto, é com um coração pesaroso que lhe confesso que não posso mais me submeter às leis inflexíveis e arbitrariamente impostas pelas Testemunhas de Jeová. Fui desprezada e vilipendiada por aqueles que outrora me abraçaram como uma irmã e companheira espiritual. Chegou o momento de enfrentar a verdade: me

sinto aprisionada e sufocada por esta doutrina!”

O ancião a fitou como se encarasse uma terrível e trágica revelação, os astros e constelações remanescentes em sua mente sendo tragados pelo negro abismo de suas convicções em ruínas. ”Maria, você entende o que está dizendo? Você entende o preço a pagar por tamanha heresia?”

Ela encarou o homem com ares de dó, os olhos tão castigados e astutos como a flor que desabrocha nos jardins da adversidade. ”Sim, Alberto. Estou ciente de que me exilarei, de que me afastarei da comunidade e serei renegada pelos que chamava de amigos.”

Súbito e irreprimível surgiu, então, como lampejos incongruentes, um clarão ardente e irresistível nos olhos soturnos de Alberto, como se uma estrela reluzente no firmamento distante viesse, voando em um arco triunfante, lançar - se na escuridão fumegante que o envolvia. Com redimida ternura e angústia, o ancião aproximou - se de Maria e tomou - lhe as mãos entre as suas, ásperas e crepitantes.

”Maria, já não sou mais o mesmo homem que forjou e moldou as frágeis almas de minha comunidade. Suas palavras, embora lancinantes e como uma adaga afiada, trouxeram - me um despertar imperceptível e essencial. Estou tão perdido e abandonado quanto você nesse deserto de dúvidas e incertezas.”

Maria, iluminada por um delével e secreto deslumbramento, encarou o homem à sua frente com grande curiosidade e entendimento. ”Alberto, não importa qual seja a verdade que buscamos. O essencial é que, nessa jornada, aprendamos a nos encontrar.”

E naquele abraço enleado, onde o frêmito da redenção e o despertar fundiam - se em uma espiral fugidia de luminosidade e penumbra, Maria e Alberto se foram, reconhecendo nas linhas tênues e sombrias de suas almas a promessa inabalável do alvorecer espiritual.

## **Semente do autoconhecimento e primeira busca pela verdadeira fé**

### Capítulo 7: O Ressoar dos Sentidos

Maria caminhava a passos trôpegos pela vereda estreita e antiga que serpenteava entre hortênsias e jasmims emurchecidos pelo abandono. O caminho, que fora outrora um santuário onde ela buscava paz e refúgio

das expectativas escaldantes de sua comunidade, converteu-se agora num labirinto de inquisição e desespero, onde somente os ecos de sua própria amargura e dúvida ressoavam entre as muralhas sufocantes de silêncio e escuridão. Suas sombras sufocavam sua alma e em sua mente nuvens sombrias se reuniam, avolumando-se, prenes de um martírio inescapável que repuxava suas vísceras e se escondia nas frinchas de sua consciência transtornada.

Era ali, naquele limiar entre a lucidez e a aniquilação, que Maria tropeçou na Arca de Pandora de teias e sombras que se bifurcavam e se retorciam vorazmente em teias gosmentas, cada uma delas partindo e se retorcendo como siris estiolados e famintos. As trevas engoliam os raios tímidos de luar que se aventuravam por entre os vãos das folhagens, uma despedida sussurrante e líquida que se derramava sobre os abismos prateados da noite.

Seu coração, que estivera palpitando furiosamente entre as grades carcomidas da dúvida, respirava nodoso e descompassado, como a mariposa cativa que busca freneticamente a eloquência de uma chama efêmera, enlaçada pelas pérfidas teias do destino. E ali, em meio ao vale de lágrimas e promessas desfeitas, ela estendeu a mão, hesitante, e tocou a textura líquida e sombria das incertezas que haviam colonizado seu ser.

”Isto é o que sou agora”, murmurou Maria consigo mesma, sua voz titanizando-se num silvo de lágrimas, escarafunchando as feridas ainda bélicas de sua própria insanidade. ”Uma criatura infame e retorcida, uma sombra de quem fui e de quem poderia vir a ser se minh’alma não estivesse enclausurada neste cemitério de lágrimas e fogos fatuos.”

Envolta em sua mortalha de penumbra e fragilidade, ela levantou os olhos lacrimosos e abriu-os languidamente, como as pétalas de uma rosa que nos desperta uma oração entre a poeira e os fulgores do dia. E foi então que Maria vislumbrou, como um arcabouço trêmulo nos confins do abismo, uma pincelada de luz, efêmera e fugidia como o aroma que se estiola numa brisa evanescente.

”O que é isso?”, indagou ela, a voz roufenha e ávida, como se buscasse sugá-la para dentro de si e rete-la entre os dedos tépidos e perolados de sua consciência desfalecida.

Não obstante, a resposta pairava inalcançável no adejar das sombras que a espreitavam entre a luz e as trevas, como um mordomo solene e impassível em sua negra armadura de reflexos enluzados.

Entrelaçadas como fios frágeis e incandescentes, uma tapeçaria de mistérios tricotava - se em seu ventre, e Maria, num maquinal e súbito gesto, veio a reconhecer - se, com prodigiosa lucidez, como uma oferenda efêmera e profana num altar de sacrifício e perdição. A semente do autoconhecimento havia eclodido num gérmen perverso e retorcido, expandido as raízes charcosas de sua própria desolação e aflição.

Permeada por uma ânsia de compreensão ímpar, ela empunhou a adaga invisível da busca e do querer e, com a perene carcaça de sua própria redenção pesando - lhe os ombros e bracejando em convulsões agonizantes no âmago de seu coração sobressaltado, Maria adentrou as terríveis vastidões da noite em busca daquilo que jamais ousara nomear: a verdade.

Avaliando a escuridão, entre salmodias exsanguês e gritos mudos que lhe arrancavam a retina e logo se extinguíram como o sopro que cessara de soprar na frigidez da noite, Maria procurou domar as feras que, farejando - lhe o rastro, urdiam - lhe as armadilhas mais perversas e bárbaras jamais imanadas pelas emanções polutas das trevas.

E a cada passo triunfante que a conduzia pelas águas serenas e paridas do infinito, Maria embebia - se no discurso trêmulo que lhe insuflava a convicção e a sensatez. Soturna, ela contemplou, entre o sopro agônico e o estalar flamejante dos ramos ressecados pela terrível seca que assolava a vegetação inerte e longínqua, a verdade luminosa que fulgorava à sua frente e, enamorada de seu próprio reflexo, envolvia - se como uma serpente obediente no punho límpido e irreprímível do desígnio divino.

A luta, árdua e encarniçada, trouxe a Maria uma clareza de propósito e destino. As fagulhas daquela verdade reverberam em seu coração como o estertor titanarante de um cometa que se alheia às escuridões e galga o éter imenso em busca de mais luz, mais sentido e mesmo o incognoscível.

”Sendo o que sou, aquilo que devo enfrentar”, murmurou Maria para si mesma, as convicções engendradas no berço flamejante de sua alma emanavam como lavas incandescentes em erupções de vida e renascimento.

## Chapter 2

# O Confronto

Maria acordou aquela manhã com a lassidão dos condenados num convés tenebroso que se avultava ante as sombras do amanhecer, as chagas profundas de sua alma se entreabrindo como olhos rubros e inquiridores ante a opressora penumbra.

No silêncio trêmulo e lúgubre que se impunha sobre os cômodos sombrios da casa, Maria conseguia sentir o peso da verdade estalando em seu peito, ígneas fornalhas que consumiam os lenhos ressecados e estaladiços de sua fé, outrora sólida e imperturbável.

A certeza que havia tocado seu coração naquela noite sombria e inescrutável tornara-se agora um farol solitário, um raio que cortava a nevoa de dúvidas e ressentimentos como um edifício de luz a se erguer das andanças imprecisas e escaldantes do destino.

Com um gesto arrojado, ela se levantou e caminhou até o espelho; e nos olhos que se fitavam no fundo daquele poço de greda e aprumos mesclados de penumbra e mistérios, vislumbrou as brasas dos questionamentos que rugiam no âmago de sua consciência, labaredas que se retorciam em danças malditas e vulcânicas de um despertar infindável e absoluto.

Foi então que a decisão se impôs a sua mente, clara e límpida como um céu azul após uma tempestade impiedosa. Maria não poderia mais conter os anseios que a consumiam, os furacões de dilemas e inquietações que desmoronavam os alicerces de sua fé até então inquebrável.

Naquela mesma noite, Maria decidiria seu destino.

O ar da cozinha se tornara espesso e doloroso, as pausas na conversa eram quebradas apenas pelos sons roufenhos dos olhos estalando nas órbitas,

como borboletas capturadas e implorando por liberdade em meio a um véu escandaloso de pasmeira.

Sentada à mesa, Maria desmoronou-se em seus próprios questionamentos e dúvidas aos pés de Joaquim, seu pai opressor e irreduzível, aos olhos de quem ela parecia se arrastar, como um animal ferido e carente, a procura da redenção e do bálsamo que aliviasse suas dores e lamentos.

Sua voz, aguda como pregos cravados nas tábuas que cerravam o peito e os pulmões de seu pai, partia-se e se dobrava como as asas de um pássaro faminto e exasperado pelo peso do desespero e do cárcere que ameaçava engoli-lo.

”Pai, eu não consigo mais fingir. Minha fé está se desmanchando como areia que escorrega entre meus dedos, e eu não sei o que fazer para segurar.”

Joaquim Sousa, um homem que outrora ocupara o pedestal da dedicação e da lavra aos seus familiares, agora se encontrava destroçado e diminuto diante daquele borbulhar de emoções e lágrimas que se alastravam diante de seus olhos, como um mar de angústias e tormentos que traduziam o sofrimento e a desolação num requinte cruel e apalermado.

Sua voz, profunda como o abismo de suas convicções e da fé que cimentara sua alma e se refletia em cada olhar ardente que lhe ardia das profundezas do ser, levantou-se como um punhal, irrevogável e afiadíssimo, a lacerar a penumbra que se propagava nas retinas inquietas de Maria.

”Você deve entender, filha, que o caminho que você escolherá ao desviar-se das Testemunhas de Jeová não é o que Deus destinou a você.”

Clarice, que até o momento acompanhou a cena com os olhos assombrados de quem presencia um abismo se abrir sob seus próprios pés, respirou fundo e quebrou o silêncio voraz que se impusera pela primeira vez.

”Joaquim”, disse ela, com a voz repleta de angústias e clamores que se atropelavam como caniços num vendaval de desesperos e torrents de incertezas, ”você não vê o sofrimento de sua própria filha? Você não percebe o quão torturada e angustiada ela se encontra, clamando por um sinal, um raio de luz nestas trevas em que se encontra?”

Inabalável como a Pedra de Sísifo, impenitente perante a sede de redenção que eruptava à sua volta, Joaquim encarou os dois pares de olhos fitos nele como flechas de julgamento e severidade. No cerne de sua alma, enfrentava a vicissitude do carmim que repuxava-lhe as convicções enferrujadas e a castidade rigorosa, que o mantinham preso à tábua de salvamento da fé.

”Filha, ouça o que lhe digo”, retorquia, brios e ferozes explosões brotando-lhe dos olhos como fagulhas desabridas e impetuosas. ”Você não deve se precipitar nessas águas turvas e perigosas, pois o que nos espera é a perdição, a aflição da alma e a dostância do Senhor.”

Maria encarou o rosto marcado de seu pai, as rugas como sulcos profundos talhados pelos anos de fé inquebrantável e convicção monolítica. O renascimento que aqueles raios da verdade haviam trazido à sua vida fragmentada custaria-lhe um preço inimaginável e profundo, o abismo das incertezas e a solidão de um caminho trilhado por poucos.

No entanto, encarando seu maior inquiridor e opressor, sentiu pela primeira vez em sua vida a mais pura e intuitiva sensação de liberdade, uma luz incandescente e imorredoura que se alastrava em seu peito e tingia sua alma com faíscas de uma verdade inquebrável e sempiterna.

”Pai”, respondeu Maria, a voz límpida e líquida como um riacho que se entrega à veracidade do correr da água, ”eu não posso mais me submeter a essa doutrina. Eu escolho buscar minha própria verdade e caminho neste mundo. Que Deus me perdoe, mas não posso mais viver essa vida tal como ela é.”

Era o anúncio de sua liberdade e o marco da perenidade de seu conflito, um incêndio que queimava no coração de Maria como a forja da renovação, enquanto o olhar de seu pai se entorpecia num vazio doloroso e infinito.

## O questionamento das doutrinas das Testemunhas de Jeová

### Capítulo 2: O Confronto

Maria se sentiu afogada naquele turbilhão de hinos, salmos e preces que brotavam dos lábios ressequidos e cansados de sua comunidade. As ressonâncias puritanais das vozes que se elevavam em alaridos cansados de obediência e sujeição, fincando mais uma estaca no coração empoado e balouçante de seu próprio dilema íntimo.

A criação religiosa rigorosa se refletia em cada olhar furtivo, em cada passo hesitante que espreitava os corredores acarpetados e esquálidos das Testemunhas de Jeová. No entanto, um pensamento lhe ocorreu, atormentador e voraz como o fogo que lhe consumia as retinas e o âmago de sua fé: e se tudo aquilo era uma mentira? E se todos os seus anos de conformidade

religiosa, de obediência patética aos ditames das Testemunhas de Jeová, lhe houvesse roubado a verdadeira essência de si mesma e sua relação com Deus?

Nessa balbúrdia que emergia em borrifar de idéias espumantes, Maria se agarrou na possibilidade de um futuro desconhecido e incerto, onde o peso do medo e da vulnerabilidade malograra seu coração fantasmagórico e estiolado.

Foi então que seu olhar ousou enfrentar o rosto de seu pai, Joaquim Souza: um homem de traços vincados, mãos calejadas pelo trabalho e uma fé imperturbável que envolvia cada pilar de sua vida. O mesmo homem que agora, como uma sentinela alta e inflexível, observava cada movimento, cada respiração descompassada de sua filha perdida e questionadora.

Entre o burburinho das vozes e o estampar lancinante e opressor das portas e pisadores das salas de guardar maldições, Maria ergueu sua voz trêmula e aterrorizada para confrontar sua família, sua comunidade e o próprio Deus.

”Pai, preciso falar com você”, disse, a voz vacilante dividindo-se em tremores e murmúrios agonizantes.

Enternecido pela angústia que palpava na voz de sua filha, Joaquim encarou Maria com um olhar que expressava um misto de preocupação e desafio.

”O que se passa, minha filha?”, perguntou, a voz baixa e contida como um murro que invade a quietude de uma noite sem luar.

”Eu...”, começou Maria, hesitante, engolindo em seco o fogo que ardia em sua garganta. ”Eu não consigo mais seguir adiante como Testemunha de Jeová.”

Houve um silêncio abafado de espanto e incredulidade que invadiu seus ouvidos como um grito cristalino de aflição. Diante de si, Maria via a figura ereta e imponente de seu pai fragmentar, despedaçada por um arremedo de negação e compaixão contida.

”Maria... Você não pode realmente acreditar nisto”, sua voz falhou, soando áspera e dolorida.

Como resposta, Maria encarou o rosto de pedra de seu pai, o sufoco agonizante de sua dificuldade em respirar raspando e arquejando como a respiração ofegante de um animal acochado.

”Não apenas acredito, como sinto, pai. Sinto em meu coração que não

posso continuar neste caminho”, confessou, o medo e a vulnerabilidade em sua voz transpassando a atmosfera densa e sufocante.

Joaquim fechou os olhos e inspirou profundamente, na tentativa de assimilar o golpe desferido por sua própria filha. Em seu íntimo, a fúria e a dor se combatiam, dilacerando - o em uma complexa rede de emoções e deveres despedaçados.

”Se essa é a decisão que você quer tomar, então você deve estar preparada para enfrentar as consequências, Maria”, ele pronunciou finalmente, sua voz cortada pelo emudecimento angustioso de sua alma, o som grunhido das palavras evaporando no oco do silêncio.

A certeza absoluta daquele pronunciamento afiado atravessou o coração de Maria como uma flecha de resignação e desespero. Pela primeira vez em sua vida, ela percebeu que a verdade poderia ser um punhal na carne lacerada de sua existência e de sua fé, apontando o caminho ensombrado e incerto que desvendava sombras e assombrações nas retinas engessadas e defenestradas do ocaso.

”Então enfrentarei”, murmurou, o tremor profundo em sua voz uma miscelânea de coragem e desânimo, ”pois não posso continuar a viver neste cárcere, sufocando meu espírito e minha verdade em nome de uma fé que não mais me pertence.”

Joaquim mirou sua filha com um olhar vago e enegrecido, as chamas da verdade e da renúncia alastrando - se em seus próprios olhos, uma convicção amedrontadora que repuxava o crepúsculo de sua alma pendida e despedaçava todas as certezas que aprendera em seu mundo escuro e lacrado.

”Que assim seja”, ele disse, a voz titubeante e repleta de uma desolação inexprimível, projetando em sua mente o futuro incerto de sua filha e os desafios que enfrentariam juntos. A decisão de Maria era apenas o início de uma batalha agonizante, um conflito que a testaria até os limites de sua fé e a verdade de seu coração em chamas. A luta pela liberdade espiritual, longe das amarras impostas pela rigidez inflexível das Testemunhas de Jeová, já havia começado.

## Conflitos internos de Maria sobre sua espiritualidade

O sótão abafado encontrava - se impregnado por um aroma de poeira e invernáculos penitentes, profanando cada superfície em lençóis cinzentos de impassividade. Espreitada por olhares ancestrais de daguerreótipos sombrios e velhos livros evocativos de preceitos desvalorizados, Maria repousava sobre sua cama, o coração descompassado numa cacofonia de anseios e lamentos, como cisnes a bater asas no pântano de pensamentos pantanosos dessa noite de vigília e meditações.

Naquele quarto de penumbra e sibilos do tempo, Maria rememorava as palavras que sua avó, outrora fiel e devota Testemunha de Jeová, confidenciara - lhe às vésperas de sua partida para o além. Memórias de antigas orações e apelos aos céus eram como goivos insepultos na lápide de sua consciência, que soterravam-na cada vez mais nas veredas sinuosas e abissais de renúncias e expiações.

"Fé, minha querida", murmurava sua avó, a voz trêmula e leitosa como a bruma alva ladeando montes agrestes e feéricos nos albores da alvorada, "a fé é aquilo que nos dá força para seguir adiante, mesmo quando o caminho parece tortuoso e enevoado."

Maria questionava - se: até onde sua fé poderia levá-la? Teria ela aclives suficientes para alcançar as estrelas que agora se escondiam envoltas em névoas astrálicas, no cenário sombrio de sua alma faminta por respostas?

O zumbido das inúmeras perguntas e interrogações que lhe trespassavam o crânio parecia escavar um abismo infinito em seu peito, um buraco negro e escaldante que sugava cada vertiginho de certeza que, um dia, iluminara o estilbene das convicções em sua mente.

Impulsionada pelo turbilhão de dúvidas e dilemas, Maria rendeu - se a um candor nubento de esperanza intercalado entre as chamas da incerteza e o frio gélido das perdas e desenganos. Fragmentos de pensamentos rebelados penetraram seu coração à luz das madrugadas agonizantes, lacerando em uníssonos as correntes de cobre esmagadas no dorso do destino.

Era impossível manter o silêncio, a ignomínia de abafar a tormenta de pensamentos em seu peito dia após dia, envolta nessa garoa de frialdade e medo que banhava suas esperanças e desafios dilacerantes. Verberando em uníssonos com a dissonância de sua existência interpenetrante, Maria queimava a seiva das renúncias e da vassalagem ao pecúlio que encerrara

sua alma na prisão mórbida e fétida das devoções acorrentadas.

Na torrente de escombros e vestígios da sua vida outrora colorida e vibrante, em meio a uma chuva de prantos e súplicas, Maria encontrou refúgio em uma possibilidade afastada, mas não inteiramente impossível: a chance de criar seu próprio caminho espiritual trilhado por vias selvagens e desbravadas como florestas de coníferas e neblina lúcida.

Foi nesse momento, nessa faísca de verdade e clarão que fulgia no vórtice da tormenta, que Maria percebeu que deveria enfrentar seu maior medo, espantar os demônios que a consumiam e acender a tocha selvagem de sua própria fé.

”A fé...”, sussurrou a si mesma, sentindo as palavras arderem em sua língua como brasas vivas e crepitantes de um fogo santo. ”A fé será meu guia.”

Em meio ao mar revolto de suas emoções e desesperos, Maria começou a perceber que havia mais do que sombras e medos dentro de si mesma. Existia, de fato, uma chama ardente e indócil que se mantinha ocultada, um fogo que nunca se apagara, mesmo sob o peso das imposições e restrições do mundo ao seu redor.

Com a redescoberta dessa força interior, Maria começou a entender que a fé que a sustentara por tanto tempo habitava um solo mais profundo e misterioso - um terreno de liberdade, de vontade e de coragem jamais explorado. Um terreno que só poderia ser descoberto quando estivesse disposta a enfrentar e transpor os limites de sua própria escuridão e solidão.

Era essa fé, essa virtude flamejante e repleta de êxtases indomáveis, que guiaria Maria até a aurora do seu despertar espiritual, enfrentando os desafios e tempestades que estrilavam no horizonte e iluminando o caminho incerto e desconhecido que deveria trilhar em sua busca pela liberdade e pela verdade divina.

## **A família e a comunidade percebem a inquietação de Maria**

### Capítulo 2: A Ebulição do Desespero

A notícia se espalhou como pólvora, escaldante e incontrolável, galopando pelas vielas sinuosas e porões desdentados da pequena cidade de Belacruz, que acalentava em seu útero de pedras e saudades as almas desafortunadas

e contritas de seus habitantes. O rumor de que Maria Luísa Souza, filha diletta e ungida do discípulo inflexível Joaquim Souza, havia renunciado à fé, levantando o estandarte da apostasia e do golpismo, abateu-se sobre os corações de todos aqueles que a haviam embalado no ofuscante cristal do orgulho e da devoção.

Naquele dia, nublado e desbotado, o mundo de Maria encolheu-se em frestas minúsculas e corações virulados, esquartejando de seu peito aquilo que as Testemunhas de Jeová haviam considerado como absoluto e irremovível. Na horta dos carniçais e dos perdões, Maria sentia-se estranhamente alheia àqueles que antes compartilharam com ela o pão e a saliva da fraternidade e da cumplicidade, despojada de sua couraça comunal e lançada no abismo da solidão e do repúdio.

Erguendo-se como a sombra de uma velha alcova de lágrimas e ar-fadas, Maria percorria os espaços e remorais de sua infância, cada rincão empoeirado e exalar de lembranças empalidecendo e se desintegrando sob o facho lamurioso de sua pele lacerada e sua voz baça. A cidade já lhe mostrava as presas afiadas e amargas de seu distanciamento, os ossos encurvados do julgamento implacável a fustigá-la como chicotes e punhais abjúrio.

”Foi o que você escolheu, minha filha”, murmurara Joaquim em sua última tentativa falida de redimir a filha desgarrada. ”Você escolheu trilhar seu próprio caminho e carregar o fardo de enfrentar as consequências.”

Na penumbra estoica e inamovível de seu lar desmembrado, Maria ouvia o eco inapaziguado e amargurado de sua cripta silente, o farfalhar fustigante da renúncia e da inclemência martelando e trespassando cada fibra de sua alma agonizante. Aqueles a quem amara agora mostravam o verniz da sanção e da condenação, suas falas transformadas em géisidos cortantes e serpentes ofídicas.

”As pessoas falam, Maria”, desvelava-lhe sua mãe, enquanto descascava salpintadas de casca e lágrimas da hortaliça mambembe e sibilante. ”Eles falam de sua decisão e de tudo o que fomos nessas paredes encravadas de fé e esperança. Vai demorar para que os vizinhos, os irmãos, parem de encarar a nossa casa como um mausoléu de orações e assombrações.”

O silêncio de Maria arroxava em atmosfera opaca e escarlata, devorando a luz do candeeiro e o tremular das chamas lágrimas sobre seu rosto anidialetativo. Num rompante de coragem e insensatez, lançou-se sobre a pele mantada de seu monólogo lícido, a voz trincada e estilhada como um

vaso de cerâmica derramado no chão:

”Ninguém quer me entender, mãe.”

Em um sopro trêmulo e falhado, Maria tentou aprumar seu discurso, a ponta de sua língua já descarregada e umidecida pelo turbilhão de palavras e declarações que suplicavam por escape e afago. Mas sua alma já estertorava sob o peso de seu fardo, o cansaço anêmico e as correntinas de sua liberdade domada.

## **Joaquim, o pai de Maria, confronta-a sobre suas dúvidas e questionamentos**

### Capítulo 2 - O Confronto: O Redemoinho Incontido

Nos escombros do dia morrente e as cinco badaladas tremelicantes do relógio de paredes rancorosas e não mais atraentes, Maria sentia-se como uma criança espreitada pelo imponente e desconcertante ignóbil, as mãos esqueletadas e sofredoras em constante aninhurração e latejo. A morte lá fora parecia atijar seus uivos sincopados e retintas náuseas, tateando os tímbricos veios do esmorecer e apalpando seu pescoço em vão árduo de resistência e devaneios.

Foi naquele instante, com as pálpebras a pingar pálidas neblinas de luta e cansaço abissal, que Maria viu os edifícios de sua alma arrostando-se em um desmoronamento graveolento e amargoso, já que a torrente de perguntas profanadoras e caninas parecia borrar cada canto e cena do cenário mundano e opressor que chamava de lar.

Havia algo na sua alma que deveras perturbava os pássaros da noite e os cantos modulados da cela porfiosa e resignada em seus ombros. Toda vez que aquela mão, aquela garra fosforescente e travessa, escarnecia e solapava a pele esticada e dolorida de seu ventre e plexo, Maria quebrava-se e dissolvía-se em um torpor ardente e fulgurante, envolta no brunido metal das folhas precipitadas e o murmúrio sibilante do vento quando atravessava as bocas engargalhadas do crepúsculo.

Ao ouvir a porta escancarar-se em bombástica renúncia e abandono, Maria sentiu-se como um féretro de autoresquícios e medos a desapoderar-se pelas estelas e levante, suas pupilas drenadas e galgantes como estertores de marulhos e desenganos. A sombra onipotente e irremediável de Joaquim Souza, seu progenitor e mestre, deixara-se abater sobre a antessala do

quarto em revolta, sua sombra abrindo - se como facas e agulhas em um medo peçonhento e lacônico, como um tigre prontificando - se para o bote silente e furtivo.

"Maria", envolvia o vento, o eco cavernoso e recessado de sua garganta cravada em dor e ira insondáveis, "Quantas vezes já lhe falei que não tolerarei desvio algum nessa casa?"

A mão trêmula e vaga de Maria arvorou - se na direção do peito, um gesto de autoproteção e dúvida hesitante, como uma corça a calcular o salto num estreito rio de pedras e cascalhos. O olhar de Joaquim soube enconstá - la em puro desalento e trégora, o arabesco que gemia no fundo de sua alma cruelmente manietado e silenciado pelas pesadas paredes do contrarrompimento.

"O que pensa que está fazendo?" bramiu Joaquim, avançando sobre ela como uma tempestade de trovões e rajadas fulminantes, "Explorando terras proibidas e indescritíveis, soterrando a chama de seu amor ao Senhor com dúvidas e questionamentos?"

O sobrolho atormentado e lívido de Maria encontrava - se enlaçado e engrinchalhado em um grogue sarmentoso e áureo, relâmpagos tênues e flechaços comungando - se em seu páramo açoitado e deserdado. Por um malfado instante, Maria permitiu - se sucumbir ao orgulho eriçado e pensou em enfrentar os olhos basiliscos e ardentes de seu pai, porém seu coração bateu a pino e soou - lhe o alarme de que tal gesto poderia provocar um cataclismo naquela penumbra ancestral e amargoce.

Em vez disso, Maria optou pelo audacioso e amesquinhante caminho do lamento e da comiseração, sua voz chorosa e embargada sorvendo o derradeiro gume de sua resistência extenuada e seu ocaso assenza.

"Não consigo mais calar o que sinto, pai", gaguejou Maria, suas mãos hesitantes procurando no vácuo do encontro o amparo e a eloquência que lhe escapavam feito nuvens plúmbeas em dias de pascaço e andurial, "Eu creio que há algo a mais, uma verdade maior que talvez não exista entre as paredes das Testemunhas de Jeová."

O azedume emplastrado nos olhos mortáculos e ardentiosos de Joaquim fez com que Maria pressentisse um vinte - invernos em um instante, cada partícula de seu corpo arrepiando - se em cascata e despojamento de criar um redemoinho de frio e renegação no coração aflito. O rosnar sinistresco e o canto - arrastado da voz de seu pai, mais aprisionado e mortificado do que

jamais o ouvira, veio-lhe como uma bofetada de vento e sombras na sua face.

”É essa a sua fé, Maria? É com isso que pretende entregar à atualidade e ao desconhecido? Pois se assim for, que assim seja.” E com um berro que ainda repercutia nas paredes da lembrésia, Joaquim concluiu: ”Se você abandonar a fé que lhe ensinei nesta casa, então você abandonará esta casa para sempre.”

Maria hipnotizara-se naquele fio de dor e pedra sombria, estatuada na severa e lívida decência de sua incipiente e erma autodestruição. Enquanto sua alma escorria e se aglutinava em grutas labirínticas de renúncia e penúria, um acróstico sentimento de abandono e desamparo lentamente transmutou-se em combustível para sua determinação, como um aço de espadas sendo aprimorado pelas mãos de um ferreiro destemido e intrépido.

## **A discussão entre Maria e seu pai se intensifica**

### Capítulo 2: O Confronto - Tensões Crescendo

Maria Luísa Souza encontrava-se no parral sobre a pequena colina que dominava a cidade, suas mãos trêmulas ao tocar o vestido-émulo do crepúsculo. Os olhos ameaçavam transbordar com contrição tácita e agônica e um desespero que alcançava o abismo do coração, excoriando cada fibra de seu ser. A pungência do adeus estava a ferro e fogo recortada na sua face translúcida, que ardia nas fissuras da geada e das lágrimas enlutadas.

Não muito longe dali, em meio ao silêncio erário de sua residência, Joaquim Souza ruminava sobre a decisão da filha. A ira fulminava no âmago de seu ser e transbordava em uma intensa necessidade de compreensão - da rebelião de sua filha, do algo que os visitava com a sombra do escândalo, do desconhecido e nocivo caminho que Maria Luísa perpetrara. A pobreza de palavras e a amargura do gesto continuavam em duelo íngreme sobre a pele carcomida do seu rosto gasto, indícios da devastação de seu interior.

Em um dado momento, quebrando a cadência do silêncio, Joaquim ergueu-se com a determinação de um juiz prestes a cumprir a fatídica sentença. Em passos cambaleantes, caminhou em direção ao local onde sua filha se encontrava. Seu peito arfava como um animal ferido e acuado, mas o desespero cegava sua capacidade de contê-lo.

Com as feições convulsionadas pelo pranto e a garganta dilacerada

de suplicar soluções, Maria discerniu a aproximação árdua e peremptória de seu pai. O céu, antes tingido de fugazes púrpuras e azuis aquarelas, agora escurecia sombrio e atávico, oráculos borrados pela presciência do dilúvio que acompanharia o confronto. A penumbra desarticulou a máscara da imparcialidade e revelou um sombrio vaticínio que proteleu Maria em redemoinho tempestuoso.

Joaquim Souza estacou diante da filha, depreciando - lhe o olhar tristemente errônico e iluminado pelas tremulantes estrelas das desavenças. Um relâmpago arisco cruzou o céu e riscou um esgar níveo e tormentoso sobre a face amortalhada de Maria, vaporando - lhe na retina um vinco árduo de dor embalado pela palavra surda e retesada.

"Maria, você não faz ideia do mal que traz a este lar com suas insensatezes e afrontas!", bradou Joaquim, a imparcialidade e a ponderação afugentadas por mãos invisíveis de sua cavidade plenárea, "Você amaldiçoou nossa casa com sua perversão e dúvidas malditas!"

A ventania insurgiu, uivando como um cão amaldiçoado, como se babilizando, mesclando suas questões morais com a maldição urdida por uma filha.

Maria sentiu o pavor amuar - se no peito, um pássaro assustado e sem plumagem que buscava voo, mas era obrigado a emudecer. Prendeu a respiração, ansiando por encontrar coragem no silêncio do próprio coração. Com o cenho franzido e um lanhido áspero na voz, ela articulou sua resposta em meio ao clamor do temporal que se avolumava:

"Tudo o que quero, pai, é a verdade que transcendam essa religião e tudo o que nos ensinaram."

Joaquim, apesar das intermitências assombrada e excretora das palavras tardias, estava firmemente convencido de seu papel como autoridade macilentada e imperdoável no soçobrar das tempestades. Com os olhos avermelhados e a boca torcida em escárnio caústico, fulminou seu veredicto, alanceando seu coração em um acerto certo.

"Não tenho uma filha que renega a fé e a verdade ensinada por Jeová! Antes de admitir tal aberração, prefiro crer que nunca possui uma filha!"

O silêncio retomou seu reinado enquanto o vento carcomia os edifícios e os pelos das lágrimas entrecortadas, efeito um límpido espanto na face de Maria. Ela sentiu seu mundo ruir como as paredes em Jericó, o asspavento súbito numa avalanche que cobria seu espírito e o deixava prostrado e

aniquilado.

A tristeza e a resignação atenuaram a voz de Joaquim, música assombrada pelos ecos da memória e daquilo que fora outrora. Mesmo assim, sua determinação não vacilou em renunciar à filha:

”Se é a treva que desejas seguir, que assim seja.”

## **A reação de amigos e líderes das Testemunhas de Jeová diante do questionamento de Maria**

### Capítulo 4: A Reação da Comunidade e o Cisma das Amizades

A manhã havia nascido em tons de melancolia, como se o céu suspirasse diante das amarguras que o tempo possuía encoberto. Os pássaros lamentavam como plangentinoedores e os ventos uivavam em seu acasanto e desventura. Maria, já apartada da confortante última esperança do conforto familiar e sofrendo as consequências de seu afronto, agora enfrentaria o desafio de atravessar o Rubicão da comunidade que até então lhe acolhera, braços aberto e olhos espinhados.

O salão do Reino das Testemunhas de Jeová, onde outrora fora local de fervor e fé ríçamente condiscípulos, agora se apresentava como um cenário dantesco, onde cada voz se amparava no castigo e na difamação.

E não era somente a voz depreciadora e lamentosa de Joaquim Souza que agourentava fim e infâmia. Estava - se também a família Mendes, cuja mãe, Tereza, e filho, Luís, maldiziam igualmente o nome de Maria, considerando sua escolha de partir das Testemunhas de Jeová como sinal de fraqueza e iniquidade. Os demais membros da comunidade e mesmo alguns líderes, menos vociferantes, mas igualmente severizados e sofrendo pela dissidência do antigo membro, impossibilitavam - se em desviar o olhar que fuzilara tantos corações e introspecções em vida.

No centro dessa turva e tumultuosa correnteza encontrava - se Clarice, a amiga fiel de Maria, cujos sentimentos embalementavam - se na voragem que rasgava um coração em duas metades de lealdade e compromisso. Seus ouvidos captaram blasfêmias e maldizeres da autoridade de Alberto Nogueira, um ancião das Testemunhas de Jeová que vociferava o exílio de Maria como o justo castigo para sua incontrolável discosina.

Clarice percebeu que seu amigo Luís Mendes a sondava, tentando desvendar o mistério que habitava na intimidade de seu coração, surpreendendo -

lhe com indagações e insinuações que tangiam à perfídia e à traição. Seu coração açoitava - lhe o peito, e ela desconcertava - se em previsões calamitosas e conjecturas mesquinhas, temendo que seu íntimo mais retorcido fosse desvendado e exposto, amedrontada como um criminoso perseguido pelos sombrios labirintos da insegurança.

Luís Mendes então fendeu - a com um discurso exortativo, destemendo - se na maldileta e no augúrio, tomado pelo fervor de suas convicções firmadas em doutrinas e dogmas.

"Será que você também esconde em seu peito a mesma renúncia e a mesma prolação que sua amiga?" interroguiradiofônico, a face marcada pela desconfiança e pela crueldade do desiludir.

Clarice viu - se castigada por lealdades opostas que travavam uma batalha sanguinolenta em seu coração, agonizando em sua agonia. Enfim, em um lampejo de desamparo e rebelião, soltou um suspiro e uma confissão desesperada.

"Luís, não sei se Maria está certa ou errada, mas sei que ela sempre agiu por amor a Deus e não por desprezar nossas crenças", respondeu Clarice, trêmula e temerosa, "Quanto a mim... não posso negar que muito do que ela disse me fez pensar em outras possibilidades, mas ainda não estou pronta para abandonar tudo o que me foi ensinado."

Tão rápido quanto um raio, Clarice viu o falso véu de sua amizade rasgar - se, deixando - a exposta em sua vulnerabilidade e abatimento.

"Typica voluptária", interpetulou Luís Mendes, indo em seu encaço, a voz imersa em inédita virulência, "Pobre Clarice, oscilante entre dois mundos como uma barata tonta. Você traz um verniz de difamação e desgraça a todos nós por sua proximidade com esse sismo chamado Maria."

Antes que Clarice pudesse desmentir ou se defender, viu - se traída por todos aqueles que outrora lhe juraram lealdade e amizade, serpenteando os umbrais da isolatura e da catarse que abertos dos carozes das sombras da última trincheira.

## **Clarice se encontra dividida entre apoiar Maria ou permanecer dentro da comunidade**

Capítulo 5: O Dilema de Clarice - Entre a Amizade e a Fé

A noite estendia - se em sua quietude solene, aquietando os ecos mais

distantes e solapando as últimas luminárias na penumbra. Somente as estrelas, argênteas e nímias, adensavam a solidão do monolito que esporava emimpensável arfar, silvado pelos ares gélidos e porfiados do sereno. A fusão de solidão e estremecimentos de incerteza percutia nas paredes do coração de Clarice, reverberando em sua cavidade interior.

Encastelada no seu quarto pequenino e modesto, Clarice repetia em sua mente as ríspidas palavras lançadas contra ela por Luís Mendes e aqueles demais que antes se portavam como queridos amigos. Suas veias latejavam com a indignação e a desesperança, como se fossem cordas trêmulas em antemãos arremedos e dissonâncias. O medo rasgava sua alma e lhe esmaecia o coração, deixando somente um senso de perdição e desamparo.

Contudo, bem mais íng;embre do que a própria tempestade de emoções que a atormentavam, enchia -lhe o peito uma preocupação sem par com o destino de sua amiga, Maria, que agora sozinha trilhava o caminho inóspito do desamparo e da destinação forçada. A falta de notícias e informações acerca do paradeiro de Maria faziam com que Clarice se sentisse mergulhada na mais profunda escuridão, a alma ansiosa em desdizer e capóstrofe nos incertos anzóis do futuro.

Conviventavanoas no silêncio etéreo de seu quarto, Clarice sabia que não poderia postergar a decisão terrível que pairava sobre ela como algo pendular, ameaçador e ignoto. A cisão que se abria entre ela e sua fé, e entre ela seus amigos e irmãos de congregação, era uma orla inculpida no abismo de sua consciência que clamava por resolução e escolha.

"Deus, por que me deixas acuasustada e só?" bradou Clarice em seu dolorido relatar, a voz encurtando - se na protestação e no desespero, "Por que não alumias o meu caminho? Será tão vil minha pergunta, tão miserável minha condição?"

Enquanto a lamentação de Clarice jazia regurginável no espaço, ela sentiu uma estranha presença penetrar mudamente no seu quartinho recluso. O silêncio parecia abrir - se a olhos vistos e a atmosfera tornava - se gélida e electricitária, quase aguilhoante em sua senibrúpila. Tendo por único amparo seu medo e seu desespero, Clarice encolheu - se atrás da pesada cortina de sua janela, franziu os cílios e esperou.

De repente, um rútilo relampágil, claro como um dia, semeou seu aposento, tal qual se as estrelas em dédalo se abissinassem em sua direção, e Clarice se extasiou diante do facho diáfano e magestral que recortava a

escuridão e flutuava sobre seu coração prostrado.

Suas lágrimas escorreram silenciosas ao redor do visgo, tracejando efemeramente e resvalando em seu rosto em pedúnculo e tâmara. Clarice percebeu, no fulgor luminoso daquele momento sagrado, que havia uma resposta pulsando em seu coração, aguarida e venável, prêsola e ávida por redenção.

”Perdoo-te, Senhor, por pensar que estavas alheio a meu pavor”, arqueou Clarice, a gratidão embargada tremor e carícia, ”conceda - me a força e a coragem de seguir em frente, mesmo que o caminho seja unilateral e pantanoso.”

Com a benção do raio peterecido e a certeza de um coração fortalecido e inspirificado, Clarice rompeu de seu ísipido e doloroso asilo e voou indeterminada em direção ao desconhecido, em busca de sua amiga e de sua própria essência adubada - depositando sua fé e seu futuro nas mãos do único ser capaz de compreender as profundezas de sua alma fragmentada.

Havia chegado o momento de fazer uma escolha. Abandonar a rigidez da comunidade religiosa e se arriscar até o fim do mundo e além, só para encontrar Maria e descobrir por si mesma a verdade de suas próprias crenças.

Embora tremesse com a incerteza e o medo do futuro, Clarice sabia que não poderia voltar atrás. Praticamente fora expulsa de sua comunidade e, apesar de sua crença em Deus ainda ser forte, ela sabia que não poderia continuar a viver sob a opressão das Testemunhas de Jeová. Ela tinha que fazer o impensável - quebrar todas as regras impostas, ignorar as acusações e julgamentos de todos os que a cercavam e buscar sua própria jornada espiritual.

Ela estava determinada a encontrar sua amiga, Maria - mesmo que isso significasse enfrentar tudo o que já conheceu e desobedecer a todas as leis que lhe foram ensinadas desde a infância. Clarice sabia que, no final, sua amizade e fidelidade a Maria, e sua busca pela verdade valeriam todas as provações que enfrentariam juntas.

E assim, com o coração apertado e uma decisão difícil enfim tomada, Clarice respirou fundo e deu o primeiro passo em sua nova jornada - rumo ao desconhecido, mas também rumo à descoberta de si mesma e de suas próprias crenças. Pois a verdade que ela buscava não estava nas palavras proferidas por outros, mas sim no coração e na alma de cada ser humano, esperando apenas para ser descoberta.

## A angústia de Maria diante da pressão e julgamento de sua família e comunidade

### Capítulo 3: A Angústia de Maria

Na sala escura e silenciosa, Maria contemplava as janelas fechadas e sentia em sua alma a escuridão que a cercava. Os pesados cortinados eram como seu futuro imediato: um nebuloso e incerto vazio que parecia negar-lhe qualquer perspectiva de paz e redenção.

Fora das paredes edificantes da casa que abraçava sua dor e sofrimento, Maria sabia que a comunidade, antes receptiva e amorosa, configurava-se agora como um maremágnum de preconceito e julgamento. Moradores outrora amigos agora lhe lançavam olhares ferinos e pesarosos, como se Maria afrontasse tudo aquilo que conheciam e acreditavam. No crisar dos lábios severos e em zumbidos indiscretos, Maria sentia a reprovação e rejeição daqueles que antes lhe inspiravam confiança e fé.

Maria parecia ter sido julgada e condenada ao exílio sem nem mesmo lhe ser outorgado o direito de defesa, como se seu afastamento das Testemunhas de Jeová fosse um dilema doloroso vivido apenas por aqueles que continuavam firmes em suas crenças. Em seu íntimo, ela se questionava se realmente era a única a sofrer o desamparo moral e emocional ante os confrontos que lhe assolavam a vida.

Pressionada à beira do desespero, Maria manteve-se reclusa em seu quarto por dias a fio, enquanto a mão de ferro do julgamento e do dever de família pesava sobre ela como uma canga inexorável. O calor infernal do verão mineiro apenas exacerbava metaforicamente a sufocação que oprimia seu peito e inundava seus olhos de lágrimas.

Foi durante uma noite estrelada que Clarice Mendes, a melhor amiga de Maria, fez uma visita clandestina à casa dos Souza, movida pelo desejo ardente de trazer algum consolo à alma atormentada de Maria. Sob a luz vacilante das estrelas e um deslindagradado olhar de cumplicidade, Prisca e Cléber, portadores de confiança, guiaram Clarice pelos corredores sombrios e assoalhos rangentes até o quarto de Maria.

”Maria, sou eu, Clarice”, sussurrou sua amiga através da porta entreaberta. O alívio e a gratidão enchiam a voz de Clarice enquanto ela estendia cautelosa e amorosa sua mão através do vão da porta.

Com um gemido trêmulo de desesperança e surpresa, Maria deixou-se

puxar para fora de seu claro-escuro abrigo, os braços encontrando repouso tênue no abraço quente e firme de sua melhor amiga.

”Clarice... eu... não sei o que fazer”, soluçou Maria, afogando - se nas emoções que fervilhavam dentro dela. O rosto de Clarice foi uma lente para uma dor comungativa, mapeada no mar de silêncio e segredos compartilhados.

”Quis tanto falar contigo, Maria. Mas... tenho receio de ser descoberta”, confessou Clarice, o sussurro entrecortado pelo sentimento de sua própria angústia naquele momento, ”Não soubeste, mas houve severas advertências na congregação sobre qualquer tipo de apoio a ti. Teu pai, coitado, foi também chamado a prestar contas sobre tua decisão, e ele, arrependido, garantiu que estava a tratar do caso e buscaria arrancar do teu coração esse mal que te assola”.

Maria sentiu um clarão de indignação queimar dentro dela, desafiando a prisão arcabouçada de sua própria confiança e esperança em seu futuro. Ela fitou sua amiga com olhos resolutos, e sua voz assumiu uma nova verve e firmeza.

”Eu jamais imaginei que minha busca por respostas e o amor verdadeiro de Deus pudesse ser considerado um pecado tão grande”, respondeu Maria, trêmula e determinada, ”Se eles não conseguem ver isso, é porque estão mais preocupados com o controle e as regras do que com o verdadeiro sentido de ser uma Testemunha de Jeová”.

Um silêncio pesado ecoou entre as duas amigas enquanto encaravam a realidade da angustiante situação em que se encontravam e dos julgamentos crus que se revelavam em seus corações.

”Apenas... não desista, Maria”, implorou Clarice, as palavras quase imperceptíveis em seu anelo e tristeza, ”Nós estamos juntas nisso, e nós duas sabemos que o amor de Deus é maior do que qualquer obstáculo ou regra”.

Erguida e fortalecida pelos suspiros e palavras de Clarice, Maria anuiu com um sorriso tenso e apertou a mão da amiga como se a vida dependesse disso. No espelharem recíproco de coragens abalando corpos e almas, as duas amigas defrontaram a escuridão labiríntica de seu tormento, alheias às consequências que aguardavam seus destinos entrelaçados.

## A decisão de Maria em deixar as Testemunhas de Jeová para buscar um caminho espiritual próprio

### Capítulo 2: O Impacto da Escolha

Maria chorava, só, na penumbra de seu quarto sombrio. As paredes esmaecidas pareciam amontoar-se sobre si, emitindo uma aura opressiva e desconfortável que a envolvia como um manto de desespero e ressentimento. Sentia-se encurralada por sua própria realidade, quase incapaz de respirar.

Seus ombros frágeis e tremores agudos pareciam refletir os abalos sísmicos do que os adversos dias de decisão e confronto. Onde outrora houvera uma menina provida de alegria e prazer em seu caminho espiritual, agora estava uma jovem atormentada e dividida entre a lealdade a seus valores e a busca desesperada por respostas e verdade.

Era quase inacreditável constatar que a trajetória de Maria alcançara tal ápice de conflituosidade, um crescendo aparentemente inexorável em que seus questionamentos e indagações transformaram-se em uma espécie de demarcação de faustosas batalhas.

”Lembro-me ainda daqueles tempos... as memórias empanadas e tenras da inocência e da infância em que tudo parecia claro, leve, envolto na casamata de uma comunidade regida pela fé e amor”, pensei Maria, enxugando as lágrimas bruscas que escorriam de seus olhos, ”Porém, aos poucos, foress grácil ver como essa casca néscia ocultava regras e imposições despoticais. Condições estas impossíveis dejamais pactuar”.

Com um suspiro pleno de ressentimento e uma determinação resoluta que aflorava como uma serpente emerge das moteiras trevas, Maria tomou uma decisão que iria não só impactar sua vida, mas das pessoas ao seu redor e da comunidade inteira. Decidiu traçar seu próprio caminho, longe das Testemunhas de Jeová. Em busca de um relacionamento genuíno com Deus, Maria ousou abdicar o julgamento, o controle e a pressão exercidos sobre si por tantos anos.

No momento em que essa convicção gravou em sua alma, no entanto, convierteu-se algo paradoxalmente poderoso e temível. Maria sabia que teria que enfrentar o pai, Joaquim Souza - o homem que, embora amoroso e zeloso, parecia preso à teia rígida das crenças compartilhadas tanto por sua família quanto pela comunidade a qual pertencia.

A chegada do dia inevitável em que Maria e Joaquim se defrontariam

ressoava com o barulho de trovões distantes, anunciando o temporal que se aproximava. Na sala térrea em que se abancavam, era possível sentir a tensão espessa e densa, uma coesão oclusa e sufocante. Sabiam, no fundo coração, que aquela seria uma conversa que mudaria suas vidas definitivamente.

"Maria... a verdade é que me pesa o coração... mas não posso mais ignorar as notícias que chegam aos meus ouvidos...", começou Joaquim, a tristeza e o medo mesclados à severidade em suas palavras, "As líderes de nossa comunidade e nossos amigos falam... e temem por tua alma e devoção. Querem que eu intervenha nesta impiedade e que nós nos afastemos...".

"Não é impiedade, pai!", exclamou Maria, as palavras se desmanchando na comovente mistura de indignação e mágoa, "É... É um vínculo com Deus que não pode ser medido pelos olhos humanos e pelas tradições vigentes. Temos de ser livres para sentir... para experienciar, para buscar...".

"É justamente isso que não compreendes, Maria...", balbuciou Joaquim, suas mãos agarrando - se ao colar de pérolas fornecido por sua crença inabalável, "Não podemos ser livres. A liberdade é ilusória, e somente traz tormento e dúvida. Há uma verdade, e ela deve ser seguida sem questionamento...".

Sem mais palavras, Maria ergueu-se do assento arruinado, os olhos acesos como chamas de determinação e resiliência, um último vestígio de esperança sussurrado pela fresta da porta entreaberta. Com o coração repleto de uma coragem jamais antes sentida, Maria lançou um olhar emocionado a Joaquim, que também se via dilacerado pelo conflito.

A decisão de Maria em deixar as Testemunhas de Jeová foi, para ela, a epítome do auto - sacrifício e lealdade a si mesma e suas crescentes crenças. A busca por um caminho espiritual além das fronteiras estreitas de sua comunidade e de seus pais, Maria empreendia uma jornada de autodescobrimento, de confronto e de busca pela verdade absoluta que residia no coração de cada ser humano.

No espelharem recíproco de corações fragilizados e enternecidos, Maria e Joaquim Souza enfrentavam a escuridão desconhecida de um futuro incerto e distante, trilhando seus próprios caminhos em meio à neblina do destino e da fé moldada pela consciência humana e pela inevitável busca do divino.

E assim, Maria aventurava - se em um mundo vasto e desconhecido, buscando desvendar o mistério de sua própria alma e encontrar seu verdadeiro lar espiritual no vertiginoso e intrincado labirinto da vida, aprendendo a

conviver com o desmembramento e desapego, mas também encontrando paz e compreensão em seu profundo relacionamento com Deus.

## Chapter 3

# A Fuga

As últimas luzes do crepúsculo esmaeciam, tingindo o céu de um azul melancólico e abissal que parecia desvanecer-se em meio à sombra densa do manto noturno que se aproximava. O vento sereno mesclava-se com a brisa fresca dos primeiros sinais do outono, enquanto os risos e sussurros vagavam pelas ruas ladrilhadas da pequena cidade interiorana. Mas para os olhos incautos, a realidade encoberta pela penumbra alongada tornava-se um horizonte de desvios, desejos silenciados e anseios que rompiam os tabiques erguidos pela imposição sócio-religiosa.

Maria Luísa Souza fitava a paisagem pela janela de seu quarto, sentindo o pulsar vibrante de seu coração que parecia bater em resposta à cadência de seus medos e demônios internos. Sua respiração tornava-se cada vez mais difícil, como se os pulmões e traqueias fossem empacados de uma inquebrantável névoa agônica, aprisionando-a em um ciclo vicinal de ansiedade e terror que pareciam ilimitados e asfixiantes.

Com um suspiro tácito, Maria tomou a difícil e decisiva decisão que lhe esmagava os ombros e lhe atava os passos, libertando-se enfim das amarras que prendiam-na à vida que conhecia até então. Ela partiria, clandestinamente e com apetrechos escassos, rumo à travessia que apenas o futuro incerto poderia cindir como adaga de Prata dividindo mares.

Na sala humilde e minguada de sua morada, ela silenciosamente recolhia seus pertences, papéis que há tanto tempo sintetizavam a vida áustera que levava e a percuciente busca por um caminho genuíno e repleto de encontros com o divino. Sabia que o peso de sua escolha reverberaria como ondas lúgubres pelos corações dos que a cercavam, mas o desespero em

estar sufocada por regras, desperdícios e opressão era um apelo visceral e incontornável.

Aquele instante de cumplicidade com os objetos de sua vida decantada marcou um trilho árcade e labiríntico nos olhos cancelantes de Maria. Lágrimas brotavam como goteira solitária pela chuva, enquanto Maria agarrava na mão trêmula sua pequena bagagem e encarava a porta entrelaçada de adeuses e silêncios ensurdecedores.

Seriam os anjos quem lhe levariam nas asas de suas próprias esperanças? Seriam os pesadelos aquilo que transmutariam - se aos espectros que lhe assombrariam a passagem árida pelas pedreiras e veredas que lhe aguardavam? Maria não sabia, mas seu coração, no ardor do fio que lhe ligava à mente e alma, intuía que apenas o passo adiante lhe revelaria a verdade e os sentimentos que levam ao autoconhecimento e transcendência.

Febilmente, Maria lançou um olhar em derredor, a procura de sombras, pensamentos, quaisquer sinais que pudessem agulhoar a cicatriz aberta de sua fuga. Estaria sua família suspeita dos obscuros e misteriosos impulsos e frustrações que buscavam apartar - se de todos e unir - se apenas à luz que parecia lhe acarinhar o coração, como um raio de sol aquece a pele fria e ardida? Estaria Clarice, sua amiga íntima e confidente, atenta aos passos e ecoentes rastros deixados por Maria em seu caminho de findaçar o invisível e intangível?

No momento em que Maria tomou coragem para abrir a porta, um rumor feito um furacão esculpido em silêncios e lágrimas invadiu a casa, varrendo os pensamentos e as certezas. Foi apenas um gesto fugaz, mas bastou para deixar Maria alerta e com os nervos tensos, prontos para atuar diante das contingências que se apresentavam.

Passos hesitantes e um farfalhar de roupas indicaram a aproximação de alguém. Ao virar - se, Maria encarou Clarice, os olhos arregalados e vermelhos de choro, demonstrando preocupação e conflito. A jovem segurava na mão tremula umas notas amassadas de dinheiro, fruto de suas economias e esforços pessoais.

"Maria... Eu... Eu percebi o que você vai fazer. Eu não posso ir com você, não posso deixar minha família para trás. Mas... Eu entendo a sua busca e a sua necessidade de fugir desta vida", disse Clarice, as lágrimas marcando um caminho salgado por seu rosto.

Maria encarou sua amiga com um misto de gratidão, tristeza e admiração.

Aquela moça, com um coração dividido entre o amor pela família e a fidelidade a uma amizade verdadeira, lhe estendia a mão, um gesto derradeiro de solidariedade e esperança. Maria apertou a mão de Clarice e aconchegou-se em seu abraço, buscando encontrar forças naquele instante compartilhado.

”Obrigada, Clarice. Eu sentirei sua falta, mas sei que nossos caminhos vão se encontrar novamente no futuro”, murmurou Maria, desvencilhando-se do abraço e enxugando as lágrimas.

Com um último olhar e aceno, Maria abandonou a antiga vida para trilhar seus próprios caminhos, encarando a escuridão da noite e a incerteza do futuro, mas munida de coragem e determinação que apenas um coração buscando a verdade poderia ostentar.

E assim, a fuga de Maria tornou-se marcada como um capítulo na história de sua vida, dando início a uma jornada de autodescobrimento e superação das adversidades, que moldariam sua fé e relação com um Deus íntimo e pessoal.

## **Confronto com a família**

### Capítulo 3: O Confronto com a Família

Maria caminhou pela varanda ampla e envelhecida, seus passos lentos e pesados ecoando pela casa. Sabia que o momento inevitável havia chegado, aquele em que seria forçada a encarar a família e explicar o abismo crescente que se abria entre os mundos deles.

Antes de abrir a porta da sala, ela hesitou por um momento, sentindo uma mistura vertiginosa de medo e coragem. Maria sabia que suas palavras seriam recebidas com revolta, mágoa e desilusão, mas também ansiava por expressar sua verdade, aquele solitário e esplêndido fio de esperança que se elevava dentro dela como um alvorecer em meio à noite mais escura.

A luz do sol que se esvaiava inundava a sala sombria, lançando sombras alongadas e contorcidas sobre os rostos dos presentes. Lá estavam sua mãe, sentada em um canto com um olhar pesaroso; seu pai, de pé, com as mãos nos quadris; e Clarice, sua melhor amiga, com os olhos preocupados.

”Vamos, então, Maria. Peço-te que sejas breve e sincera”, pronunciou Joaquim, clamando por coragem em seu tom severo. Eles a encaravam com olhos expectantes e temerosos.

Maria engoliu em seco, sentindo como se as palavras estivessem presas

em sua garganta. "Pai, mãe, Clarice... eu sei que não vai ser fácil de ouvir, mas preciso dizer a verdade a vocês", começou Maria, sentindo-se cada vez mais pequena diante dos olhares que a cercavam, "Percebi, nestes últimos tempos, que não posso seguir a vida como antes. A religião que nos une deixou de ter sentido para mim. Sinto como se algo no meu coração e minha alma anseiassem por algo diferente, algo que eu ainda não sei o que é. Mas sei que não é aquilo em que fomos criados".

As palavras de Maria pareciam ressoar pela sala, como um som de agonia e desespero. Por um momento, tudo estava silencioso, como se os outros ainda estivessem digerindo a profundidade e a amargura que estava contida naquelas palavras.

Foi a mãe de Maria que se pronunciou primeiro, um tremor suave em sua voz trêmula: "Maria, minha filha, o que aconteceu com a tua fé, o teu amor a Deus e a verdade que agasalham nossos irmãos e irmãs?".

"É justamente isso, mãe...", murmurou Maria, sentindo as últimas defesas se desmoronarem diante do carinho e afeto que clamava por compreensão em sua voz materna, "Ainda acredito em Deus, mas não na forma como o seguimos até agora. Não consigo mais aceitar todas as regras, condenações e controles que nos são impostos. Preciso de liberdade para amar e para acreditar...".

No instante em que essas palavras foram ditas, parecia haver uma transformação no ar, como se o peso da verdade caísse sobre todos com uma força esmagadora e avassaladora. Joaquim, o pai de Maria, encarava-a com uma raiva contida e uma tristeza inominável em seus olhos.

"Maria, isso é pródigo falares...", ele balbuciou, sua voz fendendo-se entre a determinação e a angústia, "Te jactas sabendo a dor e a preocupação que semeias em nossos corações? Que caminho pretende seguir? Que vida desejas construir longe de nós, de tua família, de teus amigos?!".

Maria baixou a cabeça, tentando conter as lágrimas e o desespero que a dominavam por completo. "Ainda não tenho certeza, pai. Mas sei que não posso mais continuar nesta vida como antes...".

Clarice, que até então permanecera em silêncio com os olhos marejados, deu um passo à frente e abraçou Maria. "Eu também não sei o que pensar...", ela murmurou, "Mas sei que te amo e estarei sempre aqui para ti, aconteça o que acontecer".

Aquele abraço inesperado e genuíno pareceu finalmente derrubar a última

muralha que restava. Maria chorou e deixou-se levar pelas ondas de emoção, sabendo que agora sua decisão estava tomada. Mesmo sem as certezas, mesmo com o medo do desconhecido, ela iria trilhar seu próprio caminho, em busca de um relacionamento verdadeiro e libertador consigo mesma e com Deus.

E assim, Maria encararia um futuro incerto e desconhecido, acompanhada pelas cicatrizes do passado e pelos vestígios de amor e apoio que sua família e amiga Clarice lhe proporcionaram, mesmo que envoltos por desespero e incompreensão. Era um caminho que seria percorrido por Maria, lutando contra os espectros das mágoas e ressentimentos, mas também somando as vitórias do autoconhecimento e do renascimento de sua fé interior.

## A decisão de partir

As últimas luzes do crepúsculo esmaeciam, tingindo o céu de um azul melancólico e abissal que parecia desvanecer-se em meio à sombra densa do manto noturno que se aproximava. O vento sereno mesclava-se com a brisa fresca dos primeiros sinais do outono, enquanto os risos e sussurros vagavam pelas ruas ladrilhadas da pequena cidade interiorana. Mas para os olhos incautos, a realidade encoberta pela penumbra alongada tornava-se um horizonte de desvios, desejos silenciados e anseios que rompiam os tabiques erguidos pela imposição sócio-religiosa.

Maria Luísa Souza fitava a paisagem pela janela de seu quarto, sentindo o pulsar vibrante de seu coração que parecia bater em resposta à cadência de seus medos e demônios internos. Sua respiração tornava-se cada vez mais difícil, como se os pulmões e traqueias fossem empacados de uma inquebrantável névoa agônica, aprisionando-a em um ciclo vicinal de ansiedade e terror que pareciam ilimitados e asfíxiantes.

Com um suspiro tácito, Maria tomou a difícil e decisiva decisão que lhe esmagava os ombros e lhe atava os passos, libertando-se enfim das amarras que prendiam-na à vida que conhecia até então. Ela partiria, clandestinamente e com apetrechos escassos, rumo à travessia que apenas o futuro incerto poderia cindir como adaga de Prata dividindo mares.

Na sala humilde e minguada de sua morada, ela silenciosamente recolhia seus pertences, papéis que há tanto tempo sintetizavam a vida áustera que levava e a percuciente busca por um caminho genuíno e repleto de

encontros com o divino. Sabia que o peso de sua escolha reverberaria como ondas lúgubres pelos corações dos que a cercavam, mas o desespero em estar sufocada por regras, desperdícios e opressão era um apelo visceral e incontornável.

Aquele instante de cumplicidade com os objetos de sua vida decantada marcou um trilho árcade e labiríntico nos olhos cancelantes de Maria. Lágrimas brotavam como goteira solitária pela chuva, enquanto Maria agarrava na mão trêmula sua pequena bagagem e encarava a porta entrelaçada de adeuses e silêncios ensurdecedores.

Seriam os anjos quem lhe levariam nas asas de suas próprias esperanças? Seriam os pesadelos aquilo que transmutariam - se aos espectros que lhe assombrariam a passagem árida pelas pedreiras e veredas que lhe aguardavam? Maria não sabia, mas seu coração, no ardor do fio que lhe ligava à mente e alma, intuía que apenas o passo adiante lhe revelaria a verdade e os sentimentos que levam ao autoconhecimento e transcendência.

Febrilmente, Maria lançou um olhar em derredor, a procura de sombras, pensamentos, quaisquer sinais que pudessem aguilhoar a cicatriz aberta de sua fuga. Estaria sua família suspeita dos obscuros e misteriosos impulsos e frustrações que buscavam apartar - se de todos e unir - se apenas à luz que parecia lhe acarinhar o coração, como um raio de sol aquece a pele fria e ardida? Estaria Clarice, sua amiga íntima e confidente, atenta aos passos e ecoentes rastros deixados por Maria em seu caminho de findaçar o invisível e intangível?

No momento em que Maria tomou coragem para abrir a porta, um rumor feito um furacão esculpido em silêncios e lágrimas invadiu a casa, varrendo os pensamentos e as certezas. Foi apenas um gesto fugaz, mas bastou para deixar Maria alerta e com os nervos tensos, prontos para atuar diante das contingências que se apresentavam.

Passos hesitantes e um farfalhar de roupas indicaram a aproximação de alguém. Ao virar - se, Maria encarou Clarice, os olhos arregalados e vermelhos de choro, demonstrando preocupação e conflito. A jovem segurava na mão tremula umas notas amassadas de dinheiro, fruto de suas economias e esforços pessoais.

”Maria... Eu... Eu percebi o que você vai fazer. Eu não posso ir com você, não posso deixar minha família para trás. Mas... Eu entendo a sua busca e a sua necessidade de fugir desta vida”, disse Clarice, as lágrimas

marcando um caminho salgado por seu rosto.

Maria encarou sua amiga com um misto de gratidão, tristeza e admiração. Aquela moça, com um coração dividido entre o amor pela família e a fidelidade a uma amizade verdadeira, lhe estendia a mão, um gesto derradeiro de solidariedade e esperança. Maria apertou a mão de Clarice e aconchegou-se em seu abraço, buscando encontrar forças naquele instante compartilhado.

”Obrigada, Clarice. Eu sentirei sua falta, mas sei que nossos caminhos vão se encontrar novamente no futuro”, murmurou Maria, desvencilhando-se do abraço e enxugando as lágrimas.

Com um último olhar e aceno, Maria abandonou a antiga vida para trilhar seus próprios caminhos, encarando a escuridão da noite e a incerteza do futuro, mas munida de coragem e determinação que apenas um coração buscando a verdade poderia ostentar.

E assim, a fuga de Maria tornou-se marcada como um capítulo na história de sua vida, dando início a uma jornada de autodescobrimento e superação das adversidades, que moldariam sua fé e relação com um Deus íntimo e pessoal.

## **Preparando - se para a fuga**

A noite caía como chumbo derretido, escurecendo os contornos das colinas que cercavam a pequena cidade de Itaguassu. Maria, enclausurada em seu quarto, observava as sombras crescerem sobre as árvores superficialmente tremuladas pelo vento como se dançassem em um baile misterioso e sombrio.

Desde seu confronto com a família, uma tormenta de emoções indecíveis e avassaladoras para Maria, ela soube que seu caminho estava destinado a separar-se das pessoas que tanto amava. A ansiedade e a insegurança do desconhecido comprimiam seus pensamentos e, no silêncio da noite, pareciam ecoar em seus ouvidos, tornando-se lamentos de desespero. Mas, da mesma forma, ela sentia um ímpeto inabalável de seguir em frente, de buscar seu próprio caminho e, talvez, redescobrir quem era Maria Luísa Souza sob o manto da fé e da igreja que sempre lhe aprisionaram.

Maria caminhou até a escrivaninha em seu quarto, ouvindo o assovio do vento através da fresta da janela que estava aberta apenas o suficiente para permitir a entrada de um ar fresco para aliviar os pensamentos tumultuados. Em cima da escrivaninha, encontravam-se algumas anotações em um caderno

antigo que tomara como seu, esperando preenchê-lo com suas reflexões e pensamentos durante a jornada que a aguardava.

Ajeitando-se vivaz na cadeira, levou até seus lábios a pena com as pontas encharcadas de tinta negra, respingando leves pinceladas de escuridão sobre a folha de papel. E, por um instante, Maria deteve-se pensativa, como se palavras dispersas vagassem em sua mente, clamando para serem notadas e significadas em papel. E então, ela começou a escrever:

”A partida que se aproxima é como o luar dourado e silencioso de uma noite solitária, tão suave quanto as estrelas que brilham com a esperança de um amanhã diferente. A estrada que devo seguir é envolta em mistério, nem mesmo eu sei qual será meu destino ou se encontrarei a verdade e a paz que busco tão fervorosamente com meu coração e minha alma.

Sei que muitos em minha vida não entendem minha decisão de partir, e por isso, tentarei explicar da melhor forma que posso o que sinto neste momento. Imaginem uma asa de borboleta, cujas cores encantadoras começam a desbotar com o tempo, até que resta apenas um espectro de sua beleza original. Essa tem sido minha vida, um espetáculo requintado que foi murchando lentamente, tornando-me alguém que mal consigo reconhecer quando me olho no espelho. É tempo de encontrar minha verdade e renascer, livre das amarras que me farfalham por tanto tempo. E é por isso que parto, não como um ato de rebeldia ou ingratidão, mas como um passo em direção à essência que sempre residiu dentro de mim.

Peço perdão àqueles que amo, por saber que a dor que os causarei é inquieta e impiedosa. Mas, em meio a incerteza, os olhares que recaem sobre mim e a repulsa que alguns expressam, sei que preciso partir. Ainda assim, desejo que me perdoem e, talvez, um dia, o tempo nos trará de volta um para outro, já não como as aves distantes que estão prestes a seguir caminhos diferentes, mas como companheiros que agora compreendem a imensidão do céu em que voamos.

Com lágrimas e esperança, deixo estas palavras como um abraço que pode ser sentido mesmo à distância, e como um acalanto para aqueles que, assim como eu, questionam - se sobre o sentido da vida e a essência da verdade.”

E assim Maria fechou seu caderno, fazendo despedir um suspiro musical e sentido que parecia ser o coro das árvores noturnas agitadas pelo vento. Sem se dar conta, suas lágrimas lançavam - se sobre a última página escrita,

como um último toque de afeição e artesanaria sobre as emoções que eram descritas.

Maria levantou - se da cadeira, ajeitou a mochila sobre seus ombros e levou na mão trêmula o caderno. Com a outra mão deslizava sobre a parede, como se quisesse encontrar um véu invisível, mas um véu que poderia lançá-la para fora dos muros constrictos de sua vida. Sentiu um arrepio se espalhar por sua espinha, mas mesmo assim abriu a porta e iniciou sua fuga rumo ao desconhecido.

## A solidão do adeus

Na casa de campo, repousavam as sombras do céu violentamente atropelado por nuvens de tempestade. O escurecimento súbito e inquietante do mundo lá fora parecia querer desfazer, com um golpe decidido e irrefreável, todos os alicerces da vida que se armava no interior das paredes sólidas da casa. Dava - se ali a premonição do vazio, aquela que mergulha os olhos temerosos dos homens e mulheres na escuridão de um abismo do qual não podem imaginar limites.

Maria entrara no quarto, como se o seu caminhar procurasse anistia na eterna acusação que os espelhos e sombras portavam ao brilho do dia. O ligeiro tremor em seus lábios desconcertava - se ao compasso dos passos hesitantes e inescapáveis, aqueles que serviam como o adágio dos ventos aos dramas humanos.

A sombra que a si mesma guiava era empurrada por detrás por novas ondas de vivacidade visível que, embora inevitáveis e imutáveis, faziam - se do peso do terror que vedava os sentimentos. Maria caminhava até a janela, aquele portal arquetípico que a intuição lhe apontava como caminho das alamedas da melancolia.

Seus dedos deslizavam como serpentes pela vidraça, e de dentro do mural de gotas, inquietando - se de onde brotavam as reminiscências imorredouras que lhe acompanhavam feito fotografias de uma memória inefável.

Clarice, sua amiga desde a meninice, eram como seres que dividiam o destino de um só rio, mas igualmente separados a todo instante pelo fio de suas próprias individualidades e inseguranças. Os lábios de Clarice gestavam a seara de uma lembrança, e os olhos um campo de batalha instaurando - se entre o negro e o pálido.

Maria girou-se sobre os próprios passos, como uma divindade atormentada pelo desejo de trazer à luz as contradições que habitavam as sombras dos homens mortais.

Maria falou, numa voz afogada de saudades e de uma febril vontade de vingar-se das lágrimas e risadas do passado. "Clarice... Eu sei que o caminho que escolhi me força a deixar você sozinha aqui, nesta casa, neste mundo que lhe repele como o mar repele os aflitos. Sei que é um caminho estranho e temeroso, mas é o único que me resta, a única resposta ao meu coração que grita por liberdade. Por isso, eu digo... adeus."

As palavras rastejavam como vermes no piso, sobre os fios da memória do corpo. A solidão sussurrava ao redor de Maria, beijando seus ouvidos como um abraço que lhe tirava o ar, como o beijo de um amante que lhe lançava a carne. A dor e o amor soavam através do quarto em uma espiral de lágrimas e sonhos afogados em desespero.

"Maria," Clarice murmurou, tentando arrancar as palavras de seu coração, mas sem poder lutar contra a chuva pesada de lágrimas que banhava seu rosto. "Sei que... Sei que não entendemos uma coisa importante, talvez mais importante do que tudo. Mas eu juro que vou tentar, que vou lutar para entender o que você sente, o que lhe impulsiona e lhe guia como o olho da tempestade. Eu vou ficar aqui, e não vou deixar sua fé perecer na escuridão dessa noite."

Maria olhou para sua amiga por um longo momento, correndo os dedos pelos cabelos desgrenhados de Clarice. "Eu carrego essa solidão como se fosse minha única companheira, mas ainda assim, você é inestimável para mim... Uma pessoa pela qual vale a pena lutar, vale a pena sacrificar tudo. Mas eu não posso, eu preciso encontrar o meu próprio caminho."

E nesse instante, as duas mulheres abraçaram-se, suas lágrimas correndo juntas e se misturando na dor de uma despedida silenciosa e pesada como a sombra da noite que crescia lá fora. Nesse abraço, encontraram a fortaleza e a determinação para seguir em frente, mesmo que seja em caminhos separados e repletos de mistérios desconhecidos.

Maria soltou-se do abraço e, com um aceno trêmulo, deu as costas à sua amiga, iniciando a caminhada em direção ao último suspiro que lhe marcava o caminho. A solidão agarrava-se a seu peito como um parasita voraz, mas dentro dela havia a semente do amor e da amizade que jamais morreria, mesmo nas mais densas trevas da noite.

## Descobrimdo forças interiores

O sol morria por detrás das colinas, o rubor da tarde misturava - se aos odores aturdidores das flores que afligiam o campo da pequena cidade de Itaguassu. Maria caminhava pela trilha estreita que cortava as plantações de milho e soja, seus pensamentos brotando torrencialmente, como o grito sufocado da chuva que se retém nas nuvens.

A árdua e excruciante separação de sua comunidade, família e amigos, que antes lhe serviam como alicerce do mundo e do íntimo germinado na concha do espírito, havia - se consumado. Agora, na solidão das terras que por tanto tempo encantaram os seus ouvidos com os ranger dos pés viajantes e o sussurro manso do vento, Maria via - se sozinha. A estrada, árida e deserta, não lhe fazia tremular as sombras dos homens que lá jamais aterraram, nem mesmo os peregrinos serodinos que tanto ansiavam pelo desconhecido.

No íntimo de seu coração, buliam como cobras as tentações insistentes do orgulho, cruéis insinuações de impotência diante da noite. E no mesmo cadinho bamboleavam - se as sementes do medo, aquelas que brotam do seio da alma e ramificam - se em aplacáveis [...]

Maria continuou a caminhar por um longo tempo, a paisagem a sua volta mudando gradualmente, mas seu coração permanecendo o mesmo. Sentia - se como um pássaro cujas asas foram arrancadas, como uma semente que se recusa a brotar, como uma mariposa presa na teia do destino.

E, no entanto, à medida que seus olhos se ajustavam à crescente escuridão, uma luz tênue surgiu no horizonte, pulsando lentamente como a chamada silenciosa de um farol. Esta luz, misteriosa e insistentemente bela, chamou a Maria com a promessa de amparo e conforto, mesmo que apenas em sua mente.

O corpo de Maria caminhava, autonomamente movia - se através da estrada, mas sua mente encontrava - se estraçalhada de medo e ansiedade. Tremia em agonia, os olhos esbugalhados e virados para dentro, seus lábios ressequidos e trêmulos diante da imensidão do vazio que se avultava - se para engoli - la. E, no entanto, incapaz de resistir, passo a passo ela se aproximava da pequena luz que dançava à distância, como o sopro derradeiro de uma vela que se apaga no silêncio da noite.

Maria chegou a uma pequena casa de campo, enfiada entre as colinas e

os campos, a fachada de madeira se misturando às cores da noite. A luz da varanda chamava-a como um farol espiritual, implorando para que entrasse e encontrasse conforto e abrigo contra as tormentas que castigavam seu coração.

Ela hesitou por um momento quando se debruçou sobre o portal de entrada, sabendo que, de alguma forma, essa casa poderia ser o começo ou o fim de uma jornada desconhecida e aterradora. Maria sentiu, apesar do tremor à simples ideia de adentrar aquele seio lacunal, uma força a puxar-lhe para dentro, como se suas entranhas arqueassem um grito mudo de salvação.

E então, ela passou pelos cedros enegrecidos e cruzou o limiar entre a desolação e o desconhecido, e em seu coração, uma nova semente, tênue e repleta de esperança, começou a crescer contra as cinzas de sua vida anterior. Este momento, tão sombrio quanto a noite fora, foi o primeiro passo de Maria em direção a algo desconhecido, mas o primeiro despertar da verdadeira força que sempre abrigava-se em seu âmago, nitidamente laureada de poder e resiliência.

Ela via-se agora caminhar pela casa misteriosa, os quadros e ornamentos nos quais nunca vira se retraíam à sua passagem, como se soubessem que nascia um novo ser, ultrapassando as cortinas e os liames de sua vida anterior. A transformação será lenta e intermitente, Maria sabe, mas o instante da virada jaz-se num passado doloroso, quando cruzara, ligeira e com passos dançantes, o limiar da aquela casa, e no correr dos dias, um despertar extraordinário foi preludiado.

## O primeiro passo na jornada

A escuridão absoluta em torno de Maria era como um manto de peles pesadas e irresistíveis, sopesando os ombros de seu espírito e puxando-a cada vez mais para a solidão negra que insistia em engolir toda a luz de sua vida. A mão de Maria pendia ao seu lado, com os dedos enrijecidos num gesto de oração silenciosa à sanção desconhecida que tanto lhe perturbava. E assim, alheia a todo alento, caminhou a menina, desventurada e imersa nas águas sombrias da noite que prenunciava seu primeiro passo em direção ao mistério que era o desconhecido.

O céu concedia silogismos de tristeza, e as reticências de felicidade na

poesia muda do luar transpiravam como gemidos finais. O rosto de Maria estava úmido de comoção e lágrimas, mas, explorando a si mesma, descobriu que, em meio aos martírios e tormentas de sua alma, uma força potente e lenta esperava com paciência para ser despertada.

Caminhava ela na paisagem terrosa, embebida nas lutas até então protagonizadas. Prostituido no chão o grito vão da bota que se fundia com a alquimia de lodo e água, fervilhando a poção da inconstância emocional. Pertenciam à solidão as sombras que desapareciam e afogavam-se na senzala interior, onde a esperança demovia os grilhões da triste noite.

Afastando com atraso os cabelos da face, Maria constatou o demérito fútil do passado nostálgico, um filme em preto e branco com tons de cinza persistente. Seus olhos pareciam vagar de morada, de abrigo em abrigo, até finalmente resvalarem no lóbrego casarão ao fim da trilha, o suspiro derradeiro antes da extinção definitiva da vida tal como Maria conhecia.

Com passos tímidos e trêmulos, Maria se postou na soleira da porta de entrada, o coração borbulhante de medo e dúvida. Embalada pelas sombras, cingida pelo flagelo de um destino incerto, fitou pela última vez o caminho que lhe trouxera para aquele lugar ermo e fantasmagórico.

Ergueu a mão como se desse adeus ao fantasma conhecido, e tocou na maçaneta da porta que fez soar um estalido ruidoso em unísono com o próprio coração. Sentia-se um ente dúbio, tal como a figura errante nos quadros que pendiam das paredes do seu coração. Respirou e abriu a porta de par em par.

A porta rangeu como uma alcatéia de medonhos lobos famintos, e uma corrente de ar frio invadiu o oco interior da casa, agostou no rosto pungente banhando as têmeoras de Maria. Ela se lançou ao poço profundo da casa e, involuntariamente, açoitou os olhos com a escuridão a cegar os últimos resquícios do futuro líquido elucidar.

Os ecos abafados pelos redemoinhos do tempo, a reprise incessante, o renascimento e morte das memórias, e a culinária sabor de sal e fel oscilavam na balança do passado e futuro. Maria engoliu o medo, repôs a bússola efêmera dos fluídos humanos e permitiu-se caminhar pela estrada espinhosa de seu destino, pronta para enfrentar os dragões, cérberos e quimeras que, ao mesmo tempo, lhe traziam medo e verdade.

A lâmpada que segurava ameaçava apagar-se a todo instante, como se a força impalpável que lhe banhava as sombras dessa jornada a espicaçasse,

ansiosa para sufocá-la na escuridão iminente que cercava-lhe por todos os lados. E, no entanto, Maria persistiu, dando um passo após o outro mesmo diante do abismo tenebroso que se abria à sua frente, prestes a tragar tudo aquilo que lhe era caro.

Apesar do peso da tristeza, algo dentro de Maria começara a despertar, como um fio de ouro cintilante tecendo através da tapeçaria sombria do seu coração. Naquele momento, algo em seu ser fundia-se e reconfigurava, e enfim conseguira tocar o pilar de força e coragem que residia no seu interno.

E assim, dando seu primeiro passo nesta nova e obscura jornada, Maria selou o destino que lhe esperava como uma pérola no ventre sombrio das profundezas, na senda do desconhecido.

## A busca por um novo lar espiritual

O vento, revolucionário e ousado, plantava sua effigie de ousadia nos rostos dos homens, precipitando a terra que lhe cercava, ávida por varar os alicerces de suas vivendas e lançar a semente do caos em seu seio. Maria, já indiferente às cicatrizes bufantes que marcavam o solo ao seu redor, caminhava com os olhos velados pela esperança, como se buscasse uma miragem oculta nas baudelairianas névoas da manhã.

Após seu afastamento forçado da comunidade que regera seu mundo nos últimos anos, Maria empreendia sua busca solitária e incerta por um novo lar espiritual, abrigo que acolhesse tanto as angústias e temores que laceravam seu coração quanto a coragem ígnea que tentava, aos tropeçantes passos, fazer-se voraz e reverberante através das paredes de sua alma. Vislumbrava, no ensejo de suas preces, a memória do casarão em que, outrora, vestira o manto do autoconhecimento e entregara-se à busca incessante por um amor fundido com a verdade.

Seu caminhar era lento, torpecido pelo cansaço e pelo arrastar do tempo. Sentia-se desolada e extremamente só. Mas uma voz sussurrava por dentro, repetidamente, que não seria por muito mais tempo. Nuvens se abriam, raios de sol iluminavam partes do chão. O que antes lhe parecia cinzento, ganhava novas nuances de cor.

Maria avistou à distância o topo de uma igreja, erguendo-se dentre os muros baixos e silenciosos de uma pequena cidade. O campanário, embora quieto e mudo, parecia emitir um sinal de chamado proeminente que apenas

Maria podia ouvir, como um canto perseverante e amalgamado às orações ansiadadas.

Sem pensar no que pudera encontrar ali, fez-se avançar até o templo, a fachada atemporal, desgastada pelo sibilar taciturno das eras; e tocou a porta, cujas tábricas de madeira antiga se entrelaçavam no formato de um barco negreiro, empunhada por um intrincado sereia - feira em cujas íris refletiam os desejos e esperanças de todos os homens que cruzavam o limiar místico daquele templo.

Maria empreendeu o passo e atravessou o portal, as portas se abrindo como se conhecessem a urgência e a relevância daquele momento. O interior da igreja estava envolto em penumbras e devaneios de sombra; já não era possível enxergar os rostos dos santos nas imagens, não se distinguiam os semblantes idealizados de seus fautores perscrutavam os labirintos da casa de Deus.

"Por que está aqui?" - Uma voz rouca e trêmula rasgou a quietude da sala. Vinda das sombras surgiu uma figura encapuzada, transpôs devagar a difusão das luzes ao redor do altar, com os olhos postos em Maria. Iniciava as orações, mas interrompeu-se ao vê-la, como se detectasse na aura, na íris, a completa ausência de fé. Queria resposta.

Maria hesitara para achar as palavras, para responder àquela inquisição inesperada e sombria. Mas antes que pudesse articular seus pensamentos, sentiu sua voz, ora dócil e calma, emergindo como uma corrente ultrajante de águas tépidas e libertadoras. "Busco a verdade" - dizia em um sussurro, mas com convicção - "Busco o desconhecido que habita meu coração, aquilo que tanto anseio por descobrir e que, até então, tem me sido negado pelas correntes de minha vida."

A figura encapuzada observava-a atentamente, os olhos brilhando de um sentimento de conexão que havia muito esquecera. E naqueles olhos esperançosos, Maria sentiu-se chegar ainda mais ao centro de um mistério que, embora se revelava cada vez mais profundo, oferecia a promessa estéril e epifânica de uma nova vida, uma vida infinita e eternamente desconhecida, mas alicerçada pelo amor incondicional que só a verdadeira fé de conhecer.

"Então, venha". A voz da figura tremeu, mas também irradiou autoridade e solenidade. Maria seguiu em frente, o coração pulsando com o desconhecido que desvendava, adentrando um novo lar espiritual, onde uma nova jornada começava.

A busca começara.

## Reconstruindo a fé além das Testemunhas de Jeová

Maria escolheu o banco agora habituado no fundo da igreja, perto o bastante da luz que adentrava pelos vitrais para aquecê-la, e longe o bastante do padre e das freiras para continuar com suas orações encaratadas, como sempre fazia nas missas do domingo. Trazia com ela o peso do passado, como se carregasse um casulo sombrio nas costas que só ela podia ver, e que tentava romper todos os dias através da busca incessante por um relacionamento verdadeiro com Deus. Desse casulo brotaram longuíssimos galhos e folhas espiraladas, como a vinha púrpura das estações, mas se enquanto parreiras se renovam com o tempo, a dor em Maria permanecia, insistente e perversa, por mais que a luz de Deus, que agora brilhava, se indispuesse a combater a escuridão que avançava.

As inquietações, habitantes dos escombros que um dia foram um lar, estendiam - se como raízes finitas e abraçavam - se em tronços frágeis, ameaçando implodir a qualquer momento, quando o coro das primeiras vozes entoasse o canto espiritual. E Maria velava quem nesse átimo seria salvo e quem estaria condenado ao arrastar ansioso das horas de catequismo e jejum forçado.

"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo", declarou o padre, em rito sacrificial, segurando com firmeza e solenidade o ostensório nos braços. O santuário vertia - se de oração e reverência. Maria olhou para a Trindade que jazia no fronte do altar - mor, como uma santa família unida, e logo se calaria em meditação.

O padre, de mãos enluvadas, oficiou a liturgia, e cada palavra penetrava pelas fissuras do coração de Maria. O passado vestia - lhe a pele, como um casaco pesado, as dores que antes mantinha, agarradas aos ramos magros do seu coração sem cor, desdobrando - se agora lentamente, criando uma vida que tentava nascer do vazio liquefeito das áridas antigas crenças.

Certificou - se de que seus olhos estivessem fechados e fixos naquele ponto onde a catedral toca o bátraco, Maria rastejou seu olhar céleres pelos recantos do santuário, buscando pela figura encapuzada que se tornou sua guia esses martírios. De canto a esquina ela vasculhou e, não deixando escapular - se nenhuma fresta ou rosto obscuro, veio a se aquietar, como um

bicho se aquietara no travesseiro áspero.

Maria sentiu falta de Teresa, que naquela manhã ocupava alguma outra missa ou conseguia perdão através da confissão de outros pecados. Sua tia avó assumira a missão de substituí-la entre a comunidade enquanto Maria reconstruía a fé, e mal dera notícias após essa decisão. A presença da guia impregnava todos aqueles que se encontravam com ela, como se soubessem que, naquele momento, Maria compartilhava da sabença incógnita do amor de Deus de forma tão intensa e divina que mesmo o mais incrédulo dos fiéis passavam a crer nos milagres operados naquele misterioso santuário.

O sino soou como o despertar da fé de Maria, e ela sentiu-se renascida, renovada e ainda mais decidida a explorar o desconhecido e a expressar sua verdade interior. As palavras do padre oravam como um canto de promessas céleres e afiadas, como as sopas de ágatas de um anjo arqueiro com hálito de fogo e ira abençoada.

## Chapter 4

# A Solidão e o Autoconhecimento

No silêncio oblongo da tarde sozinha, Maria se sentou no jardim sob a árvore quase desfolhada. A terra dura sob o forro de grama nos seus pés. Sabia que o mundo lá fora, além da paisagem roliça das colinas que contornavam o horizonte, estava cheio de almas aladas e taciturnas, pessoas encarquilhadas e perdidas em suas solidões compartimentadas, peninsulares no mar humano de sua própria existência. E Maria, como aqueles matizes da humanidade, era uma ilha naufragada nos abismos das incertezas e abraçada pela tristeza das perguntas não respondidas.

A despedida seca de seu pai ardera como lava quente, escorrendo por entre abismos e escavações, uma gravura incandescente na pele cinzenta de sua alma. A solidão deixara marcas e arranhava seu coração com unhas desesperadas. As lágrimas eram velhas companheiras daquelas tardes ocas, quando as vozes da infância sopravam das sombras silenciosas, trazendo lembranças esperançosas e áureas de aventuras na terra goethiana dos sonhos cumpridos e utopias realizadas.

Naquele momento, entre soluços e franzimentos solitários do cenho, Maria sentiu algo brotar em seu íntimo, como um broto verde, uma semente de um súbito, renascer da consciência. Segurando suas lágrimas e mordendo seu lábio num esforço quase gargantuano de despojar - se da aflição que a assolava, Maria se levantou e caminhou pelas ruelas e praças desertas da cidade.

O sol se punha, mas um luar prateado surgia, banhando toda a terra

num manto etéreo e fosforescente, como se uma deusa argêntea estivesse velando os passos de Maria, guiando - a através das sombras e conversões das velas áridas e silenciosas.

Ela andava como uma peregrina, desterrada do paraíso de seu lar, uma primeira mulher, Adão desalmado e exilado no teste das emoções precipitadas e fúria desencadeada. Mas ao mesmo tempo, ela sentia um chamado vibrante, um pulsar de energia que fluía de sua aura e atraía aqueles ideais e desejos que lhe haviam sido negados por tanto tempo. E em cada canto, encontrava uma centelha de si mesma, um portal através do qual sua alma emergia, alada e galopante, como um corcel aureolar das estrelas cintilantes.

Na Casa do Chá de Teresa, uma vela tremeluzia sobre uma mesa, espalhando seu débil clarão pelas toalhas de linho e pelos rames de flores jazendo nos cantos sombrios da sala. Lá, Maria encontrou uma nova figura maternal. Uma mentora que iria guiá-la pelo caminho que ela tanto ansiava: o autoconhecimento.

Teresa, uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos e espessos e olhos aveludados, sorria para ela com uma compreensão e simpatia que não encontrara em nenhum dos outros rostos que a olhavam, inquisidores e perplexos, por esquinas e vielas da lívida cidade.

"Maria, minha criança," disse Teresa, com ternura enquanto alisava os cabelos desgrenhados da jovem. "O caminho que escolheste é solitário e cheio de incertezas, mas é também um caminho de autoconhecimento, uma espiral na escuridão iluminada pela luz da Lua."

"Mas como vou encontrar a luz na escuridão, Teresa?" perguntou Maria, os olhos inundados de lágrimas.

"Já está fazendo isso, meu bem. A cada passo que dá, a cada lágrima que derrama e a cada barreira que enfrenta, você está se aproximando da sua verdade e da pessoa que realmente é", respondeu Teresa, a leveza e intemporalidade de sua presença envolvendo Maria num abraço cuja ternura transbordava sem esforço.

E Maria sentiu - se parte de algo maior, pela primeira vez desde que abandonara os pavores e sombras enclaustradas da igreja e da comunidade que lhe haviam sido familiar. Lá no jardim, enquanto a tarde se vestia de crepúsculo, Maria ali respirou as primícias de sua autoconscientização e ousou penetrar os mistérios ardentes e enigmáticos de seu ser etérico.

Era um precipício sob seus pés, uma raleria de almas encantadas e seres

luminosos que lhe acenavam desde as profundezas abissais, um oceano de conhecimento e revelação que só agora, na solidão da tarde e a efígie da Lua, começava a vislumbrar.

Maria sentiu uma conexão compartilhada com aqueles que a cercavam, aqueles seres de luz e sombras que habitavam os labirintos cósmicos dentro dela. E soube, naquele instante, que nunca mais estaria verdadeiramente só.

## O peso da solidão após a decisão

Maria caminhava pelas ruas vazias, iluminadas apenas pelo luar, já tão familiarizadas por seus passos rígidos e fortes. Carregava o peso do mundo em suas costas e sentia seus olhos ardendo, conforme as lágrimas teimavam em escorrer por suas faces coradas. A solidão lhe cortava a pele como lâminas afiadas e geladas, deixando rastos avermelhados e trilhas curtidas por angústias e arrependimentos.

Depois de tomar aquela decisão, a cidade que um dia lhe acolhera e embrulhara em calor e estabilidade, tornara - se um pesadelo sombrio e deprimente. As cores antes vivas e garridas das casas simples e espremidas nos morros encolhiam - se em terrível desespero e medo do que o futuro reservava para a jovem Maria e suas convicções.

Nada mais amarga seria a sua partida. A dor que tal despedida lhe causaria, queimaria profundo em sua alma e correria turbulenta por suas veias. Era o amargo pedaço de culpa e receio, preso do lado de dentro. Estacava - se no fundo do seu ser.

Procurava em vão algum vestígio de compaixão ou compreensão no rosto daqueles que lembrava ter sido seus amigos e confidentes. Apenas a indiferença e a estrita convicção de que sua apostasia era punível com a morte espiritual e terrena sobressaía das sombras alongadas, envolvendo - a como um manto pesado e lóbrego.

"Maria, é verdade que você decidiu sair das Testemunhas de Jeová?" a voz distante e ondulante de Catarina, sua vizinha desde a infância, atingiu Maria como um golpe traiçoeiro. "Como pode fazer isso conosco, com sua família?"

"As coisas não são tão simples, Catarina," Maria tentou responder com uma voz trêmula, embriagada pelo ar nocivo que consumia cada palavra sua. "Sinto que minha fé não é mais a mesma, que preciso encontrar meu

próprio caminho.”

”Você sabe o que acontecerá a sua alma, Maria”, Catarina continuou com uma nota de urgência em sua voz rouca, os olhos vidrados em temor pela amiga. ”Abandonar a verdade é condenar-se a um destino tortuoso e sombrio na eternidade.”

Sufocada pelo ar denso com a desilusão e seus próprios pensamentos frenéticos, Maria continuou a caminhar pelas ruas, já cobertas por uma fina camada de névoa. A lembrança de sua família e crenças do passado se imiscuíam dolorosamente em seu coração, dilacerando seus pensamentos e sua fé remanescente.

De repente, o chão que pisava esfacelou-se a seus pés. A queda resultante despedaçaria-lhe por completo; o que não lhe ferisse por fora, certamente lhe corroeria por dentro. Maria imaginava-se como uma pássaro pouco experiente, alçando voo pela primeira vez e descobrindo, num átimo, o quão vacilante e inseguro estavam suas asas.

”Deus, por favor, me ajude,” sussurrou ela, agarrando-se as lágrimas rebeladas que fluíam sem piedade. ”Estou perdida e não sei para onde ir.” A escuridão que a cingia tinha um aspecto palpável; parecia abraçá-la e consumi-la, juntamente com suas esperanças e planos.

Foi quando, perambulando pelos caminhos sinuosos da pequena cidade, enxugando as lágrimas com as costas das mãos esfoladas, que Maria encontrou um lugar onde os raios solares do entardecer já beijavam as brechas de nuvens dispersas e um aroma de flores recém-desabrochadas emanava do terreno arado.

Parecia um sopro carinhoso de um universo que ouvia, apesar de tudo, as súplicas torturadas daquela jovem desamparada. Era como se Deus, em toda sua magnânima presença, inclinasse-se para Maria e lhe sussurrasse palavras de alento e amor, um brilho tênue de esperança brilhando em meio à escuridão do desespero.

## **Redefinindo valores e crenças pessoais**

Maria caminhava pelas ruas vazias, iluminadas apenas pelo luar, já tão familiarizadas por seus passos rígidos e fortes. Carregava o peso do mundo em suas costas e sentia seus olhos ardendo, conforme as lágrimas teimavam em escorrer por suas faces coradas. A solidão lhe cortava a pele como

lâminas afiadas e geladas, deixando rastos avermelhados e trilhas curtidas por angústias e arrependimentos.

Depois de tomar aquela decisão, a cidade que um dia lhe acolhera e embrulhara em calor e estabilidade, tornara - se um pesadelo sombrio e deprimente. As cores antes vivas e garridas das casas simples e espremidas nos morros encolhiam - se em terrível desespero e medo do que o futuro reservava para a jovem Maria e suas convicções.

Nada mais amarga seria a sua partida. A dor que tal despedida lhe causaria, queimaria profundo em sua alma e correria turbulenta por suas veias. Era o amargo pedaço de culpa e receio, preso do lado de dentro. Estacava - se no fundo do seu ser.

Procurava em vão algum vestígio de compaixão ou compreensão no rosto daqueles que lembrava ter sido seus amigos e confidentes. Apenas a indiferença e a estrita convicção de que sua apostasia era punível com a morte espiritual e terrena sobressaía das sombras alongadas, envolvendo - a como um manto pesado e lóbrego.

Entre soluços e tremores, Maria sentou-se em um banco na praça central, o mesmo banco onde passava as tardes com Clarice, compartilhando risadas e segredos infantis. Olhando ao redor, tudo lhe parecia anacrônico. As velhas pedras da calçada, a estátua de Antônio Carlos Magalhães, até mesmo os galhos esqueléticos das árvores que ladeavam a praça, tudo se transformara cruelmente como uma cabeça de Medusa virada do avesso. Retirando um caderno de brochura antiga e um lápis quase consumido, Maria começou a escrever furiosamente, como se guiada por uma força invisível e irresistível.

“A ti, jornada solitária que me vence, Que me prendes ao leito deste passo contrito Rogo - te, ó destino tão incierto, Que me ensines o rumo certo,

Que me ofereças a paz do copo e do pão Na morada de um coração sem tentação, Que alivies o peso portente das culpas, Do fardo tecido em minha mão.

Pois em cada noite e sombra jaz Minhas dúvidas e rancores, sonhos e ais, Na busca de ser - me eu mesma, enfim, E de reencontrar a chama da verdade, divina e ruim.

Por isso, arranco - me à segurança do teu seio E longe de ti, sigo meu caminhar, anseio, Em direção aos confins deste labirinto, Encontro - me em ti, uma peregrina tal, contrita.”

Ao terminar de escrever, Maria dobrou o papel, beijou - o como se fosse

um baluarte de coragem, e juntou - o às lágrimas reprimidas e às folhas murchas que açoitavam as pedras da praça. Levantou - se lentamente, os olhos nublados pela chuva de lembranças que se abatia sobre ela.

Naquele instante, ela sabia que era hora de enfrentar - se a si mesma e seu passado. De deixar para trás o que lhe prendia a uma vida ancorada em falsas crenças e verdades impostas. Maria decidiu que era hora de redescobrir seus próprios valores e concepções de fé, conectando - se com sua verdadeira essência e buscando um caminho livre de dogmas e amarras.

Através dessa despedida, Maria entendeu que somente abrindo mão do que lhe era imposto, poderia buscar aquilo que lhe nascia de dentro. E assim, em meio à solidão, ela encontrou a coragem para trilhar um novo caminho, semeando em si a semente da reconstrução de sua fé, de suas crenças e de sua própria identidade. Nascia, ali, uma libertação para sua alma, tão ansiada e tão intensa, que reverberava entre as pedras da praça onde um dia acreditou que seu destino estava selado. Era o início de um novo ciclo, onde a busca pelo desconhecido seria conduzida por suas próprias mãos.

## **Buscando apoio em livros e recursos da biblioteca**

Os dias se esvaíam como água escorrendo de suas mãos. Maria se via cada vez mais atormentada pelos olhares tortos e cochichos de desaprovação ensurdecedores que ecoavam em cada esquina da pequena cidade. Sua entrada na biblioteca municipal não passou despercebida - nunca tinha feito parte daquele ambiente impregnado de livros, poeira e silêncio quase sagrado. Fora uma das últimas a desistir: caminhar pelas estreitas prateleiras e percorrer os dedos pelos volumes empoeirados parecia um ato de rebeldia em si mesmo.

Desejava mergulhar nas páginas de fé alheia e emergir renovada, banhada por uma luz que reverberasse em cada aspecto de sua vida. A luxúria do conhecimento aflagava sua pele inquieta, fazendo - a perceber o quanto estava ansiosa por abraçar a multiplicidade espiritual que a esperava entre os mais diversos volumes. Pincelava o dedo indicador no lombo de cada livro, lendo cuidadosamente os títulos e autores, negligenciando o olhar atento e reprovador do bibliotecário.

Os tomos sobre religiões e filosofias não - cristãs formavam uma fraca

luminescência na penumbra do cantinho reservado à erudição proibida. Lá, Maria encontrou obras sobre budismo e hinduísmo, encantando-se com os ensinamentos milenares. Também se aventurou pelas águas do misticismo e do espiritualismo, intrigada pelas possibilidades de comunicação com o invisível.

A cada nova exploração, Maria sentia a fervilhante energia das palavras embalá-la como um abraço quente. Tudo parecia-lhe tão vivo e tão vívido, como se estivesse desenterrando tesouros milenares que lhe haviam sido negados. Não buscava repassar os olhos pelos versos bíblicos - já os lia como um bebê à cata dos primeiros traços de um rostinho esboçado -, mas sim aprender o desconhecido. O fascínio pelo inédito pulsava em seu coração.

Foi então que um dia, imersa nos meandros das páginas, o bibliotecário, um homem magro de olhos esbugalhados e nariz adunco, que outrora esbofeteara o ódio pelo pecado e a indolente Maria, dirigiu-se a ela com um tom de voz gutural e ameaçador.

- O que você faz aqui, menina? - indagou, arqueando as sobrancelhas.  
- Fuçando nessas histórias de gente perdida, longe da verdade do Senhor? Será que não é mau exemplo o suficiente ter abandonado a nossa religião?

Maria ergueu os olhos do livro que lia, sentindo o tremor em suas mãos que começava a se espalhar pelo corpo. Sua voz saiu trêmula e tímida e ela respirou fundo antes de responder:

- Estou buscando algo que possa acalmar meu coração e minha alma, senhor. Aprendendo sobre outras formas de se conectar com Deus e alcançar a paz. Acredito que todos têm direito a encontrar seu próprio caminho espiritual.

O bibliotecário não se abateu com suas palavras, antes rangendo os dentes e estreitando os olhos. Sereno como uma serpente que finge indiferença até o momento precisamente certo de desferir um bote mortal, ele desfiou um rosário de opiniões e preconceitos. À medida que Maria ouvia seu rangido de ódio fervilhar de sua boca púrpura e comprimida como se fosse um hímen sanguinolento de uma adolescente vilipendiada, não pôde deixar de perceber o preconceito que pulsava no coração do bibliotecário e mesmo de outros membros da comunidade. Mal pôde disfarçar seu desprezo àquela pequenez em forma de homem.

- Deus é um só, Maria - sentenciou o bibliotecário com uma voz engrolada.  
- E a verdade é a que aprendemos em nossos lares, engrandada em nossas

mentes desde cedo. O que está fazendo é uma aberração. Abandonar sua família e seus princípios é um ultraje a tudo que lhe foi ensinado. Acredite, é melhor desistir desse caminho pecaminoso que trilhou enquanto há tempo.

Maria sentia-se mais forte a cada palavra, porém. Erguendo-se em toda a sua estatura, com os olhos cintilantes e um ar determinado, respondeu:

- Acredito, senhor, que Deus é muito maior do que qualquer doutrina ou crença limitada. Ele nos ama incondicionalmente, independente de seguir a risca uma religião específica. E é essa fé que escolhi priorizar. A de um Deus que dá amor, esperança e paz.

O bibliotecário tinha o rosto rubro a essa altura, parecia prestes a explodir. Mas antes que pudesse dar vazão à sua ira, Maria virou-se tranquilamente rumo à porta e saiu da biblioteca com os livros que acompanhariam seus próximos passos espirituais, sentindo a liberdade e a coragem de romper barreiras que lhe eram impostas movendo-se através dela como um choque de energia renovada. Pela primeira vez desde que abandonara as Testemunhas de Jeová, Maria sentia-se pronta para enfrentar quem e o que quer que fosse necessário para validar sua fé e sua busca pela verdade.

E, conforme as portas se fechavam atrás dela, um sorriso calmo e decidido estampou-se em seu rosto, trazendo consigo a certeza de que estava, finalmente, no caminho certo. Maria não apenas vivenciava sua fé, mas a defendia e a construía pedra por pedra, com coragem e resignação. A menina outrora conformada agora se tornava uma mulher, que buscaria seu caminho espiritual com unhas e dentes, se necessário. Com os livros a tiracolo e o coração repleto de esperança, Maria enfrentaria o mundo implacável em sua busca por um relacionamento mais íntimo com Deus, pautado pela verdade, pelo amor e pelas experiências que só o autoconhecimento poderia proporcionar.

## **A meditação como ferramenta para o autoconhecimento**

Maria acordou uma manhã, ainda envolta no peso dos recentes confrontos e na vaga solidão que às vezes a assaltava em momentos de maior introspecção. Ainda que se sentisse relativamente liberta das amarras que por tanto tempo lhe restringiram os pensamentos e a espiritualidade, não podia negar que o caminho percorrido lhe deixara cicatrizes irremediáveis, sulcos invisíveis gravados em sua pele, em seus olhos cansados.

Clarice continuava distante, como se atravessasse um oceano de desejos e afetos, mas se recusasse a estender a mão à Maria. Não reconhecia mais aquele rosto, esmaecido como um reflexo fugidio na água turva de um poço. A culpa se instalou em seu espírito como uma carraça, consumindo-a de dentro para fora, fodendo-se em seu âmago como se buscasse arrancar dos seus sonhos o ossinho resplandecente que unia pecado e remissão.

Foi então que Maria resolveu seguir um dos conselhos de seus livros e trilhar o caminho desconhecido da meditação. Parecia-lhe um projeto intrigante e misterioso, rumo a um jardim secreto habitado por visões místicas e energias palpitantes. Queria, como nos versos de Emily Dickinson, sentir-se percorrida pelo brilho de um rubi, quebrar as amarras que exsudavam a solidão e o frio do deserto para aquecer a alma e silenciar o coração renitente. Ansiava, em última instância, sentir-se uma transmutação entre o humano e o divino, unificar-se com Deus, tornar-se em Uno o Um.

Escolheu o local perfumado e fofo de um arvoredado próximo à sua casa, um cantinho escondido de olhos curiosos e bisbilhoteiros. A folhagem fustigava-se compassada, embalada pelo vento que folgazava e lambia seu rosto úmido e trêmulo. Estendeu uma manta xadrez no chão, usando-a como divisa entre a terra e o céu. Ali, encurvando os joelhos e elevando as mãos como se pretendesse alcançar os olhos de Deus, Maria fechou-se em um casulo marítimo e silencioso.

Cada movimento, cada sintonia e vibração parecia-lhe um ditame inexplorado, um desejo de se aproximar do sagrado e do desconhecido. Maria sentia-se desintegrar-se como pó e renascer como se fosse um apóstolo das cinzas, despertando bem no coração do mundo. Não mais lhe pesava o ego, essa voz inquietante e prepotente que a manietava e lhe sugava o desejo de viver.

Os minutos e as horas se desfaziam em uma espiral anacrônica. Maria percebeu que nada mais importava além do momento presente. Aquele instante selvagem, pulsante de vida e de conexões. As lágrimas que lhe brotavam das pálpebras não eram de tristeza ou angústia, mas de uma epifania de liberdade e compreensão.

Ao final de sua prática meditativa, abriu os olhos e foi assaltada por uma constelação de cores e formas que se estendia ao seu redor. Olhava, deslumbrada, aquela sinfonia de cores e luzes como se tivesse descoberto múltiplos universos concatenados em um único todo. Um véu de paz e alívio

envolveu seus ombros como uma chama ardente e vivaz.

Retornou para casa como quem regressa de um longo périplo pela órbita do desconhecido. Já não sentia as amarras do passado perfurando suas carnes e lhe cortando o ar dos pulmões. O horizonte se espreguiçava diante de seus olhos como o nascer do sol após a noite mais escura. Maria Souza, agora, andava de mãos dadas com Deus.

As dores da solidão e as feridas da perda pareciam ligeiramente mais suportáveis, como se fossem meros reflexos de erros e desalinhos em seu caminho. Sentia-se menos submissa à reprovação e ao julgamento alheio, tornando-se uma estrela solitária no coração do caos. O autoconhecimento, essa senda sinuosa e cristalina, uniria Maria a Deus e à essência da vida.

O adeus já não tinha as tonalidades da morte, tampouco do sofrimento infundável. Pois, na meditação, Maria aprendera o sentido do amor, da verdade e do autoaprimoramento. Era a voz interior, sussurrando serenamente em seu ouvido, guiando-a na direção da iluminação e da reconexão espiritual. Sentia-se alçada pelos estigmas do passado e flutuar por entre os domínios do criador, encontrando paz dentro de si, no âmago dos seus anseios e vendavais.

## **Encontrando a Casa de Chá de Teresa e uma nova mentora espiritual**

Maria Souza perambulava pelas ruas estreitas e cheias de curvas de sua pequena cidade natal. Insegura e confusa, esperava encontrar abrigo e uma palavra de consolo em alguma esquina improvável. A sensação de vertigem a assaltava com frequência, como se fosse desabar do alto das montanhas que queriam alcançar o céu e que pareciam tão próximas que poderiam ser tocadas com um simples gesto.

A chuva miúda daquele final de tarde era como um remédio para a alma. Carregava consigo as poeiras do dia e acompanhava as sombras cada vez mais longas que dançavam contra as fachadas das casas e do casario colonial. As nuvens desciam em espessa cortina, envolvendo seus pensamentos em um espesso véu.

Nesse cenário tão bucólico de calcanhares e incertezas, Maria Souza percebeu um cartaz com a doce e amareladíssima foto de uma casa rústica que parecia saltar da reboco de uma parede pichada de crenças e de mortes.

O interior do ambiente, com suas mesas floridas e cadeiras de fibra macia, convidava-a a entrar e conversar com uma caricatura alegre de uma senhora que parecia sorver a vida em um canto do mundo aveludado e incerto.

Maria aproximou-se do local segurando firmemente sua bolsa e reparou na placa que pendia de meia dúzia de parafusos gastos pela ferrugem e solapados pelos rabiscos abstratos das mãos do tempo. Dizia com letras tortas, como se escritas por um aprendiz de calígrafo que tivesse os dedos duros e esqueléticos de um músico que não pudesse mais bailar no gasto do tempo: "Casa de Chá da Teresa".

Maria empurrou a porta rangendo sua curiosidade e viu-se cercada por um oásis de ímpetos e afetos, com seu ambiente aconchegante, repleto de velas e almofadas fofas. Era como fintar o horizonte e adentrar uma dimensão repleta de gargalhadas e aromas desconhecidos, um caleidoscópio de estímulos que a transportava a um mundo quase onírico, repleto de encantamentos e afagos.

Em um dos cantos, a roliça figura de Teresa labutava diante do fogo que ardia como um leque a percorrer os olhos das mangueiras e panos de prato. Seus olhos pequeninos e curiosos como dois botões de ouro pareciam despelar os mistérios e os segredos das xícaras e dos bules cuidadosamente enfileirados à espera da centelha que lhes dariam vida.

Maria avançou timidamente, sentindo o peso do local e da hospitalidade de sua nova companheira de jornada. Teresa, sem desviar os olhos da alquimia em chamas que executava diante da chaleira, acomodou-a com um gesto livre em uma das mesas e quis saber o que a trouxera até seu palácio de beiras e águas mornas.

Maria franziu os olhos, como se buscasse desvendar o âmago da pergunta, e escancarou as portas de seu passado e de seu coração, confessando que buscava um porto seguro, um lugar onde pudesse repousar a alma cansada e ferida pelo julgamento e pela solidão. Sentia-se como Maria Madalena às vésperas da Ressurreição de Jesus, devastada pela dor e à procura de uma esperança para curar suas chagas e cicatrizes.

Teresa fitou-a com um brilho sereno nos olhos, como se a compreendesse de um modo mais profundo do que Maria jamais pudera imaginar. Sem hesitar, convidou aquela menina de coração triste e solitário a sentar-se ao seu lado e a partilhar da maravilhosa energia das ervas e infusões, das fragrâncias que expeliam das paredes banhadas pela penumbra e pelos

mistérios.

A conversa que se aprofundava naquele santuário de calor e silêncio se estendia por horas e dias, entrelaçando-se com o tricotar de palavras e a sintonização de corações que se tornavam cúmplices em buscas e anseios. Teresa, com a ternura e sabedoria que vinham dessa intimidade com o desconhecido e com o divino, ajudava Maria a trilhar um caminho próprio de autoconhecimento e conexão com Deus.

Na Casa de Chá da Teresa, Maria renascia como a fênix em sua tapeçaria de cinzas e mistérios. Ia desconstruindo seus medos e angústias, encontrando em cada grão de sabor e conhecimento um fragmento de luz e esperança, um caminho desenhado por mãos sábias e pelo pulsar de uma veia espiritual que encontrava consonância em seu coração.

Maria, sentada à mesa com Teresa, os dedos entrelaçados em torno da xícara de chá, sente-se cada vez mais próxima daquela energia luminosa e libertadora. Sabe que em seu coração, o fio da espiritualidade se une à matéria e transcende as fronteiras do que lhe fora ensinado, reconstruindo a fé que outrora se perdera no labirinto obscuro das testemunhas.

O chá torna-se uma metáfora poderosa para a vida de Maria. Despejar as ervas sobre a água quente, assistir à dança efêmera de cores e sabores, filtrar os sólidos e apreciar a gentil fusão de ingredientes em um líquido singelo e revigorante, mostrava-lhe o caminho de purificação e renascimento que precisava encarar em busca da verdade. Assim era sua espiritualidade, uma mistura de aromas e harmonias em um caldo grosso e inebriante de vida. E assim seguiria em frente, acalentada pela sabedoria e compreensão de sua mentora e pela promessa de um futuro mais ombreado e promissor.

## **O poder da paciência e da autoaceitação nesse novo caminho**

Maria olhava pensativa para a xícara de chá que Teresa havia preparado para ela. As cores do crepúsculo refletiam na porcelana como camadas de fogo ondulando no vento. Ela ainda estava molhada - a chuva havia engrossado durante sua caminhada até a casa de chá. Seu cabelo pingava no chão de madeira enquanto lá fora, a tempestade recém-chegada dava o seu espetáculo.

”Não se preocupe com a chuva, minha querida,” disse Teresa, sorrindo

bondosamente. "Ela lava tudo o que precisa ser limpo. E nos ensina a atravessar o dilúvio quando somos forçados a encará-lo."

Maria assentiu, sentindo a sabedoria naquelas palavras. Ela estava em busca de clareza e um entendimento maior de seu caminho, com a esperança de encontrar algo que pudesse ajudá-la a seguir em frente com confiança e coragem. Buscar a paciência e a autoaceitação nesse novo caminho tornava-se algo essencial.

As duas se aconchegaram na mesa, o chá fumegante transmitindo uma sensação acolhedora no ar úmido. "Você sabe, Maria," Teresa começou, "a paciência e a autoaceitação são duas virtudes muito poderosas. Mas elas não vêm facilmente. É preciso tempo e prática antes que possamos integrá-las verdadeiramente em nossas vidas."

Maria assentiu novamente, desviando o olhar para fora da janela, onde as gotas de chuva se acumulavam nas flores e folhas. "Mas como? Como posso aprender a ter paciência quando tudo dentro de mim quer se apressar e encontrar respostas? E como posso aprender a me aceitar e não me punir quando cometo erros?"

Teresa sorriu com carinho, seus olhos refletindo o brilho das velas acesas ao redor da sala. "É uma jornada, minha querida. Uma jornada sem fim. A paciência e a autoaceitação não são algo que você conquiste e, então, simplesmente possua para sempre. Elas são como plantas em um jardim - precisam ser cuidadas, regadas e amadas para que floresçam."

"Mas você não pode fazê-las crescer apressadamente, ou elas murcharão e morrerão," continuou Teresa. "É algo que você precisa cultivar com amor e dedicação ao longo do tempo."

Maria ouvia atentamente, sentindo as palavras de Teresa penetrarem em seu coração e iluminarem as sombras de sua alma. "E qual é o primeiro passo?" ela perguntou, ansiosa por começar sua jornada de crescimento espiritual.

"O primeiro passo é simplesmente estar presente no momento - ser consciente do que está acontecendo dentro de você e ao seu redor, e aceitar isso sem julgamento," Teresa aconselhou, os dedos traçando padrões invisíveis na toalha bordada. "Aprenda a se sentar com seus sentimentos e pensamentos, permitindo que eles sejam sem tentar mudá-los ou exasperá-los."

"E mesmo que esteja se sentindo ansiosa, com medo, irritada ou triste, lembre-se de tratar a si mesma com carinho e amor, pois é isso que você

merece,” ela adicionou, olhando profundamente nos olhos de Maria. ”Todos cometemos erros e todos temos defeitos, mas isso não significa que somos indignos de amor e aceitação.”

Maria refletiu sobre as palavras de Teresa, sentindo a verdadeira presença bater como ondas suaves em seu coração torturado. Ela percebeu que a paciência e a autoaceitação eram como chaves que poderiam destrancar o potencial infinito dentro dela, se apenas ela ouvisse as palavras de sabedoria de Teresa e seguisse esse caminho.

”A vida é um eterno aprendizado, Maria,” Teresa continuou, sorrindo calorosamente. ”E com esse aprendizado vem a compreensão de que todos nós somos humanos e imperfeitos. Aprender a ser paciente e a se aceitar como você é permitirá que a alegria e a ternura fluam dentro de você, e você perceberá que essa é a verdadeira força.”

Maria sorriu em agradecimento por essas palavras edificantes e voltou sua atenção para a xícara de chá, observando como as gotas de chuva deslizavam de sua mão para a porcelana. Ela percebeu que todo o poder de que precisava estava ali - no momento presente - e decidiu que a partir daquele instante, se dedicaria a abraçar a paciência e a autoaceitação como parte de sua jornada espiritual.

Com Teresa como sua mentora e amiga, Maria sentiu uma nova onda de determinação perpassar por seu corpo. Ela estava pronta para enfrentar quaisquer tempestades que viessem em seu caminho, pois agora tinha a certeza de que a paciência e a autoaceitação seriam o seu escudo, refletindo o amor e a luz de dentro de si, contra o calor da dúvida e da escuridão do mundo. A tempestade ainda rugia lá fora, mas para Maria, o sol começava a brilhar mais uma vez.

## **O alívio das primeiras conexões verdadeiras com Deus**

Maria caminhava solitariamente pela trilha que serpenteava a colina e desembocava no alto do Morro da Fé, um refúgio espiritual que oferecia uma vista panorâmica da pequena cidade e do céu acima. Permitindo-se submergir na quietude do entardecer, seus pensamentos vagueavam nas últimas visitas à Biblioteca Municipal e às escrituras que havia estudado. As palavras sagradas e frases profundas se misturavam entre si, como um imenso quebra-cabeça cujas peças apenas aguardavam a mão divina para

serem montadas.

Ao chegar ao topo e vislumbrar as luzes que faiscavam e transmitiam calor na cidade abaixo, Maria sentiu - se repentinamente atravessada por um feixe de compreensão e alegria mortificadoras. Era como se uma energia cósmica silenciosa envolvesse seu coração e esclarecesse as zonas obscuras de sua alma, curando chagas dolorosas que haviam sido abertas em sua luta por desvencilhar - se dos grilhões das Testemunhas de Jeová.

Sentou-se em um tronco de árvore caído, seu coração pulsando e acelerado como se pedisse para ser ouvido e desperto. Maria olhou o horizonte, onde as montanhas se curvavam diante da majestade do céu, carregado do éter e das vidas passadas. De alguma forma, sentiu que aquele era o momento de renunciar à solidão e à insegurança que havia dominado sua vida até então e permitir que a presença magnífica de Deus se ultimasse em seu coração.

Fechando os olhos e elevando as mãos ao céu, Maria deixou - se levar pela coreografia de seus pensamentos e de seus anseios - um requinte que revelava, mais do que qualquer vitória mundana, a verdadeira natureza do universo e da criação. Deus, para Maria, não era um deus de condenação e segregação, mas um Deus de amor e de esperança, um Deus que desejava apenas ser compreendido e respeitado por um coração puro e por olhos que olhassem além do material e do efêmero.

Maria respirou fundo, sentindo sua alma expandir - se e deleitar - se em uma sintonia que, até então, ela jamais tinha experimentado. Era como estar completamente só e, ao mesmo tempo, envolvida pela essência pulsante e obsessiva do mundo e da comunhão humana.

E emergiu então uma conexão, áurea e inquebrantável, atraindo a jovem em uma rede de ressonâncias transcendentais e imcomensuráveis, um símbolo da infinitude do amor de Deus, uma alquimia preciosa de gritos nunca ditos e promessas jamais confessadas.

Naquele momento, seus lábios se contorceram em uma súplica silenciosa e lacrimosa, uma prece que atravessou o éter e o martírio dos desesperados. E em sua prece, ela pediu para ser ouvida e guiada, para ser amada e perdoada pelas escolhas que fizera e pelos trilhos que ousara percorrer em busca de si mesma e do amor - túsico que havia deixado escapar em uma névoa de confusões e obscenidades.

E acima de tudo, Maria pediu a Deus para nunca mais ter que cair nas garras de um deus vingativo e impiedoso, um deus das religiões e das seitas

que regia seu foco no medo e na coação. Queria o Deus do amor e da pureza, do perdão e da compreensão, a semente divina que brilhava em cada coração aberto à esperança e à grandeza da criação.

A resposta veio como um sussurro de luz e aconchego, um murmúrio que penetrou seu coração e despertou a chama da fé. Deus parecia envolver seus braços ao redor de Maria, oferecer - lhe a confiança e o cuidado de uma amizade sincera e paciente. Não haveria mais angústia, punição e segregação, mas apenas a ternura e a graça de Deus.

Ao abrir os olhos com cada brilho de estrelas, Maria sentiu que havia trazido Deus a uma nova dimensão de relacionamento e aceitação, uma comunhão forjada no alicerce infinito do verdadeiro amor. Libertada das amarras do passado e das doutrinas desconexas, ela iniciara a construção de uma nova casa espiritual, erguida das pedras do amor e da confiança, da verdade e de todas as promessas jamais contempladas.

Em seu coração, a conexão deixara tatuado o inegável sentimento de que, pela primeira vez em sua vida, estava verdadeiramente tocando o divino. Nunca antes havia sentido algo tão verdadeiro e poderoso, um furacão sereno que dizimava todas as dúvidas, deluando sua alma em um abraço cálido e eterno.

Maria levantou - se, seu peito ainda palpitando com a maré de emoções que fluíam através de seu ser. Com passos hesitantes e deliberados, começou a descida do Morro da Fé, as luzes da cidade brilhando como bastiões do mundo material à sua frente.

## **Aprendendo a encontrar paz na solidude**

Maria encontrava - se mais uma vez no Morro da Fé, o refúgio espiritual onde sentia um silêncio verdadeiro, a quietude necessária para entender a si mesma e o infinito. A luz do sol começava a se despedir no horizonte, tingindo o céu de uma rica paleta de cores que mesclavam a alegria e a melancolia do por do sol. Ela aguardava as estrelas surgirem após o sol se pôr, um espetáculo que sempre lhe trouxera paz e esperança.

O peso da solidão apertava - lhe o peito como uma mão implacável, sufocando - lhe a respiração. Era um fardo pesado e invisível, maculado com as lembranças e rancores de um passado que lhe perseguia como uma sombra obstinada. Um vazio doloroso adensava em seu peito, enchendo de saudades

o espaço aberto pela sua saída das Testemunhas de Jeová. A liberdade que descobrira ao desvencilhar-se das amarras opressivas da religião era também um desafio árduo e solitário.

Sentada sobre a grama áspera e um pouco úmida do morro, Maria lembrava-se das palavras da sabedoria e compaixão da que lhe oferecera Teresa na Casa de Chá. A paciência e a autoaceitação eram chave, remarcara Teresa, para encontrar a paz na solitude e no silêncio. Eram dons valiosos e raros, que precisavam ser nutridos e cultivados, como as sementes de um gracioso jardim.

O vento da noite começava a serpentear pelos cabelos de Maria, trazendo consigo o frescor do crepúsculo e o perfume das flores noturnas. Ela inspirava o ar fresco, deixando-o encher seus pulmões e lentamente se transformar em energia vital, animando cada célula e cada átomo de seu corpo.

Lentamente, Maria começou a sentir as rígidas paredes de seu coração se desfazerem, derretendo-se sob o calor do amor e da aceitação. Era como se todo o peso que escurecia sua alma estivesse se dissolvendo no éter em volutas silenciosas, libertando-a de suas garras e permitindo-lhe respirar novamente.

Como uma âncora flutuando em direção à superfície da água, Maria sentiu o peso da solidão se desprender de seu coração, permitindo-lhe mergulhar no mar calmo do amor e do perdão. Pois tinha aprendido que o silêncio e a solitude não eram inimigos, mas sim, mestres que ensinavam a arte da paciência, da autoaceitação e da paz interior.

Ela se perguntava se eles sentiriam sua ausência com a profundidade que ela sentia, se ante a imensidão do céu seus olhos se posassem com lágrimas de saudades. Será que eram dignos de perdão aqueles, seus antigos companheiros, que a haviam julgado e banido, não reconhecendo o profundo trabalho espiritual que nela germinava?

Ela imaginava se seus pais talvez dispersariam uma prece entre suas orações fervorosas, rogando por sua proteção e bênçãos. E então, quase como num sussurro em seus ouvidos, uma voz surgia em seu coração, gentil como a brisa, ternamente murmurada: "Eles são apenas humanos, Maria. Assim como você".

Ela retornou à mente as palavras de Teresa, lembrando a imagem das plantas em seu jardim. Era um lembrete de que todos nós, em nosso caminho, precisamos aprender a ser pacientes e a nos aceitar, descobrindo a

paz não apenas no amor e cumplicidade dos outros, mas também no silêncio que brota dentro de nós.

Em seu peito, ainda ecoava essa melodia solene e silente, o coração compassando estrofes de compaixão e tolerância, recordando - a que o caminho em busca de si mesmo era solitário na maior parte do tempo, mas iluminado pela luz das estrelas, dos olhos atentos e cúmplices de Deus.

Tendo encontrado essa pérola rara e preciosa no coração da solitude, Maria levantou-se, o coração em paz e repleto de amor. Sabia que ainda enfrentaria adversidades e lutas, assim como todos enfrentamos, mas agora era como se um farol brilhasse em seu coração, guiando - a no escuro, apontando o caminho para a verdadeira paz e autoaceitação.

## **Valorizando as pequenas vitórias e enfrentando os desafios com coragem**

O sol descia lentamente, tingindo o céu de laranja e vermelho e fazendo com que as últimas sombras da tarde dançassem nos caminhos da cidade. Maria, como sempre, voltava da biblioteca, os braços repletos de livros sobre religiões, filosofias e espiritualidade. Trajava um vestido simples e modesto, que já apresentava sinais de desgaste e que era tudo que ela tinha após abandonar a rigidez das vestimentas das Testemunhas de Jeová.

Caminhando devagar e absorta em seus pensamentos, Maria não percebeu o grupo formado por algumas pessoas com quem ela tinha convivido no passado. No revez do caminho, já era possível ouvir risos e cochichos maliciosos, indicativos do venenoso julgamento que existia.

"Olha lá, a Maria! Foi parar na biblioteca, desvendando os segredos do universo! O que será que a 'iluminada' encontrou dessa vez?", sussurrou Malu, uma das antigas amigas de Maria.

"Oi, Maria, ouvi dizer que você estava estudando meditação agora. Vai se tornar uma bruxa?!", caçoou o jovem Pedro, a maldade brotando em seu sorriso.

Maria suspirou profundamente e levantou os olhos, encontrando o olhar desdenhoso e cheio de escárnio daqueles que antes a consideravam amiga e irmã na fé. Por um momento, a dor a assolou, submergindo - a em um oceano de ressentimentos e mágoas. Mas, no fundo de seu coração, uma voz suave e tênue a lembrou do que Teresa havia dito há algum tempo: valorizar

as pequenas vitórias e enfrentar os desafios com coragem.

Respirando fundo, Maria reuniu toda a força de sua alma e se preparou para encarar o grupo venenoso. Seu rosto adquiriu uma expressão serena e decidida, um escudo invisível contra a negatividade alheia.

”Boa tarde a todos”, disse Maria, com respeito e firmeza. ”Realmente, eu estou estudando meditação e outros temas. Acredito que se pode encontrar muitas pérolas de sabedoria em diversos aspectos do conhecimento e da espiritualidade.”

As palavras de Maria causaram um abalo no grupo, mas Malu, instigada por um espírito de provocação, não estava disposta a deixá-la escapar tão facilmente.

”E é esse seu novo hobby que vai te salvar, Maria? Não acha que está pirateando fé alheia, em vez de aceitar a verdade como todos nós?”, insistiu Malu, com um sorriso cínico.

Maria hesitou por um instante, mas se manteve firme, pensando nas lições que aprendera em suas meditações e leituras, na luz que encontrara dentro de si.

”Não estou pirateando fé, Malu. Estou buscando algo maior do que apenas regras e doutrinas que limitam a capacidade de amar e compreender. Deus é amor e está presente em cada coração. Sentimos que tocamos algo verdadeiro e profundo além das diferenças que nos separam. Se me permitem, irei continuar minha busca e também deixá-los seguir seu caminho. Que Deus os abençoe”, concluiu Maria, firmemente.

Com isso, Maria contornou o grupo que, atônito e sem palavras, apenas assistiu a sua passagem. Maria continuou sua caminhada em direção à sua casa, sentindo um calor de vitória e coragem percorrer seu corpo. As palavras de Teresa ressoavam em sua mente, como um mantra constante: ”Valorize as pequenas vitórias e enfrenta os desafios com coragem”.

Era uma prova de que, apesar de todas as dificuldades e desafios que Maria ainda enfrentaria em sua caminhada espiritual, havia também momentos de profunda força e empoderamento. A coragem de se manter firme em suas convicções e enfrentar aqueles que desejavam diminuir seu brilho espiritual crescente - esses eram seus troféus, vitórias singelas e essenciais, sem as quais Maria jamais teria encontrado o caminho que a levaria além do julgamento humano e a aproximaria de Deus.

## Chapter 5

# A Descoberta da Nova Espiritualidade

O cantarolar dos pássaros preenchia o céu crepuscular de cores mescladas, anunciando o término de mais um dia. A cidade, que sempre pareceu desfrutar de seu próprio tempo, debruçou-se preguiçosamente no sono, alheia às dores e conflitos que agitavam a alma de Maria. No horizonte, a imponente silhueta do Morro da Fé emergia como um farol, uma promessa indelével de liberdade, uma conexão com o divino.

Algo em seu interior estava mudando e se transformando, um metamorfismo que ocorria não apenas em sua compreensão conceitual e regrada do mundo, mas também em seu modo de perceber e se relacionar com a existência. A música dos pássaros aguçava seus ouvidos, o ar fresco invocava de seus pulmões vida e encanto, os passos que levavam ao Morro da Fé soavam como uma marcha solene, a caminhada do guerreiro que clama por paz e encontra-a na profundidade de si mesmo.

Guiada por esse íntimo chamado, Maria arfava sentindo o esforço da desafiadora escalada desvelar uma imensidão de possibilidades adiante. Suas pernas fraquejavam, a respiração ofegante trazia da boca indiscretos suspiros e preces. Havia quístico em sua alma o ardor insaciável de conhecer e de alcançar voos além do que foi imposto como verdade, e sentia que aquele monte, árido e silente abrigaria em seu topo a energia necessária para que seu espírito se libertasse das amarras sociais e atingisse o infinito.

Ao alcançar o cume do morro, o mundo de repente abriu-se em sua plenitude, como se fosse a primeira vez que enxergava além do verde das

matas e das casinhas coloridas que se enroscavam umas nas outras pela cidade. Lá de cima, a vida parecia compor - se de minúcias preciosas, os tetos coloridos abraçavam - se como amantes sonhadores, o riso das crianças reverberava distante como brisa no sopé da serra. Era como se migrassem de sua vista cansada as lentes cinzentas que obscureciam o esplendor da vida e se abrisse, enfim, o véu que lhe revelaria o divino.

Assim, inspirando profundamente, Maria sentou - se sobre a relva áspera e seca e fechou os olhos. O coração, calmo e compassado, apaziguava a mente e sossegava o espírito com seu tamborilar singelo. Em terra e pedras sentia - se em conexão com a natureza, com o divino que se manifestava em cada folha dançante, em cada flor singela, em cada pedra poeirenta.

E então, quase que num sussurro ensurdecedor, seu coração se dividiu numa melodia arrepiante. Pedia, hesitante, por perdão e por consolo, rezava por si mesma e por seus erros, e também pelos que a abandonaram, pela comunidade de fé que lhe desejara a dor.

Maria nunca experimentara uma oração tão intensa e tão profunda, uma conversa tão íntima e tão universal com a energia que permeava tudo e todos. Deixou - se envolver pela sensação de presença divina, o silêncio que lentamente inundava seu ser, trazendo a certeza de que não estava sozinha na busca por si mesma e por uma fé verdadeira.

A impressão era como se tivesse, durante toda a vida, estado numa sala escura e sem janelas, apenas a tênue luz das velas dos dogmas religiosos iluminando - a e guiando - a em seu caminho. E, ao escutar a si própria e abraçar o medo e a esperança, a janela se abriu de uma só vez, revelando um mundo iluminado por um sol de amor incondicional e de conhecimento divino.

A angústia e o medo pareciam se dissolver como névoas evanescendo ao amanhecer, dando lugar à paz e à aceitação de sua própria força e imenso potencial.

Sentia como se as mãos divinas tivessem abraçado seu coração, acalentando - o com gestos suaves e repletos de amor e misericórdia. Ali estava Ela, a voz sussurrada nas dobras da alma, esperando por um espaço silente e solitário para ecoar - se, uma tela vazia onde pintar as cores vibrantes da divindade.

Deixando - se envolver pelo abraço divino, Maria entregou - se à imensidão desse amor. Sabia que ainda enfrentaria provações e adversidades conhecidas

e desconhecidas, angústias solitárias em noites escuras e frias. Mas agora, mais do que nunca, tinha a certeza de que carregava em seu interior uma febril chama, uma luz solene e cintilante, que nada poderia suprimir.

Maria sentiu que, com esse entendimento, já não estaria mais sozinha, mas acompanhada pela força transformadora do amor e da sabedoria divina. Respirou fundo, absorvendo o ar fresco e odores da noite, recolhendo em si o perfume da sabedoria e do amor que fluía daquele momento cósmico, uma conexão primordial perdida e agora resgatada.

Agora, sua jornada apenas começava - mas Maria sabia que, conectada com uma força tão poderosa e transformadora, estava pronta para iniciar o caminhar que a levaria ao mais profundo de si mesma, ao mais íntimo de suas crenças e saberes, aos confins da humanidade e a um encontro verdadeiro com o Divino.

## **Buscando outras formas de espiritualidade**

A solidão instalara - se como uma estirpe voraz no coração de Maria, devorando - a pouco a pouco, deixando em seus dias pueris apenas silêncios e vazios. Cada fôlego era um grito engolido, cada passo um avanço em terras desconhecidas, cada pensamento uma corrida louca na escuridão. Não restavam mais perguntas em sua mente, apenas resquícios das dores do passado, sombras fantasmagóricas que desfilavam sem piedade pelos recônditos de seu desespero.

E, assim, fosse por um ímpeto de autopreservação, camuflado em suas idiossincrasias como um impulso de curiosidade e inquietude, Maria começou a buscar outras formas de espiritualidade, outras vias de conexão com o divino naquilo que, algum tempo atrás, fora sua rede de conforto e certeza. Na incessante busca por essa nova crença, Maria deu - se conta de que suas escolhas seriam um banquete para o destino e uma jornada sem precedentes.

Peregrinando em um deserto de dor e incertezas, Maria buscou abrigo nas páginas de livros sagrados e nas palavras daqueles que já haviam buscado a luz além das prisões dogmáticas. No entanto, sua busca não era apenas de conhecimento e sabedoria, mas também de um bálsamo para as feridas escancaradas, de um consolo para os corações despedaçados, de um abraço morno e cheirando a lar.

Ao longo de sua jornada, o olhar de Maria penetrava - lhe a alma, o

fantasma de sua juventude trazendo consigo a contradição, o temor e a esperança. Foi nessa bruma de sentimentos que Maria reconheceu o desespero já havia se instaurado em seu interior, fazendo-o seu lar e erguendo paredes altas e sombrias ao redor de seu coração.

Quando penetrou a densa atmosfera do pequeno bazar repleto de encantos, charlatanices e símbolos acalentadores, Maria fragilizou-se perante à beleza mística e abrasadora que escondia-se no lugar. De maneira silente e indiscreta, o aroma de incensos preenchia o recinto, conscientizando a jovem que ela estava, por assim dizer, navegando em águas desconhecidas.

Maria, agora diante de um mostruário de livros, sentiu-se envolta por um misto de curiosidade e apreensão, ansiosa por explorar as páginas e saber mais sobre outros caminhos de aproximação com Deus. Antes que pudesse se dar conta, o veneno do julgamento pronunciou-se em seus lábios, a lembrança do temor à heresia, à bruxaria e ao ocultismo ressoando em seu coração.

"Ave Maria, senhorita!", disse abruptamente a velha senhora de cabelos brancos e sorridente. "Desculpe perturbá-la, mas não posso deixar de notar o seu interesse na espiritualidade. Ou devo dizer... a sua hesitação?"

Maria engasgou-se com as próprias palavras, tremendo perante o olhar compreende dor e arguto que emanava da senhora.

"Ah... sim, é verdade, estou buscando, mas não sei por onde começar...", admitiu Maria, revelando em suas palavras a vulnerabilidade e a ânsia que a afligiam.

"São nas encruzilhadas que a vida se desenha, meu bem. Acredito que já conheça o cristianismo, mas talvez seja o momento de explorar outras crenças, outros caminhos, outros modos de se conectar com o sagrado", refletiu a velha senhora.

Com a voz tremulante, Maria arriscou: "Sim, eu gostaria muito de entender... mas tenho medo. Medo de que esteja errado, de que esteja condenando a minha alma".

A senhora sorriu, uma expressão de sabedoria e amor imaculadamente vincada em seu rosto.

"Não se preocupe, minha querida. A verdade é que somos todos filhos do Criador, navegantes no oceano do desconhecido. Lembre-se, Deus é um abraço e não uma mordaca. A escolha é sua, é claro, mas acredito que é nas diversidades que florescem as sementes da fé e da compreensão".

As mãos de Maria, trêmulas por um momento, estenderam-se e tomaram um livro entre os tantos que lhe eram oferecidos, o título desconhecido e sedutor fazendo-se um rastro de borboletas em seu estômago. Sua mente clamava-lhe em silêncio pela coragem, a habilidade de confrontar a mordação que fora colocada em seu peito e arrancá-la com todas as forças.

Ao abraçar o livro entre os braços, Maria sentiu como o início de uma nova aventura, um passo corajoso e necessário em direção à liberdade espiritual e ao autodescobrimento. Sabia que ainda estava à beira de um abismo, mas prometeu a si mesma que, em vez de cair, se atiraria em direção ao desconhecido, com firmeza e fé.

## O encontro com Teresa e o início da mentoria

A névoa do alvorecer estendia-se ainda pelo chão esburacado do caminho que margeava o bosque, nas terras menos marcadas pelo tempo. Na solidão desse mundo paralelo, Maria se esgueirava silente durante o alvorecer para contemplar-se em seu próprio drama, buscava-se nos ocultos segredos daquela paisagem desolada e reconhecia, aflita e sombria, a própria dor tênue que lhe quebrava a alma.

E foi em uma manhã dessas, onde os raios de sol começavam a iluminar as copas das árvores e a névoa se dissipava, revelando uma trilha que Maria ainda não havia percorrido, que a mística figura de Teresa apareceu.

Na borda da trilha, um pequeno casebre de chá captou os olhos cansados de Maria. Tudo na natureza parecia chamá-la para aquele pequeno refúgio de paz e segredos ancestrais. Sua mente inquieta se viu atraída pelo belo e misterioso espaço que a convidava à descoberta de um mundo desconhecido, um universo íntimo e novo.

Estendendo a mão para a maçaneta da porta, já enfeitada pelos segredos que sabia estar prestes a descobrir, Maria sentiu uma presença atrás de si.

"Lá dentro reside a bravura daqueles que decidiram ir adiante, minha criança", disse uma voz idosa, quase mágica.

Ao se virar, Maria fitou nos olhos a materialização da voz, uma senhora de porte humilde e traços suaves.

"Meu nome é Teresa", ela continuou, antes de Maria ter tempo de processar a aparição repentina e formular sua pergunta silenciosa. "Venha, se quiser saber o que está dentro de você mesma".

Maria hesitou um momento, ainda atordoada por toda essa misteriosa situação, mas certa de que aimitava a mão que abria as portas de seu universo para aquele cúmplice desconhecido.

No interior da Casa de Chá de Teresa, o aroma dos temperos exala um aroma que revigorava a alma. As cadeiras e mesas de madeira rangem em uníssonos com os pássaros que dão as boas-vindas ao dia, e os papéis de parede cobertos de flores eram testemunhas das conversas à meia-luz e às confissões desnudas de corações que se derramavam ao som do tilintar das colheres no chá.

Maria não sabia expressar a sensação que a invadia. Em meio àquele cenário repleto de magia e sabedoria, Teresa a guiava silenciosamente por entre as diferentes prateleiras de chás e os misteriosos segredos que ansiava desvendar.

”Sei que está buscando, Maria”, segredou Teresa, após escolherem um chá e se sentarem à mesa, com a luz matutina banhando suas silhuetas. ”Todos nós estamos, de alguma maneira. E vim te mostrar que você não está sozinha nessa busca.”

Maria arregalou os olhos surpresa. Em uma mistura de emoções e perguntas não formuladas, fixou o olhar em Teresa, desejando de alguma forma tocar o conhecimento e a paz que emanava dela.

”Vivemos em um mundo paradoxal, minha criança. Uma dimensão onde o mais simples gesto pode revelar o divino e o profano, e onde camadas se sobrepõem e entrelaçam-se em um manto espesso de possibilidades. A cada passo que damos nessa jornada, um pouco de nós se perde e outro pouco se encontra nos fragmentos que esses encontros nos deixam.”

Maria encarava Teresa, com a mente começando a se perder em um labirinto de indagações e desejos de se aproximar do conhecimento que a mulher lhe oferecia. A caneca de chá segurada por suas mãos trêmulas parecia guardar os segredos da vida e em seus olhos florescia uma esperança de compreensão e de amor nunca antes experimentados.

Nesse momento, Maria sentiu-se como se tivesse sido agraciada com o presente mais belo que pudesse receber. Naquele encontro com Teresa, começava a enxergar a porta de entrada para um mundo de autoconhecimento e compreensão do divino, o vislumbre de conexões verdadeiras com o universo, a força que pulsava no fundo de seu peito e que ansiava por liberdade. E, em sua jornada, nunca deixaria de agradecer ao destino por

tê-la guiado até aquele momento de revelação e transformação.

## **Aprendendo a meditar e conectar - se com Deus**

O sol domeado projeta raios fulgentes através das árvores da pequena cidade, desenhando sombras dançantes na terra úmida de orvalho, como se testemunhassem a chegada de uma nova jornada. Uma brisa doce e renovadora enche as narinas de Maria com o perfume das flores, enquanto ela senta - se na entrada do Morro da Fé, um santuário silencioso em comunhão com o céu e a terra. Consigo, ela traz as memórias das cicatrizes do passado e os ensinamentos guardados no coração, como se cada fibra de seu ser estivesse prestes a se transformar em um poema pulsante de amor e compaixão.

Desprendendo - se do casulo de suas dores, Maria ergue o olhar para a curvatura do céu, permitindo que o azul infinito penetre - lhe a alma. A meditação, prática sagrada que aprendera com sua querida Teresa, envolve - a em um manto de paz e abandono, desfazendo os nós que, até então, consumiam seus sentimentos.

”Feche os olhos, querida Maria”, ouve como um eco distante a voz da mestra que a ensinara a buscar seu próprio centro gravitacional. ”Alivie o coração, confie no poder transformador da vida e conecte - se com o eterno que habita seu ser”.

Submissa aos dizeres interiores, Maria sente o peso dos anos evaporar como a música dos pássaros ao amanhecer, cada batida do coração tornando - se mais leve e compassada, cada fio de cabelo espalhado em seu rosto sereno celebrando a liberdade de uma existência plena. E, aos poucos, uma força invisível parece preencher seu peito, como se um portal tivesse sido aberto diante de si, revelando - se uma ponte para o divino.

Lembrando - se dos ensinamentos arraigados em sua alma por Teresa, Maria, fervorosamente, busca o oposto daquilo que a religião em que crescera lhe ensinara: a muitíssima presença divina na conexão com tudo que é sagrado e regenerador. Nada de peso, juízo, culpa ou castigos; antes, um encontro entre a essência mais pura de si e o silêncio sepulcral que lhe permite entrar em comunhão com o Deus que reside em seu íntimo.

As lágrimas começam a brotar como rios destemidos em suas órbitas. Maria, lutando para manter a conexão com o desconhecido, sente - se como

se estivesse sendo consumida pelo abismo informe que se abre sobre sua alma. "Devo continuar?", indaga - se antes de afundar num turbilhão de sentimentos e lembranças dilacerantes.

Então, como uma centelha na escuridão das profundezas, a eloquência do silêncio se rompe e se desvela em sua mente, deixando uma mensagem clara e inegável: "Sim, minha filha, continue, aqui estou, contigo. Deixa que eu te envolva em minha eternidade".

Foi como se uma corrente elétrica a varresse de fora a fora. Maria sente, em cada célula de seu corpo, em cada fibra de sua alma, um calor indecível, uma presença poderosa e absolutamente amorosa que a preenche e fortalece. Deus, infinitamente mais sábio e compassivo do que as limitações da interpretação humana, estende a mão e segura a de Maria, uma celebração de vida, de amor e de fé inabalável.

A descoberta dessa conexão divina, amplamente impensável em sua antiga crença, muda Maria para sempre. Tendo conhecido Deus de uma forma tão pessoal e profunda, a palavra "medo" já não faz mais sentido em seu coração. A confiança, a fé em seu próprio valor e verdade e a paz que emanam dessa experiência de encontro com o divino a transformam na luz brilhante que guia as vidas das pessoas que a cercam.

Recuperando suas energias e a consciência do mundo ao seu redor, Maria se inclina em gratidão e, com o coração cheio de amor e satisfação, sabe que ela e Deus são, agora, uma coisa só. Num gesto repleto de paz e sabedoria, começa a traçar, passo por passo, a história mais extraordinária de todas: a do resgate da fé verdadeira em um mundo tão desafiador e perdido como aquele em que nasceu.

## **Estudando diferentes tradições religiosas**

Maria saiu da biblioteca apertando contra o peito as sete publicações diversificadas que selecionara, cada uma mais diferente do que a outra. Algumas eram jornais locais de décadas atrás, outras eram livros de autoajuda consagrados na área espiritual, e os últimos eram cópias de pergaminhos antigos, cuidadosamente preservadas para a posterioridade. Como um naufrago prestes a explorar uma ilha desconhecida, mal podia conter - se de antecipação pelo que encontraria nas páginas que se metiam aos seus olhos.

Teresa sugerira que ela começasse por compreender a base de sua própria

fé antes de mergulhar nas tradições e crenças de outras culturas. Entretanto, o fascínio de Maria pelo desconhecido foi mais forte, e abandonou aquela sugestão, preferindo deixar - se levar pelas possibilidades inúmeras que a vida lhe apresentava.

Sentada na mesa de madeira ao lado da janela do quarto, sob a cortina de fios que sua mãe deixara lá desde sua infância, deixou - se envolver por aquele universo desconhecido, estranho e pulsante de vida. As cores e formas maceradas pelos séculos que se escondiam naquelas páginas pareciam abrir mundos além da imaginação, consertos cósmicos de ritmos e danças que até então fora incapaz de ouvir ou perceber.

Paciente ao desembulhar cada detalhe, cada pedacinho de papel e linha daquelas histórias e relatos, Maria deteve - se com cuidado e interesse na tradição budista. Alguma coisa na maneira com que se descrevia a busca pela paz e conexão espiritual, a harmonia com todos os seres e a dissolução do ego parecia atrair e comover profundamente o âmago complexo de seu ser.

”E se tudo o que nos foi ensinado estiver incompleto?”, questionou - se, buscando encontrar resquícios de sentido no conflito seco e turbulento que sua mente lhe proporcionava. ”E se a real conexão e espiritualidade passarem por dissolvermos nossos medos, apegos e desejos humanos, em busca de uma presença mais profunda e consistente?”

Febil de emoção, Maria leu e releu os trechos que falavam de desapego, de silêncio, de encarar a vida como uma série de ciclos infinitos e entrelaçados de verdade e compaixão. Sentiu - se como se esfregasse as pálpebras ao despertar, e como alguém que cruzava um umbral mágico e inesperado, encontrava - se diante de uma realidade que a intrigava, confundia e fascinava.

Engolfou - se, então, na tradição dos índios norte - americanos, onde acreditavam que tudo estava vivo e pulsante, que cada objeto e ser carregava em si um espírito e uma energia única e inimitável. Surpreendeu - se ao perceber, diante de sua janela - aberta para a paisagem dos morros que margeavam o bairro - a forma como aquela visão de mundo a sensibilizava.

”O que nos faz pensar”, ponderou em um diálogo mudo consigo mesma, ”que somos a única existência digna e valiosa das associações divinas? Por que não podemos incluir as árvores, os pássaros, as águas lustrais e a mão do vento que nos queima a pele em um abraço do amor do Criador?”

E assim, como alguém que esvazia poço a poço a água represada, Maria

deixou - se levar pelo rio caudaloso de conhecimento e sabedoria que se desvelava e corria, em um fluxo ininterrupto, das mãos nervosas de sua sede.

Ao anoitecer, exausta e enternecida, abaixou-se sobre a mesa de madeira e a abundância de autores e vozes que se encontrava perdida e achada, e chorou. Lágrimas libertadoras e cheias de alívio vertiam em tréguas, cada um dos pormenores existenciais que ora desatava e abandonava. E, ao mesmo tempo, chorava pelas almas que não tivera a coragem de atravessar o umbral inóspito do dogmatismo e da rigidez moral imposta pelas diversas religiões, e que - perdidas na noite perpetua do medo e dos equívocos - nunca chegariam a conhecer a luz impoluta e vibrante do fim do túnel.

## **As experiências espirituais profundas de Maria**

Ao longe, o canto de um pássaro solitário parecia ecoar pela floresta adormecida, entremeando-se com as cores esmaecidas do entardecer no Morro da Fé. Maria, como em uma celebração solene da união entre o céu e a terra, sentara - se próxima a um tronco centenário, suas mãos firmes grudadas às raízes que emergiam do solo como os braços de alguma entidade antiga e sábia. No ar, o contato vivo da natureza parecia acalentar seu espírito fatigado, embalando - a em um berço de silêncio que ela nunca conhecera.

Ali, rodeada pela grande sinfônica das árvores, Maria permitiu-se acreditar que era possível encontrar algum resquício de divindade. Suas memórias da sala do Reino - com seu artificialismo rígido e os olhares assustadores daqueles que ela chamara de irmãos e irmãs - pareciam desbotadas e distantes, como se pertencessem a alguma vida anterior. E, embora tivesse perdido o chão familiar de sua existência ao se afastar da comunidade das Testemunhas de Jeová, achava consolo no entendimento de que aquele céu imenso acima de sua cabeça, sempre estivera e estaria ali, testemunhando sua jornada.

Sentindo um calafrio percorrer - lhe a espinha, Maria inspirou profundamente, captando o perfume doce e terroso da mata. Fechou os olhos, permitindo - se sentir a presença de alguma centelha divina, ainda que ante ela se estendesse um vasto panorama de desconhecimento e dúvidas. A suavidade da brisa tocou - lhe os cabelos, fazendo - os dançar ao redor de seu rosto como filamentos de algodão.

- Deus - sussurrou ela, quase encabulada com o som de sua própria voz

- eu não sei onde te encontrar, eu não sei como te sentir. Me mostre, por favor.

Com um silêncio sagrado e absoluto em torno de si, Maria sentiu o desabrochar de um sentimento intrincado e tocante em seu peito: uma indescritível sensação de paz e pertencimento, como se o próprio universo conspirasse a favor de sua busca. E, guiada por alguma força interior inexplicável, suas mãos uniram-se em uma prece silenciosa, quase como se, nas palmas de suas mãos, pudessem nascer lótus brancas que desabrochassem em sincronia com o pulsar quente e límpido de seu coração.

Ali, naquele pedaço de terra consagrado entre as árvores centenárias e o céu infinito, Maria sentiu sua alma absorver-se no silêncio de sua meditação. E conforme se entregava àquelas sensações, suas emoções transbordavam em reverberações quentes e intensas que pareciam ecoar no vazio, retorcendo-se e amalgamando-se em ondas de energia visível e invisível.

Sem que houvesse qualquer aviso prévio, Maria sentiu sua consciência ser puxada para além de si mesma, como se fosse levada para dentro de um vórtice de luz que se abria além do véu do que até então fora sua visão de mundo. E, em meio a essas torrentes de energia, experimentou diversas experiências espirituais que nunca pensara ser capaz de viver. Sentiu-se acolhida e amparada por uma força maior, pela conexão com o divino, e compreendeu que não estava sozinha em sua busca, que existiam muitos corações pulsando em uníssono com suas questões, com sua dor e suas esperanças.

Naquele momento de comunhão intensa com o divino, Maria liberou um choro silencioso, embalado pelo abraço cósmico que penetrava em sua essência. Suas emoções transbordavam como um rio caudaloso, preenchendo-a com uma sensação de plenitude e amor que nunca antes experimentara.

Quando retornou a si, Maria abriu os olhos e percebeu que a floresta, em toda sua estonteante beleza, ainda estava ali, como se nada de extraordinário tivesse ocorrido. No entanto, ela não mais a encarou como antes, enxergando agora a presença divina escondida nas raízes dos troncos, no vibrar das folhas e no deslizar da serpente sobre o solo. Ele estava ali, em tudo e em todos, e então compreendeu que não precisava de templos ou dogmas para encontrar a Deus e cultivar sua fé.

Preenchida por uma alegria inefável e uma sabedoria intuitiva, Maria saiu da floresta, focada em enfrentar, citar e curar as feridas profundas que a

tinham mantido prisioneira de um medo inabalável. O caminho à frente era incerto e árduo, mas se havia algo que as experiências espirituais profundas de Maria lhe ensinaram, era que ela era capaz de enfrentar essa jornada não só com esperança, mas também com a força e orientação do amor absoluto e da união com o divino.

## **Encontrando a própria fé e confiança no caminho escolhido**

### Capítulo 5: Luz Interior

Era o despertar de um novo amanhecer quando Maria, em súplica silenciosa e humilde, ergueu as mãos trêmulas e entregou-se à imensidão do espaço. O ar frio do horizonte ainda escuro como carvão penetrou-lhe a roupa e, com dedicação reverente, permitiu que o presente sagrado do momento lhe afetasse a desembaraçar a alma, libertando-se das amarras e promessas afiadas do passado.

A dor de sua vida, das mentiras e verdades ditas por lábios conhecidos e indiferentes, dos julgamentos em que tristes olhos se cruzavam em sombras de recriminação, e das interrogações silenciosas gritadas aos quatro ventos a cada passo fora da comunidade, corroia-lhe o peito e fazia-lhe estremecer. Entretanto, ali, na rhumblamor desse precipício abençoado e tingido pela luz tênue do amanhecer, Maria permitiu-se chorar e renascer.

Em um abraço fraternal àquela hora saudosa e plena, Maria iluminou-se e agradeceu em um hino às estrelas. Em sua jornada solitária e vigorosa, aprendera que as matizes da verdade e do amor não cabem em nenhum livro sagrado, que os papéis rabiscados com as palavras de profetas, salvadores e homens justos não poderiam conter a majestade da vida e seus segredos.

E, no suspiro longo e trêmulo que deu em resposta a esse reconhecimento, prometeu-se nunca mais permitir que outra crença, que outra verdade alheia, maculasse e desfigurasse o sol radiante que encontrava dentro de si própria.

”A fé, Maria”, ouvira nas palavras sussurrantes de Teresa, ”é o fundamento do dilúvio da intimidade e do pertencimento que podemos encontrar no divino. Tudo o que você precisa fazer é estar disposta a amar o amor, a conhecer o mistério e a confiar no caminho que leva à eternidade.”

E assim a fez. Passo a passo, dúvida a dúvida, alegria a alegria, Maria

permitiu que a força dessa íntima entrega curasse as cicatrizes e feridas que a dor e o afastamento da família, dos amigos e dos irmãos das Testemunhas de Jeová haviam deixado em sua memória e vontade.

E, como num ritual iniciático, a fé nutria suas vontades e sonhos com nutrientes secretos e sagrados, e que, como as sementes da mostarda em parábolas bíblicas, davam frutos incontáveis às mãos inebriadas pela ausência de medos e limitações.

Adeus à dor. Adeus à solidão. Adeus ao terror inexorável da desilusão.

- Maria - chamou o vento, a brisa leve e carinhosa que coava pelos cabelos negros e pelas pálpebras pesadas de saudades - você está pronta.

Ela, em um ato de indomável entrega, abriu - se então à vastidão do desconhecido que a espera. Suas angústias e aflições tornaram-se alimentares em vez de limitantes, e a história de sua vida tomou um rumo inesperado.

O inquebrantável amor se desvendava no horizonte; suas crenças ganhavam vida, e agora ela tinha um punhado de estrelas divinas em mãos, prontas a iluminar o caminho escolhido.

Chorando e sorrindo, Maria caminhou com passos determinados em direção ao seu destino, desconhecido e belo como nunca antes imaginado. Adulta pela dor, criança pela leveza do amor a si mesma e ao universo, Maria permitiu que sua fé a conduzisse no caminho certo, na jornada que, finalmente e com alegria, abraçava todo o seu ser.

## Chapter 6

# Conectando - se com Deus

Maria nunca havia se sentido tão solitária como se sentiu nos primeiros dias em que partiu dos braços rígidos das Testemunhas de Jeová e se aventurou pelo vasto desconhecido de uma fé construída apenas com os tijolos do coração. Ela sabia, no entanto, que o caminho de Deus encontra-se em cada um de seus filhos ávidos e cansados, e que a centelha de amor que acendia em seu peito arderia por todo o universo se ela alcançasse comunhão com Ele. E esse seria o propósito de sua vida.

As folhas rastejavam aos pés descalços de Maria enquanto se adentrava mais uma vez naquele santuário silvestre. Ao longe, um coro de pássaros parecia saudá-la com a sinfonia criada pelas escalas do vento e das árvores. Ali, naquele abraço arroxeadado ao céu infinito e imaculado, Maria se sentou e, inspirando profundamente o perfume das flores, céu e terra, deixou-se guiar ao encontro do inexplicável. E, em um ato transcendental de fé e devoção, ergueu a alma ao desconhecido, entrelaçando sua voz com a do vento.

- Deus - sussurrou ela, as palavras tremendo no ar como as cordas de uma harpa celestial - eu não sei onde te encontrar, eu não sei como te sentir. Me mostre, por favor.

Não houve resposta. Apenas o silêncio levemente abafado pela canção do vento e da natureza. Maria abriu os olhos, encarando o mundo como se ele fosse um grande e estranho portal para sua própria intimidade com Deus. E o que ela encontrou surpreendeu-a mais do que o seu coração já havia sido surpreendido antes.

Maria tinha em mente que o caminho para a verdadeira comunhão com Deus a levaria por uma jornada árida, atravessando corredores e salões de

templos e igrejas desconhecidos, mas dentro dela pulsava uma consciência emergente de que o caminho sempre começara e terminara ali, na sua capacidade de conectar - se com o divino através de experiências humildes e presentes.

Respirando fundo, fechou novamente os olhos e encheu - se de coragem para entrar no silêncio e buscar ali o desconhecido. Mas, desta vez, algo era diferente. Quando abriu os olhos após essa busca, Maria percebeu um novo mundo se desvelar diante de si: corredores infinitos de faces desconhecidas, vozes sussurrantes, cantos e preces, mãos estendidas em comunhão eterna e amorosa.

Era um mosaico abissal e infinito de fé e devoção. Maria percebeu, ali, que a busca por conexão com Deus não era uma cruzada solitária, mas sim parte de um emaranhado de destinos onde os aflitos e os perdidos se encontravam na imensidão do amor. E, com a convicção dessa verdade finalmente ancorada em seu coração, Maria voltou - se novamente a Deus, agora com a firmeza e a certeza que precisava para enfrentar os medos e angústias de achar um novo caminho.

- Deus - orou ela, com sua voz suave como o tecer das árvores - eu sou uma de suas tantas filhas, e eu sou forte e corajosa. Vocês nos mostram a vida através da eternidade, e eu só quero caminhar em Seus passos, sentir Sua presença e entendê - lo. Estou pronta! Me mostre, por favor.

Ela não podia prever o impacto que suas palavras - cada sílaba desenhada nas páginas de seu ser - teriam em sua vida. Não tinha consciência, naquele instante de entrega profunda ao chamado do amor, que Deus traria as bençãos e as lágrimas que, a partir dali, a levariam ao encontro da sua própria eternidade. Não sabia que, entre todas as preces solitárias e silenciosas que moldariam sua trajetória futura, ela estaria conectada a cada suspiro triste e sorridente daquelas milhares de vozes que buscavam as mesmas respostas e consolo em Deus.

Ao se levantar e sair do bosque, Maria sentiu que as sementes deste último encontro haviam sido plantadas em seu coração. Ela sabia que, daquele momento em diante, a jornada a levaria às raias mais ínfimas da sua fé, aos corredores interiores onde o amor e a compaixão - leitmotivos de sua busca - eram revelados nas dobras de sua conexão silenciosa e poderosa com Deus.

E naquela mesma noite, enquanto as estrelas se recolhiam no espaço

infinito da criação, Maria dormiu com a certeza de que seu caminho de amor e de proximidade à divindade já se encontrava ali, plantado em seu coração e alma, pronto para ser revelado naquele secreto silêncio de adoração e luz.

## **Encontrando seu próprio caminho espiritual**

As semanas passavam, e o silêncio dos campos, recortados pelas cercas baixas de pedra desenhadas ao redor da pequena cidade em Minas Gerais, começava a ganhar uma voz incomum. Amortecido pela ausência de vozes, preces e conselhos afiados de sua família e comunidade das Testemunhas de Jeová, o vazio urbano dava lugar a um unísono dissonante de perguntas e lembranças que, no repouso e no sono, percorria os corredores íntimos da menina Maria e despertava nela um desejo inaudito de encontrar em seu coração as respostas que buscava.

Era um desejo feroz e silencioso, um vulcão adormecido que, a cada respiração solitária no quarto escuro, reaquecia - se e adensava - se em uma busca sem fim pela essência de um Deus que pudesse ser seu, que pudesse amá - la assim como aprendera a amar a si própria, em sua própria lucidez e desamparo.

Em casa, o tempo havia se tornado um fardo, espessando - se a cada olhar fugidio de seu pai, nas cadeiras abandonadas à mesa das refeições e nos discursos amargurados de sua mãe, que apesar de tudo, não conseguia deixar de amar sua filha, aquela que havia escolhido a dor infinita da dúvida e da busca pelo desconhecido.

E assim Maria, seus olhos agora longínquos de um sol familiar, percorria com passos inseguros e curiosos os caminhos tortuosos de outras crenças que, como rios místicos e incendiários, encontravam - se nas vastas prateleiras repletas de livros e manuscritos de diversos credos e santidades de lugares distantes e desconhecidos com os quais ela estava apenas começando a se familiarizar.

À sua frente, estendia - se uma jornada de mil tempestades e metamorfoses que somente os olhos avassaladores do futuro puderam vislumbrar. No entanto, seja qual fosse o caminho, ela estava disposta a percorrer, em direção ao gênesis e ao apocalipse de seu ser, ao encontro inominável do Deus escondido em suas entranhas.

Com seus dedos trêmulos e assustados diante da vastidão do inalcançável,

Maria deixava - se guiar por um impulso primordial e ancestral, uma força que, mais do que qualquer dogma ou preceito comunitário, a mantinha viva e responsável pela sua busca e seu destino. E, na tessitura silenciosa e colorida das palavras que atravessavam as páginas daqueles livros empoeirados, Maria encontrava - se.

Mas, apesar de sua paixão arrebatadora pela verdade, Maria logo percebeu que os caminhos apontados pelos livros, muitas vezes, confundiam - se e entravam em tensão uns com os outros. Cada doutrina clamava a certeza e o amor exclusivo de Deus, cada palavra profética e sagrada parecia relacionar - se à luz em um ardor inebriante e indomável.

- Que farei, meu Deus, se não consigo encontrar um caminho que me levará a ti sem os desvios e armadilhas do pensamento humano? - exclamava Maria em seus momentos de agonia espiritual, seus olhos chorosos fitando o distante horizonte onde a sombra de sua busca ameaçava abraçá - la e dilacerá - la.

Era em momentos como esse que Maria se sentia novamente desamparada e sufocada, como um pássaro que, ao escapar da gaiola, esquecia da liberdade de suas asas e permitia que o peso do desconhecido lhe fizesse afundar e adormecer novamente em uma cela de ansiedade e desespero.

E foi então, na torrente daquele desamparo e turbulência, que Maria lembrou - se das palavras de Teresa, a velha amiga que lhe ensinara a tocar nas cordas soturnas e trêmulas do silêncio e do espírito.

- A busca verdadeira, minha querida Maria - sussurrava Teresa com sua voz rouca e sabedora - não pode ser encontrada nos papéis e alfarrábios que o homem rotula como sagrado. Quando olhamos para o céu, para a terra, para o invisível e o tangível, descobrimos a essência da espiritualidade e do amor de Deus em cada célula viva e palpitante da criação.

Teresa, em seu gesto largo e circular, abria os braços como quem levanta o manto do infinito e do mistério, e Maria, sua face corada e inchada pelas lágrimas e pela busca insaciável pelo Divino, percebeu então a verdade e a beleza daquelas palavras.

Era, mais do que um diálogo com os sábios e os profetas, uma intimidade com a pulsão divina que permeava cada fração de vida e respiração. E Maria, frente a esse abismo radiante e revelador, descobriu a coragem de enfrentar o desconhecido e de confiar nesse amor que já sentira dentro de si e que sonhava em encontrar no exterior do papel e das palavras legíveis.

Foi então que Maria, em um ato de insubordinação e coragem, largou os livros e tratados sagrados aos quais costumeiramente recorria em busca de respostas e, em passos lentos e inseguros, abraçou o mundo como livro aberto e abençoado onde a verdade, o amor e a fé se entrelaçavam em uma dança tão lírica e indefinível quanto o pulsar das estrelas.

E, assim, Maria trilhava seu próprio caminho espiritual, fortalecendo-se e nutrindo-se em sua intimidade com o Divino, sem a necessidade de dogmas ou regras que limitassem sua conexão com a fonte primordial de todo amor.

## Práticas e tradições que aproximam Maria de Deus

Sentada em seu quarto, Maria abriu o livro de capa verde que Dra. Teresa lhe ofereceu na última vez que estiveram juntas. Aquele foi um presente simples, mas valioso, uma coleção de reflexões sobre a vida e a busca espiritual dentro da tradição mística sufi. Era um livro repleto de sabedoria e encanto que Maria carregava consigo como um talismã em sua jornada pessoal.

Na realidade, Maria já havia lido aquele volume mais vezes do que podia contar, mas sentiu-se inspirada a retornar a ele novamente naquele dia chuvoso de inverno, quando o céu carregado de nuvens pesadas parecia simbolizar seus próprios pensamentos e inquietações. Hoje, ela estava decidida a experimentar uma das práticas sugeridas no livro, conhecida como "Dhikr", que consiste em recitar os nomes de Deus em um estado meditativo e devocional.

No canto da pequena mesa que utilizava como escrivaninha, havia um pequeno caderno com os 99 nomes de Deus listados em uma folha de papel pautado, escritos com cuidado e atenção, como se cada palavra fosse um segredo revelado aos poucos. Do outro lado da folha, Maria havia anotado as instruções que recebera de Teresa sobre como desenvolver essa prática.

Maria posicionou-se no centro do quarto e sentou-se sobre o pequeno tapete que trouxera no dia anterior da feira de artesanato. Era uma peça bordada em tons de azul e vermelho, feita à mão por uma família de imigrantes sírios que, provavelmente, também havia enfrentado seus próprios desafios na busca pela verdade e pelo amor.

Já com a prática do Dhikr, Teresa havia lhe ensinado que a repetição contínua dos nomes de Deus geraria um estado elevado de consciência onde,

segundo ela, era possível alcançar uma comunhão mais íntima com Deus. Com sua mão direita em absoluta queda sobre o joelho, Maria fechou os olhos e, naquele silêncio macio e etéreo, sua mente se aproximava do divino, enquanto ela repetia seu mantra, cascadeando sutilmente do céu da boca.

- Ya Hayy, Ya Haqq, Ya Qayyum, Ya Matin - prosseguiu ela, sentindo a luz resplandecer em seu coração, como um eco suave na infinitude do amor.

O vento sussurrava seu acompanhamento lá fora, mas dentro de Maria, um coral de anjos entoava as melodia suave que a levaria cada vez mais próximo de Deus. E quando se permitiu mergulhar na imensidão daquele ato de pura devoção, a certeza atravessou seu coração, como uma brisa sutil tocando sua alma e lhe trazendo a segurança de que estava buscando e encontrando, finalmente, as respostas internas tão ansiadas.

Maria não sabia dizer, exatamente, quanto tempo havia passado naquele estado de profunda conexão espiritual, mas quando abriu os olhos e foi tomada pelo ar fresco e leve que entrava pela janela aberta, sentiu que havia tocado algo puro e verdadeiro, uma centelha de amor que havia sido kindled dentro de seu ser.

O sol começava a se pôr e suas nuvens carregadas haviam se dispersado, dando lugar a raios dourados que iluminavam o quarto e as paredes do cômodo onde Maria encontrava - se, iluminando também a profundidade de seu espírito.

Enquanto a noite se aproximava, Maria inclinou - se para a janela, seus olhos fixos no horizonte onde a imensidão se fundia em um abraço caloroso de luz divina. E sentiu, ao recordar as considerações feitas, que havia encontrado um novo recanto de fé e conexão com Deus, não através da rigidez de uma doutrina estabelecida, mas através de seu próprio coração, naquele silêncio doce e quase secreto.

- Meu Deus - agradeceu ela em uma prece sussurrada -, obrigada pela sabedoria e pela verdade que encontrei no fundo do meu coração.

Percebeu então que sua busca havia deixado de ser desamparada e desconectada das doutrinas impostas. Encontrou o seu próprio caminho, através das práticas e tradições que permitiram estabelecer esse laço de pura e genuína adoração e amor ao divino, que se estendia para além das barreiras físicas e intelectuais. Maria havia aberto seu coração em completa entrega e, em troca, recebia o abraço de um amor absoluto e infinito, um amor que apenas as almas corajosas e destemidas podem compreender no

âmago de suas existências.

Naquele entardecer luminoso, Maria entendeu que, mesmo diante daqueles desafios e dores solitários, havia encontrado um caminho de fé autêntico e radiante, um caminho que levava a uma comunhão eterna com Deus, através das práticas, tradições e canções divinas que brotavam dos belíssimos volumes poisados na estante e do fundo da sua alma pacificada.

## **Orando e desenvolvendo um relacionamento pessoal**

Maria havia aprendido que a religião era uma estrutura sólida e inabalável, edificada sobre as certezas absolutas da palavra de Deus. As dúvidas, as angústias e as lágrimas eram como impurezas e imperfeições a serem erradicadas pela força do dogma e da fé, pela submissão às autoridades humanas que, em sua sabedoria, tinham acesso ao mistério insondável do sagrado.

E não havia, em suas preces e súplicas rasgadas pela noite, uma resposta clara ou um consolo que lhe permitisse relacionar - se, de forma íntima e humana, com esse Deus de silêncio e de ausência.

Foi na primeira visita à Biblioteca Municipal que Maria encontrou o livro que tantas vezes se apegou como um farol, uma guia para seus passos incertos na escuridão de um labirinto sem portas e sem saída. Era um livro pequeno e anônimo, uma coletânea de orações e meditações de diferentes tradições místicoespirituais, com um título que lhe chamou a atenção, de imediato: "Conversas com Deus".

Debatendo - se com sua curiosidade crescente e com sua timidez, Maria sentou - se em uma das cadeiras rústicas de madeira da biblioteca e começou a folhear as páginas amareladas e gastas do volume. Nelas, encontrava fragmentos de adoração, súplicas e cânticos, unindo vozes e histórias de diferentes épocas, culturas e geografias em uma dança mútua de anseio e comunhão com o eterno.

E, enquanto seus olhos se perdiam na letra miúda daquele universo de alianças, Maria percebeu que, talvez, sua busca não devesse ser amordaçada pela estrutura sólida e imutável de uma religião, mas impulsionada pela força terna e acolhedora do coração, na direção do amor que não se impõe como uma espada afiada, mas beija suavemente a alma em seu pulsar sagrado.

Maria, libertando - se lentamente dos grilhões de sua educação e de suas

preces repetitivas e cerimoniaosas, decidiu então abraçar a nova forma de orar, no silêncio do seu quarto repleto de sombras e de segredos, onde o aroma inebriante dos jasmims se mesclava ao perfume amadeirado das lágrimas e dos sorrisos que, ali, se encontravam.

A oração, agora, era uma conversa, um diálogo como o que, muitos anos antes, travara com sua amiga Clarice, quando ambas descobriam, no abraço familiar do jardim, os anseios e as passagens que as levariam às distâncias insondáveis do presente.

E Maria, colocando-se de frente para um espelho coberto de memórias e orvalhos, pronunciava as palavras que brotavam, lentas e espontâneas, do fundo do seu ser, como uma fonte ancestral que, em sua quietude e beleza, se transborda.

- Meu Deus - sussurrou Maria, suas mãos trêmulas tocando os cabelos escuros e enrascados que desciam pelo seu rosto -, eu te busco e te encontro, entre as páginas e os silêncios de tantos livros e preces. Mas eu preciso de uma palavra que seja tua e minha, um sinal que me faça sentir a tua presença e o teu amor.

Nesse instante, Maria percebeu o som do vento soprando suavemente através dos vidros, balançando as cortinas levemente e trazendo consigo o aroma delicioso das flores do campo.

- O vento te abraça, Maria - veio a epifania, um lampejo único e interior que iluminava as sombras e o vazio em seu coração -, e o seu sopro é como a voz do meu amor, que te cerca e te acompanha, mesmo nas noites mais escuras e tempestuosas.

Maria sentiu, em suas carícias e murmúrios, a presença invisível e sublime de um Deus que talvez, pela primeira vez, lhe dirigisse as palavras mais autênticas e calorosas que desejava ouvir desde o início dessa busca.

E, com os olhos marejados e um coração repleto de gratidão e esperança, Maria prosseguiu dialogando, no silêncio e na intimidade secreta de seu quarto, com esse Deus que agora lhe parecia tão próximo e humano, tão vivo e amoroso como os raios de sol que, lá fora, anunciavam o amanhecer de um novo dia.

## Experiências transcendentais e momentos de revelação

No décimo quarto dia de introspecção e isolamento, Maria sentiu algo familiarmente estranho em seu coração - uma mistura de nervosismo e antecipação. Talvez fosse a noite da revelação, seria esse o momento em que o divino se manifestaria, preenchendo o vazio que ela ansiava como o astronauta a descoberta do sagrado e secreto grão de ouro?

Convocando a energia cósmica presente em cada partícula de sua pele, Maria se estirou, bocejando como uma gata preguiçosa. A brisa noturna vinha suave através das frestas da persiana, fazendo a cortina de voil branco esvoaçar como um vestido de noiva num túmulo. Estava fresco, noite propícia para um misterioso encontro com o desconhecido.

Largou a batedeira no balcão e decidiu encerrar a atividade cansativa de espremer laranjas. Seria dali - planícies noturnas da quietude da alma - que Maria partiria para o rito de passagem no qual se arrastaria como uma cobra aos pés do criador para, finalmente, pertencer.

Acomodando - se em seu trono de velhos lençóis e mantas perfumadas, Maria abandonou - se à singela devoção que lhe invadia o corpo, fazendo cócegas em sua espinha. Aquela noite, tudo parecia diferente e especial, como se uma súbita e secreta concórdia entre os planetas alinhasse - se, apenas para delinear o início dessa sublime caminhada.

Com os olhos fechados, as mãos unidas em prece e as pernas cruzadas como as asas de um pássaro adormecido, Maria começou a lançar - se ao abismo do silêncio que a tudo envolvia, como um vácuo que devora e regozija, chamando, em tom baixo e envolvente as palavras de ternura e de entrega que aprendera com Teresa e, antes dela, com Clarice e com os ancestrais que, em diferentes latitudes e rincões, tinham já transitado por esse itinerário sonhador e luminoso.

Ao receber a sugestão de Teresa sobre a técnica do aniquilamento do ego, Maria aceitou o desafio de vivenciá - la, sem saber que estava prestes a descobrir seu maior encontro com o divino. E aquele era o momento, em seu alento, Maria repetia em um quase murmúrio:

- Eu não sou nada, eu não sou nada... Ajuda - me a entender, ó Deus.

Foi, então, que Maria sentiu uma súbita e inexplicável onda de calor e energia invadindo seu corpo, como um jorro de luz que penetrava cada fibra de seu ser, fazendo - a sentir - se, de algum modo, uno com o infinito e com o

divino.

O coração de Maria estava se rendendo ao chamado do céu, à convocação do poderoso e desconhecido, e ela pôde ouvir o eco da própria voz, como se fundisse com a ruína do silêncio.

”Isto é Deus?” - ela pensou, enquanto seu coração pulsava e a indizível força da emoção era como uma onda que lhe arrastava para águas desconhecidas, ardentes e dolorosas.

”Isto sou eu?” - Maria se perguntava, procurando o fio invisível que unisse a gota e a chuva, o cabelo caído e a estrela refletida no cristal líquido da saudade.

Dia após dia, noite após noite, Maria se entregava à jornada mística que atravessava o deserto e a geografia de seu coração e sua dor, desvendando o véu nebuloso que tanta beleza e profundidade ocultava.

E, perto se houve experimentado o divino por meio do êxtase, Maria teve a graça de, enfim, encontrar a revelação que tanto buscara. Ainda entregue à meditação, tupida de seu silêncio lunar, percebeu agora a voz do divino que adentrou sua consciência - aquela voz que esperou ouvir a vida inteira.

- Maria, minha amada filha, te senti procurar por mim em todos os espaços e abismos do desconsolo humano e, agora, te abraço e te celebro na glória infinita da compaixão e da revelação.

Maria sentiu o salto em seu coração, como se subitamente uma chama indomável e ardente emergisse de suas profundezas, devorando e purificando todo o seu ser, acendendo algo tão antigo quanto o próprio tempo - uma centelha divina, um segredo eterno.

Com lágrimas brotando como um rio de alegria e gratidão, Maria sabia que havia, finalmente, encontrado a verdade e a beleza da fé. Seu caminho solitário e tortuoso havia se transformado em uma senda iluminada e sagrada, unindo o humano e o divino através das veias pulsantes do amor e da adoração.

## **A influência de Teresa no aprofundamento da conexão de Maria com Deus**

Maria sentara-se na cadeira de balanço envernizada, uma relíquia encantada e cheia de estórias que se multiplicara pelas varandas e corredores do casarão

branco de Teresa, a mulher de olhos sagazes e mãos serenas que Maria conhecera em seus passeios matinais pelas ruas enladeiradas e sombrias da cidade. Ali, no lápis de luz que atravessava a colcha de retalhos e acariciava as figuras de porcelana na estante, Maria sentiu - se, pela primeira vez em muitos anos de vida e de caminhada, de verdade, acolhida e presente naquela que talvez fosse, afinal de contas, sua própria pele.

Era o segundo dia de encontros e divagações, e ambas, a mestra e a aprendiz, sentiam - se como um espelho que reflete e multiplica o brilho e o viço de tudo o que as envolvia naquela tarde suave e lilás, pontilhada de risos e de pausas, e de silêncios.

- O que realmente importa, Maria, o que realmente, de verdade, traz a chama acesa e suave de uma vela ao coração de um colibri, é a busca pelo divino e seu encontro com a alma humana. E, Maria, o divino mora no coração, no âmago de cada gesto, de cada gota, de cada flor e de cada pedaço de chão. O divino, minha amiga, é esse perfume de jasmim que nos envolve e nos transporta para além da dor e da dúvida, para o cerne, o centro de tudo aquilo que é belo e luminoso - como um poente incandescente no horizonte -, perdido no infinito da vida que nos aguarda além da porta.

Maria suspirou num sopro frágil e espantado, como um beija - flor que percebe, de repente, a distância e o desafio inebriante de ser e pertencer à vastidão das flores e dos voos.

- Sim, dona Teresa, eu sinto, dentro de mim, essa presença forte e irradiante que quase, quase transborda e me faz despertar como um suor frio e luminoso na madrugada. Eu sinto, é verdade. Desde aqueles primeiros dias no Salão do Reino, quando eu olhava ao redor e via, nas caras oleosas e indiferentes de meus irmãos, o vazio, o abismo inescrutável de não saber amar Deus em sua infinita e generosa multiplicidade.

Teresa, seus dedos pulsando na xícara de porcelana que lhe servia de altar e de poente, sorriu mansamente, como quem deve arrancar um espinho cravado no peito do mundo, e respondeu, sem titubear:

- Pois eu te digo, Maria, que esse divino que você sente não é uma entidade longínqua, fria e impassível, com um manto de veludo e um livro de registros e desígnios nas mãos. Eu te digo que o divino, o verdadeiro divino, é esse momento que as vozes do vento entoam como um suspiro perdido e reverente nos cabelos das montanhas, nos olhos das mulheres, no peito das chuvas e dos soluços. O divino, Maria, é esse manto invisível e

sutil que atravessa e permeia todos os instantes e abismos, é o encontro daquele que busca, aquele que chora e aquele que ama, na corda vibrante e terna que nos une como uma tapeçaria de sonhos e de cores.

Maria, com os olhos e os olhares inundados de lágrimas e de orvalhos, sentiu então, entre suas mãos e seu peito, a bênção, como um pequeno pássaro que brilha e acaricia, daquilo que Teresa, com sua sabedoria ancestral, lhe transmitia como um farol, um raio de sol que penetra e ilumina, através da janela aberta de um casarão no alto da colina, os segredos e as estórias que se escondem na quietude e no pulsar de um coração distante que se redescobre e se liberta.

Maria, com um sorriso em seus lábios e uma idéia corajosa e brilhante em seus olhos, abraçou - se a Teresa e, ali, no regaço cálido e cheio de vida daquele reencontro e reconciliação com o amor e a fé, se lançou, sem medo, à navegação sublime e milagrosa de seu caminho em direção às terras e às memórias de onde brota, como uma fonte que canta e celebra o anúncio do sol, das estrelas e da lua, a beleza e a harmonia, o eco e o silêncio dos passos singelos e corajosos daqueles que buscam o verdadeiro divino por todas as rotas e os desvios da vida. E se encontram.

## **A síntese entre a diversidade religiosa e espiritual e a intimidade com Deus**

### Capítulo 6 - Intimidade com o Divino: Testemunho e Revelação

Nas tardes domingueiras de abraço e velô, Maria repetiu um ritual profundo e solitário de busca e abdição. Todos os dias, religiosa e incansavelmente, acordava antes do sol e das andorinhas, e, enquanto o café coava no bule de alumínio batido e a casa ainda dormia, amparada pelos sonhos e pelas preces da noite anterior, Maria subia a ladeira escorregadia e a cacos de vidro, até o vão sonolento do Morro da Fé (assim chamaríamos este ponto suspenso e confusa de Altamira, que tanta coisa viu e que tanto negro levou para o calabouço do corpo e do martírio). Ali, a sós e em silêncio, Maria unia as mãos e elevava o coração para o breve e alvuçarento mosaico de céu que jazia entre os dois ritmos e semitons contrapostos das colinas e dos resquícios fartos que ladeavam o caminho e os passos de tantos viveres e seres que ali se despediram ou se encontraram no filete místico da travessia.

O último encontro com Teresa deixara em Maria uma sensação doce e agridoce de terminar e recomeço, costurada fio a fio pelas lembranças das prosas e dos silêncios que partilharam com ternura e confiança, debruçadas sobre o tempo e seus enigmas, enquanto os cabelos brancos e a ternura contemplativa e ancestral de sua amiga e mestra transformavam - se, aos poucos, num halo de luz e de presença que em tudo e em nada se confundia com a aurora e com o ruído dos pássaros à distância.

Era o último domingo do mês e, desde 2016, os membros das Testemunhas de Jeová reservavam a última reunião do mês de janeiro para a celebração do Memorial, um encontro solene e alegre em que a comunidade vinha assomar - se ao Templo e prestar homenagem e agradecimento à vida e à perseverança de todos aqueles que, por diferentes caminhos e destinos, garantiram a sobrevivência e a continuidade da palavra e da bela e austera tradição fundada por Charles Taze Russell e sua prole.

Maria sabia que o Memorial estava sendo realizado naquele dia, mas sentia - se confusa, perdida, como uma criança pequena diante do imenso mar eterno que a chama e a assusta, ao mesmo tempo em que reconhecia, dentro de suas entranhas, a presença poderosa, dentro de si e ao seu redor, daquele que foi o propósito e o motivo final e escondido de sua busca e entrega.

Foi então que Maria, ajoelhada no chão coberto de folhas e de desejos, com o coração pulsando como um pé de carambola amadurecendo ao sol, pronunciou o desejo que se eternizara em suas entranhas e atravessava, agora, como um gesto de coragem e de partilha, o receptáculo mágico estático do que tanto buscou e desejou.

- Ó Pai, mãe e amigo de todas as horas e caminhos, de todos os passos e de todos os silêncios, concede - me - suplico - te - a graça de pertencer e deixar que em todo gesto e que em todo olhar, em todos os sonhos e em todas as alegrias, possa sempre e em toda parte prestar - te, com humildade e alegria, a gratidão e o testemunho que vive e vibra dentro do coração, nas cordas e tons onde tua presença inunda e faz ressoar a força eterna e majestosa desse amor que tudo abraça e que tudo compreende.

E, enquanto Maria se entregava e desvendava sua alma para o vasto e generoso regaço do senhor, Clarice, uma página vidrada e esfumaçada de Maria, acompanhava com olhos ausentes e um peito apertado e inefável a procissão e o canto dos anciãos, enquanto, do alto da colina e dentro do

infinito e brotante rochedo de amor que começava a jorrar de suas entranhas, Maria, a irmã desprezada e abandonada, acendia no horizonte a bela e dolente chama do verdadeiro amor, do verdadeiro perdão e do encontro perfeito e inescrutável entre o humano e o divino, entre o céu e a terra. E se abraçavam.

## Chapter 7

# Enfrentando o Passado

: O Ato de Coragem e Libertação

Era o terceiro domingo de outono, e as folhas douradas e caídas anunciavam, como um poema silente e esquecido, o chamado melancólico e pungente das raízes e dos sonhos que jaziam e se espalhavam, como segredos ao vento, pelas esquinas e memórias da pequena cidade que guardava em seu peito e em seu silêncio noturno a voz e a presença daqueles que ficaram pelo caminho, e que, no remanso de um descanso tardio, ensinavam às andorinhas e às almas errantes o eco e as raízes de tudo o que foi e se tornara, no curso e na caminhada das idas e vindas de uma vida perdida e resgatada pelos laços e pelos gritos do amor e da reconciliação.

Maria tinha decidido, após longas conversas e considerações com Teresa, Clarice e outros tantos a quem confiara seu segredo e seu anelo, retornar à casa de seus pais e, com o coração aberto e sem vergonhas, partilhar com eles as descobertas e as verdades que encontrara em sua árdua e dolorosa jornada de busca e autoconhecimento, na senda dos caminhos que, como um labirinto, se mostravam e se perdiam entre as sombras, segredos e ecos do passado que geme e sussurra, em cada passo e gesto, o anseio e a voz do perdão e da renúncia.

Vestida em seu vestido de algodão florido, que lhe servira de asas e de fonte nos longos dias de luto e de espera, Maria caminhou pela rua de paralelepípedos, com os olhos fixos no horizonte e a mente tingida pela tinta ferruginosa e brilhante da madeira envernizada de seu lar distante e sempre próximo. Sentiu o coração pulsar com a força e a suavidade de uma criança que, no limiar do sonho, sente o pôr do sol a chamar e puerar os medos e

as promessas que aguardam por sua luz e seu exemplo na estrada larga e transposta do resgate e do reencontro com sua essência e seu lugar neste vasto e coral entardecer da vida.

Ao se aproximar da porta branca, sentiu a mão da memória e do destino conduzir seu peito e seus passos em direção ao poente, ao eco e ao abraço daqueles olhos e olhares que, desde a sua partida, carregavam a dor e a dúvida de um sentimento que se esconde e se encontra nas palavras e no silêncio que as ampara e as consola, na noite que vem e inunda o presente, sem arrependimento ou remorso.

Respirou fundo, com os olhos e os lábios tremendo entre o medo e a coragem, e deu, como quem devolve aos pássaros suas belas e efêmeras penas e a liberdade de voar pelos céus e pelos tempos, um toque em forma de súplica e ensaio no madeiramento que lhe separava da aceitação, do perdão e da verdade.

Foi Joaquim, o pai de Maria, quem lhe abriu a porta e lhe conferiu, num gesto de desconfiança e de assombro que se confundiam e se acalmavam em seu semblante amarelado e cansado, a bênção de estar ali, novamente, afinal, como um anjo que, com sua presença e seu sorriso, afasta e dissolve o temor e a desolação que encobria sua alma e seu corpo, como uma neblina que não deixa passar a estrela matutina e sua voz e luz de renascimento e alento.

Antes que pudesse proferir qualquer palavra, Joaquim, teimoso e orgulhoso como um cavalo bravo e indomável, disse, entre as sombras e o brilho tépido e caloroso de um sorriso que jorrava e derramara, como um rio que corre e salta pelas pedras e fincas de seu corriqueiro e vestido trilho:

- Sei, minha filha, que desde que partição aquele dia e confirmei, com uma ignorância fermentada e ampla como o mundo que me viu e me cega, tua desassociação com a irmandade, cometi um terrível engano e injustiça, arremessando - te, sem olhos para ver ou entender a dor e o grito que escondiam - se por detrás dos teus olhos e lágrimas, no desconhecido e sombrio corredor do desprezo e do abandono.

Maria, com olhos límpidos e cheios daquele gume de esperança e de redenção que se descobre na lembrança e no resgate de um poema escondido entre o canto e o silêncio dos grãos de areia no deserto de tudo o que passou e o que se finda, respondeu, lavando seu peito e seu caminho com as palavras e os lábios ressecados e regenerados pelo ror do perdão e do tempo que abraça e desmascara, em cada gesto e brilho do olhar, a próspera luz de uma

trégua, de uma entrega que se completa e se deslinda na voz plangente e enguia dos segredos que se atravessam e se redimem no diálogo e no sussurro de futuros, de mãos e de chuvas que, como um bálsamo e um suor de ser e não-ser, revelam, nas entranhas e nas cordas de um coração deserto e recuperado, a chama e o ardor incansável daqueles que amam, que se doam e que, no encontro com o outro e com seus olhos, desvendam, como nautas e viajantes extenuados pela espera, o hálito e a benção de um farol, de uma estrela que guia e ilumina, com sua magnanimidade e seu fulgor, os caminhos, os desvios e os segredos de uma vida que vive e se desprende, como uma vela na fúria do vento.

## Confrontando a família

### Capítulo 6 - Intimidade com o Divino: Confrontando a Família

A noite estava fria e um manto de solidão gelada cobria o pequeno vilarejo de Minas Gerais, como um criadouro de promessas caladas e pedras rolantes que esperavam, angustiadas e irremediáveis, o desfecho e a fusão de suas dores e sonhos entre as névoas e o silêncio que lhes servia de cárcere e aconchego. Seria uma noite como tantas outras em que o ruído da alegria e da esperança se perderia entre as sombras e o frio tenaz das estrelas, como um fio de alumínio que atravessa, rebelde e altivo, a escuridão impenetrável do poço que serve de leito e de cama cheia e vazia das alma que jazem e se amparam em sua ânsia e desvario.

Maria sentia um peso estranho e confuso em seu peito, quase como uma pedra de gelo e de ternura que se remexia e deslizava, com ímpeto e receio, dentro de seu coração que era um ninho e um vale de amores, de desesperos e de lonjuras que atravessavam, mãos dadas e afastadas, os dias e as noites desde que deixara para trás a casa onde nascera, onde vivera e onde aprendera, ouDESaprendera, a cuidar e a amar os seres e as coisas que, como ela, penavam e se angustiavam em busca de seu fito, de seu destino e recolhimento no abraço terno, violento e atraente do desconhecido e do desconchavo que mora e agasalha todos e tudo e que parece, como um veio e um esgar, nos convidar e nos dissuadir em sua senda e em sua demora, como se, nas voltas e esquinas de uma rua sem fim e desolada, pudessemos aprender a ser e não-ser um pouco, um tanto das vidas e das noites que nos rodeiam, como um anel de fogo que aperta e que se afrouxa, no tempo e na

demora de um suspiro, de uma canção que se perde e se encontra no vento que dança e transforma, no silêncio e na distância que traduz e transmuta, com a frieza e o calor que emana e se entrega, a doçura, a amargura e a renúncia que supera e se espalha, como um rio que se livra, que se inunda e se abandona à margem e ao cais onde o mar parece roçá-lo e adormecê-lo no grão de sua voz e de seu eco.

- Maria, é você mesma? - perguntou Joaquim Souza, o pai soturno e compungido, com a voz embargada de um soluço e uma descrença que o fitavam, agonizante e arrebatador, entre a luta e a rendição dos demônios, vivos e invisíveis, que iam e vinham em suas entranhas e pensamentos noturnos.

E Maria, sentindo o coração bater e dilatar-se como um pandeiro, com o som da saudade e da racionalidade que se imiscuía e se enleava, aos poucos, entre os resquícios e os restos do que fora e buscara, disse, tranqüila e cativa como um tufão que se recolhe, como um pinhão que se guarda e que renasce na profundidade e no escuro amago da terra:

- Sou eu, pai. Entre... É estranho e talvez inesperado, mas é o certo. Preciso lhe contar algo, algo importante que descobri após ter ido embora. Por favor, podemos conversar?

O rosto de Joaquim, como um crepúsculo melancólico e conflituoso, desfigurou-se pela emoção, confundindo e amalgamando, amparado e abalado por uma sombra que tudo parecia fitá-lo e desafá-lo, numa batalha antiga e presente, que emaranhava seu destino e evocações numa trama de incertezas, de resistências e de confissão - e que, agora, após tanto refugiar-se e orar, no fundo e na pele do seu irredutível e desolado coração, parecia, enfim, libertá-lo e socorrê-lo com a visita súbita, turbulenta e esperançosa de sua filha.

- Está bem, minha filha, entre. Precisamos conversar.

## Buscando compreensão

### Capítulo 6 - Buscando Compreensão

Já havia passado um ano desde que Maria confrontara sua família sobre suas dúvidas e questionamentos a respeito das Testemunhas de Jeová. Era tarde de domingo, e Maria retornava à casa de Joaquim, onde passara a maior parte de sua infância. Com o vento soprando aos seus ouvidos,

Maria encontrava - se na pureza do presente - um presente construído a partir das escolhas, dos confrontos e das renúncias do passado melancólico. Entretanto, seu passado ainda era uma nota viva a pulsar em suas veias, e o coração dela pesava tanto quanto a busca pela compreensão e reconciliação, especialmente com a família que, embora distante, continuava presente em seus pensamentos e orações.

A medida que as folhas caídas dançavam ao seu redor, diretamente do céu dourado de outono para o chão coberto de gravetos, Maria adentrou a pequena casa rústica de seus pais - um lugar que antes fora prova de um lar seguro. Contudo, naquele momento, tudo ali parecia impregnado de uma estranheza perturbadora e solene, como um simulacro dos tempos de outrora.

Joaquim acolheu - a com cautela, os olhos inquiridores e preocupados. Porém, apesar do desconforto aparente, estava pautado também pelo amor. Um amor que agora suportava grandes doses de incerteza, mas que buscava maneiras de refinar e se purificar ao longo do tempo.

Com uma sensação de familiaridade e desconforto, Maria sentou - se à mesa de jantar, as mãos tremendo ligeiramente sobre o tecido da toalha. Delicadamente, sua mãe, Judite, serviu - lhe uma xícara de chá de camomila, como um gesto de amor e compreensão.

A primeira parte da conversa passou em silêncio - um silêncio que deixava transparecer as expectativas e os receios de cada um. Enfim, Maria tomou coragem e, com voz firme, porém suave, iniciou o diálogo:

- Estive pensando muito sobre nós... sobre nossa família - confessou. - Sei que nos magoamos e que talvez eu não tenha sido muito clara na última vez que nos falamos. Por isso, senti que precisava voltar e explicar algumas coisas. Foi difícil, eu sei... Mas durante esse tempo todo, fazendo meu próprio caminho, encontrei o conforto e a paz que faltavam antes.

O semblante dos pais de Maria retratava gratidão; cada palavra que emanava dos lábios de Maria era um sinal de que talvez suas orações tivessem sido escutadas - de que a menina que perderam pudesse estar sendo devolvida. Havia ali o ensejo para o perdão, embora ainda permeado por certo teor de incredulidade e, acima disso, a esperança de que uma conexão real estivesse sendo estabelecida ali.

- Maria - o pai disse, então, com voz embargada. - Reconhecemos as dores que passou e encontramos amorosidade dentro de nós para compreender

suas escolhas. Porém, é deveras difícil acreditar que, em tão pouco tempo, tenhas encontrado paz e conforto fora dos ensinamentos das Testemunhas de Jeová.

Com um olhar sereno e mãos apertadas, Maria, sem pestanejar, respondeu:

- Há muitos caminhos para se buscar um relacionamento com Deus. Há várias visões de mundo que, embora distintas, nos ensinam a abrir os olhos para o que é invisível. Na verdade, carrego um pouco de cada uma delas comigo.

Maria olhou cada um de seus pais nos olhos, transbordando sinceridade e orgulho por sua fé pessoal - uma fé nascida das sombras e tempestades que cruzou. A palavra de Maria teceu uma falange de detente entre eles, e o amor e perdão que buscavam começaram a emergir em seus corações.

- E, sobretudo, entendi - continuou Maria - que é possível sermos uma família novamente, mesmo que nossas crenças não sejam idênticas. Devemos amar e apoiar uns aos outros, independentemente das diferenças.

Naquela tarde, Maria foi envolvida pelos braços de seu pai e de sua mãe. Um abraço que representava não apenas a reconciliação, mas também a compreensão e liberdade que anelavam uns pelos outros.

Juntos, através do perdão, os três começaram a tecer um novo capítulo na história da família, um capítulo em que, mesmo diante das adversidades, o amor sempre vencerá.

## **A carta de desassociação**

### Capítulo 7 - A Carta de Desassociação

Era tarde da noite quando Maria ouviu um bater suave na porta. Ela havia passado o dia inteiro revendo e editando o texto da carta que escrevera à administração das Testemunhas de Jeová, informando sua decisão de se desassociar da congregação. Foram dias, semanas e meses de longa reflexão, de introspecção e de uma coragem com bordas afiadas e navalhadas que lhe raspavam e lhe serviam de conforto e de agulhões em perpétua dança e embate.

Ela levantou - se do sofá, o coração retumbante como um tambor em seu peito. Os olhos cansados e marejados denunciavam seus esforços para manter a calma diante do que estava prestes a enfrentar.

Ao abrir a porta, encontrou Clarice de pé, pálida como a lua que sobrevoava o céu opaco daquela noite de outono. Em suas mãos, um envelope branco sustentava o destino de Maria.

Clarice olhou timidamente nos olhos de Maria, como quem não quer trespassar o limite da fragilidade e do perdão e, sem falar uma palavra, entregou-lhe o envelope. Maria estendeu a mão, com um misto de confiança e apreensão, e tomou a carta, apertando-a como se pudesse dilacerar o papel e todos os ardilosos momentos que vivera até aquele instante.

- Obrigada, Clarice - Maria sussurrou, forçando um sorriso.

- Maria... - Clarice, pausadamente, rompeu sua voz trêmula, como se cada palavra fosse um ponto costurado com agulhas e fios de algodão e chumbo - Eu... Eu só espero que você saiba o que está fazendo.

O olhar de Judite despejava a angústia e o amor incompreensíveis da amizade que fora arrancada e plantada em uma terra nova, estranha e árida, como um cacto que, embora resista e floresça à força de espinhos e delicadezas, só pode encontrar consolo e amparo entre as resinas e a carne talhada de nossos dedos e de nosso cuidado.

A noite se fez gélida, e Maria, ciente das suspeitas e da eterna vigilância de espreita e de desafio que rondavam e se engalinhavam em seus passos e em sua respiração, aproximou-se da lareira, ainda que o calor do fogo interpretasse sua decisão como um abraço e um ultimato. O envelope em mãos tremia, como uma pulsação nas entranhas do destino que a abraçava e que a feria, como a espada flamejante e divina que constituía, desde sempre, sua realidade e sua busca, desde que descobrira, em seu coração, como a pólvora, o chamado e o desapego que lhe devoravam e lhe invalidavam a carcassa e a memória das frases, das falácias e dos afagos, em uma margem estilhaçada e alquebrada de esperança e de sonhos na qual procurava-se e encontrava, aos trancos e aos barrancos, uma aproximação e uma reconciliação entre a menina e a mulher que, tal como um alfabeto de lágrimas e músicas, iam se desenrolando e se compenetrando, no ritmo e na solidão dos anos que são, como as montanhas e as borboletas, nossos refúgios e nossas asas para a fuga e a reconstrução, uma e mil vezes, do compromisso e do renovo que nos lava e nos aduba a dor e a beleza entre os sepulcros e os ciprestes que nos alimentam e nos enganam a espera e o extravio.

Com lágrimas e um sorriso trêmulo, Maria rasgou o envelope. A medida

que lia as palavras frias e formais da carta, sentiu um pesar crescer dentro de si - a conclusão de uma etapa difícil, um passo necessário e o começo de algo que ainda lhe era obscuro e impenetrável, como o espaço infinito que se desdobra, como um rio e como um espiral, entre os vórtices e os limites de nossas orações e de nossos apelos, e que, tal como a morte e a criação que bailam de mãos dadas, parecem nos encorajar e nos sabotar, como um mapa e uma tempestade que se misturam e se reúnem entre a melodia e a distância que nos chama e nos tange para os anos e os horizontes que engendram e devoram, qual fosseis e cometas, os rastros e os escombros de nossa fé e de nossa voz perdida e reencontrada entre os pássaros e os céus que se sucedem, como labirintos e como pontes, e que se confundem, mesmo em sua metamorfose e ardor, como um som que perdura e que nos invade e nos ilumina a carne e o juízo que, como barcos, como remos, como uma luta e um sinal, nos conduz e nos instiga, qual o nadador e o abismo que somos, na onda e na maré alta, na falésia e no recanto que traduz e estrangula, uma e mil vezes, a lembrança e a despedida que nos sustento e nos assassina, na voragem e na ternura de nossas páginas e de nossos caminhos.

## Revelando a verdade aos seus pais

### Capítulo 7 - Revelando a Verdade aos Pais

Era o penúltimo sábado de outono, o sol, envergonhado, se escondia detrás das nuvens como uma criança encolhendo-se na saia da mãe. Por detrás da cortina de algodão, a luz pálida e débil de uma manhã envergonhada anunciava o começo de um dia que se arrastava em passos silenciosos. Maria, em seu pequeno quarto, contemplava aqueles fios luminosos que peneiravam a luz anuviada e se perguntava qual seria o momento ideal para dar a notícia.

Revelar a verdade aos seus pais era um ato de coragem que há muito Maria ensaiava, encenando diálogos defensivos e retóricas afiadas com sua estante de livros e seu espelho embaçado. Todavia, quando o telefone tocou, anunciando a chegada de Joaquim e Judite Souza para o jantar, Maria sentiu todo o peso da verdade pressionando seu peito numa força sufocante, como uma anaconda que se enrola em suas presas e as asfixia lentamente.

Sob o olhar reconfortante do cair da tarde, Maria desceu os degraus das escadas com cautela, medindo cada passo com a solenidade de um equilibrista atravessando um abismo. Seu coração retumbava um ritmo

intenso e ritmado, equacionando - se em fina sintonia entre o medo e a ansiedade à espera daquela verdade.

Joaquim e Judite cumprimentaram Maria com carinho e afeto, como se soubessem que aquela noite traria consigo a tempestade e o vendaval que apaziguaria suas almas. Embora o aroma do café fresco e das rosquinhas caseiras os abraçasse como um cobertor quentinho numa manhã fria, a tensão era evidente, reverberava pelas paredes e se impregnava no chão como a umidade do orvalho na madrugada.

Já à mesa, iluminada por velas que tremulavam chamus das dançarinas, os três se agarravam a suas xícaras como se, no fundo delas, jazesse o supremo e inominável segredo que se escondia naquele âmago ardente.

Foi após o último gole, enquanto Maria respirava fundo, preenchendo - se do ar que a compreendia, que ela finalmente começou a desfiar um discurso com a leveza das águas que se derramam para lavar a sujeira das feridas:

- Pai, mãe... - sua voz tremia, como uma carta de amor escrita às pressas na árida areia da praia - Eu preciso dizer algo... algo que estou guardando há muito tempo, algo que mudou minha vida... - ela buscou inspiração no olhar amoroso de seus pais, aquele porto seguro que a acolhera desde a infância.

Joaquim, sua face antes corada pelo calor da ocupação e do sabor do café, agora tornava - se pálida como os lençóis sobre as quais deitavam - se as almas transitórias do consumo. O coração de Judite aquecia - se em vermelhos e terrosos, como um sol nascente que ensaia os primeiros acordes de esperança.

Maria olhou para seus pais uma última vez, como uma despedida prévia à perdição que corria em suas veias, e abriu um sorriso trêmulo e doce:

- Eu... Eu não faço mais parte das Testemunhas de Jeová - a verdade jorrava das profundezas de seu ser, como um vulcão que irrompe e cospe a lava fervente.

Um silêncio ensurdecedor abateu - se sobre a sala, como um manto de gelo que cobre e paralisa o que outrora fora vivo e quente. Joaquim engoliu em seco, os olhos arregalados e a respiração entrecortada como uma locomotiva a vapor que se perde na neblina. Judite, por sua vez, deixou escapar um suspiro ainda surpreso, como o sussurro do vento que carrega folhas mortas nas noites de outono.

- Mas... Maria... - Joaquim tentou articular, as palavras como gotas de

óleo que borbulhavam em sua garganta - Por que? O que te fez chegar a essa decisão?

Maria, agora mais confiante, com um brilho nos olhos e a chama do autoconhecimento dançando em sua voz, respondeu, como quem enfim se liberta das amarras que o oprimem:

- Porque, pai, eu encontrei meu próprio caminho... um caminho que me trouxe paz, conforto e um verdadeiro sentimento de conexão com Deus, não mais baseado em regras e dogmas, mas sim na verdadeira essência do amor que Ele nos ensina.

Naquela noite, entre risos e lágrimas, Maria, Joaquim e Judite Souza semearam juntos as sementes da compreensão e do perdão, prometendo-se espalhar no jardim de suas vidas os frutos da aceitação e da reconciliação com os passos, as vozes e os rastros de uma fé e de uma busca que, entre sendas e desníveis, cartografavam a beleza e a dor de sua caminhada humana, ancestral e divina.

## **Perdão e arrependimento de Joaquim Souza**

### Capítulo 8: O Arrependimento de Joaquim Souza

Era o amanhecer frio e úmido de mais um dia marcado pelas lágrimas do inverno. As árvores despidas de suas folhas pareciam erguer seus galhos nus em súplicas silenciosas aos céus acinzentados, como se pedissem perdão pelos erros e imperfeições, prontas a renascer e florescer com novas cores e esperanças.

Maria, em seu quarto, estava imersa nas preces que desvelavam sua alma à divina presença. A sua conexão íntima e profunda com Deus se tornara um porto seguro e nutritivo em meio às turbulências, julgamentos e solidão que a cercavam desde sua decisão de abandonar a religião que outrora lhe angustiava o coração.

Joaquim, o rígido e fervoroso pai, observava em silêncio, atrás da fresta entreaberta da porta do quarto de Maria. Agitado por um conflito interno ainda não resolvido, seu corpo trêmulo denunciava um homem dividido entre suas crenças conservadoras e um amor paterno avassalador que lutava para encontrar espaço e compreensão diante da jornada autônoma de sua filha.

Naquele instante, na brecha tênue entre luz e sombra, Joaquim viu algo que nunca antes vira ou compreendera: uma Maria serena e radiante ao

cultivar sua fé, longe das amarras de dogmas e doutrinas que a sufocavam. Ele contemplava, quase em êxtase, o rosto tranquilo e iluminado de sua filha, como se um véu tivesse sido retirado a revelar, pela primeira vez, a chama sagrada de um amor imenso e inquebrantável entre a menina que renascia e o divino sopro que lhe dava forças.

Alguna coisa se agitou no coração cansado e dolorido de Joaquim. Uma ferida antiga e esquecida - um raso abismo de dor e culpa - começava a se abrir lentamente, como gavetas emperradas de um velho móvel que há tempos não conhecia o tato cuidadoso das mãos que as desemperravam.

Maria, percebendo a presença de seu pai, sobressaltou-se em meio à prece. Seus olhos se encontraram, recortados e presos naquele limiar de tempo e espaço onde tudo parecia suspenso e confuso.

Os lábios de Joaquim começaram a se mover e, com dificuldade, as palavras brotaram em um sussurro gaguejado e reticente:

- Maria... Eu... Eu acho que... Eu acho que cometi um erro.

Maria, surpresa e incrédula, tentou balbuciar algo para amenizar a inusitada confissão, mas em vão. As palavras se desintegravam nas lágrimas silenciosas que lhe embaçavam a visão.

Joaquim, compreendendo que não havia como retroceder, abriu a porta por completo e sentou-se ao lado de sua filha na cama. Seu rosto refletia não só o tormento de sua decisão, mas um sabor amargo e desconhecido de vulnerabilidade.

- Maria, eu... Eu nunca pensei que um dia eu diria isso, mas eu estive errado ao te julgar, condenar e repudiar sua busca por um caminho espiritual próprio, mais autêntico e verdadeiro. Eu me deixei levar pelo medo, pela rigidez e pela necessidade de controlar o que eu não compreendia.

Maria, perplexa, não conseguia encontrar palavras para responder ao que parecia um milagre das dimensões bíblicas - seu pai, o feroz e inflexível Joaquim Souza, estava pedindo-lhe perdão.

- Vejo em seus olhos uma paz, uma fé que eu, em todos os meus anos seguindo as leis e doutrinas das Testemunhas de Jeová, nunca conheci - continuou Joaquim, as lágrimas agora se derramando em cascata por suas faces enrubescidas. - Eu lhe peço perdão, minha filha, por todos os anos de sofrimento e solidão que lhe causei. Eu lhe peço perdão por não ter sido capaz de enxergar a sua verdade e a sua fé.

Maria, embora ainda tentando conter as lágrimas, colocou a mão trêmula

sobre a de seu pai e sussurrou:

- Pai, o perdão é a mais bela flor que brota no jardim do coração, e eu lhe perdoo, não só por mim, mas por nós dois.

Naquele momento, entre as lágrimas salgadas e os sorrisos trêmulos, Maria e Joaquim Souza teceram uma intrincada tapeçaria abençoada pelo perdão e pela reconciliação. Uma tapeçaria que se estendia pelo tempo e pelos abismos de dor, desentendimento e amor - unindo, de forma indissolúvel, as almas de pai e filha em um amálgama divino de fé e sabedoria humana.

O arrependimento de Joaquim Souza ressoava nas paredes e corredores de seu lar, penetrando em cada fresta e rachadura das memórias e esperanças que compunham a história de uma família que se redescobria e se reconstruía a cada passo no caminho incerto da jornada humana, ancestral e divina.

## Clarice Mendes e seu dilema

### Capítulo 8 - O Dilema de Clarice Mendes

Aquela manhã de inverno veio com um vento gélido, cortante, anunciando o início de uma semana que traria ares de renovação e transformação a todos que moravam naquela cidade interiorana. As andorinhas em revoada no céu acordaram Clarice Mendes bem cedo, cantando profecias de mudanças iminentes.

Clarice, inquieta e desassossegada, olhou através da janela embaçada feito um alquimista que contempla sua obra-prima em sua fornalha incandescente. Ela, assim como aqueles pássaros viajantes, também se encontrava dividida entre as forças do conformismo e do crescimento, a dor conhecida da estagnação e a incerteza de um novo caminho.

Era na Casa de Chá de Teresa que Clarice encontrava em si mesma o fogo e o gelo da dúvida e do conflito. Sentada em uma das pequenas mesas de madeira colorida, bebendo um chá quente e fumegante, ela observava Maria conversando com orgulho e alegria com os outros frequentadores do local. A verdade que trafegava no rosto vibrante de Maria, como luzes se projetando no farol de um porto, anunciava para Clarice o preço de uma escolha.

Por fora, Clarice ostentava um sorriso enfeitado que iluminava sua face como a dança das chamas de uma vela em noites de penumbra. Mas, por dentro, sua alma ardia feito um vulcão que estremecia as estruturas de suas

convicções, o manto que escondia seus desejos e anseios.

As gargalhadas e o som das xícaras tilintarem como sinos soavam como um coro angelical, dissonante e estridente, anunciando uma outra claridade, um outro momento que vinha com o gosto amargo e doce de um chá feito de ervas amolecidas pela água fervida. Clarice sentia o clima mágico impregnando-se em sua pele e tomando conta de sua vontade, como uma maldição e uma dádiva.

Teresa, a mentora espiritual de Clarice e Maria, aproximou-se como uma sombra templada e serena, conduzindo com graça o aroma de hibisco e lavanda que emanava de cada passo que dava. Seus olhos, como poços transbordantes de sabedoria e compaixão, penetraram na alma de Clarice como se quisessem sondar-lhe os abismos mais profundos e obscuros.

- Vejo em seus olhos, querida Clarice, a tempestade que se forma nas profundezas de seu coração. O que lhe aflige nesses dias frios e úmidos de inverno?

Clarice hesitou por alguns instantes antes de deixar escapar as palavras, como folhas secas e trêmulas que sofrem nas correntes do vento.

- É minha querida amiga Maria, Teresa... Sinto-me dividida entre meu passado como Testemunha de Jeová e seu presente, tão desapegado das amarras religiosas que antes nos uniam. As palavras dela, suas teorias e sentimentos, pairam em meu coração como o orvalho da manhã, mas, ao mesmo tempo, sinto medo, pavor, e mesmo a nostalgia das certezas perdidas.

Os olhos de Teresa ganharam tons de compaixão e entendimento, como um sol poente que coloreia os céus de uma tarde melancólica. Ela segurou a mão trêmula de Clarice e, em um tom suave e acolhedor, respondeu:

- Oh, minha jovem, como compreendo sua inquietação e dúvida... Às vezes, nossa alma se agita como um oceano revolto, transtornado pela tempestade de nossos anseios e paixões. Mas, lembre-se, é nessa tempestade que encontramos o caminho mais verdadeiro para nossa redenção, para nossa verdadeira essência. E, muitas vezes, essa verdade, doce e pura, se esconde sob a superfície agitada de nossos medos e inseguranças...

Clarice soltou um suspiro baixo e vacilante, como estacas sendo inseridas na terra dura e ressequida. Oh, como as palavras emanadas de Teresa se enroscavam em sua alma como cordas e raízes que buscavam encontrar um aperto mais firme, uma âncora que pudesse ancorá-los à realidade que ela agora negligenciava.

Nessa tarde que findava, as cores vivas e pastéis da Casa de Chá de Teresa misturaram-se com os tons sombrios e tempestuosos de sua angústia e conflito. Clarice Mendes, com a alma transformada em fogo e o coração em gelo, velejava pelas ondas tumultuadas de sua própria dúvida e dilema, navegando, a cada batida crescente, em direção a uma terra desconhecida, uma linha do horizonte onde o sol e a lua dividiam seu império e sua glória.

## Lidando com as consequências na comunidade

### Capítulo 9: A Tempestade e o Farol

As ruas de pedras e casas coloridas da pequena cidade mineira tinham o aspecto cinzento de um crepúsculo pesado e melancólico. Aproximava-se uma chuva forte que anunciava, sua chegada com lamúrias e soluços, o vento açoitava impiedosamente as copas das árvores e as telhas dos tetos. Nuvens sombrias tumultuavam nos céus como cúmplices ameaçadores, coagidas por um destino cinzento que parecia encobrir e sufocar toda a esperança e luz.

No fundo de sua alma, no ventre de seu coração tempestuoso, Maria sabia que aquela era uma batalha que não se venceria sozinha. Mesmo que estivesse iluminada pela resiliência e virtude de seu caminho autônomo, algo a mantinha presa a memória de um sorriso árido, um gesto seco, a sombra de uma verdade oculta e coberta pelos véus do medo e da negação.

Enquanto caminhava pelas ruas alagadas e encharcadas, Maria percebia que seus passos carregavam o peso do julgamento e da incompreensão daqueles que olhavam-na de soslaio e com olhos amedrontados e acusadores. Famílias que outrora abriram suas portas e corações para ela, amigos de infância e longas caminhadas agora negavam sua presença, fechavam portas e janelas, escondiam-se por detrás de cortinas cerradas e suspiros abafados.

Maria sentia a ira e a inquietação escalando suas costas e subindo até sua garganta como a pressão de um vulcão adormecido e prestes a despertar. Seria qualquer lágrima derramada em sua direção cura ou veneno? O fardo de sua escolha e de sua verdade parecia ser mais pesado a cada dia, a cada passo, a cada olhar e murmúrio.

Quando Maria cruzou a rua em direção à antiga casa onde morava com sua família, seu coração estancou, gelou-se no compasso do vento gélido que soprava suavemente sobre a cidade. A janela do quarto de seu pai estava aberta, uma fresta por onde se ouvia a lamentação de uma alma arrependida

e partido.

Joaquim, com seu rosto marcado pelas cicatrizes dos anos e de suas decisões, chorava à sombra do arrependimento e do desespero. Aos prantos, balançava a cabeça em negação e incompreensão, como se buscasse bradar algo ao teatro das nuvens cinzentas e ao coro da chuva e do vento. Maria o viu engasgar e sufocar sua dor, seus punhos cerrados e unhas cravando na pele como se pudesse arrancar a mágoa de sua carne, a trouxa de pesares do fundo de seu ser.

Percebendo que o tempo se escoava como areia em uma ampulheta invisível, Maria respirou fundo e tomou coragem em suas mãos suadas e entrelaçadas, em um gesto que parecia ser sua única âncora e escudo contra a tempestade que se desencadeava em seu interior e no coração da própria cidade.

Maria ergueu seu queixo e, com passos vacilantes mas determinados, bateu na porta de sua antiga casa. O coração batia no peito como tambor e o peso do silêncio que se seguiu era como um manto pesado e encharcado que se depositava sobre seu ombro.

À medida que Joaquim se aproximava da porta, Maria podia sentir que algo cortava o ar, uma tensão esticada como fio de arame, a interseção de vergonha e medo.

A porta se abriu, revelando a figura de Joaquim Souza, com um olhar tão incisivo e profundo que parecia penetrar nas entranhas de sua dor e de sua coragem.

- Maria - sussurrou, sua voz tão baixa e distante quanto o vento frio que soprava do lado de fora.

As lágrimas corriam pelo rosto de Maria que, mordendo-lhe os lábios, tentava formular as palavras que eram um grito contido e estrangulado em sua garganta.

- Vamos conversar, pai - Maria conseguiu dizer, com um fio de voz trêmulo e gélido como a água que escorria pelos beirais das casas e das árvores.

Joaquim pestanejou, estremeceu, mas, em algum lugar dentro de sua alma torturada pela culpa e pela dúvida, conseguiu juntar forças e murmurar uma resposta:

- Vamos conversar, sim. Vamos conversar, minha filha.

E, assim, os dois cruzaram o limiar daquele lar outrora dividido pelo

preconceito e pela intolerância e agora aberto ao diálogo, à compreensão e à reconciliação. A tempestade bradava no céu como um canto de espera, uma sinfonia de antecipação e esperança que ressoava nos corações e mentes dos que presenciavam aquele encontro não como uma partida, mas sim como um retorno à fonte do amor e da verdade.

## Chapter 8

# A Aceitação e a Liberdade

### Capítulo 10: Aceitação e Liberdade

Maria acordou suavemente ao som do ferreiro trabalhando, enquanto a névoa se dissipava lentamente através das montanhas cinzentas no horizonte. Levantou-se da cama e contemplou os vales luminosos de sua cidade mineira, com as casinhas de cores delicadas que se prostravam, como agradecidas oferendas, aos encostos suaves das colinas. Sua casa, que havia pontos de tensão no mundo espiritual conforme ela revelava sua nova fé, tinha sido miraculosamente transformada em oásis e santuário de sabedoria e aceitação.

Quando desceu as escadas de madeira, cruzou-se com sua mãe, cuja expressão havia se tornado mais serena e maternal. Maria sentia que o passar do tempo e as orações tinham desgastado as arestas ásperas das mágoas e medos do passado, dando lugar a um novo capítulo de amor e compreensão.

O pai de Maria, Joaquim, já não era o homem rígido e obcecado pela doutrina que um dia a havia excluído de sua vida e coração. Quando viu a filha entrar na cozinha, estendeu-lhe os braços e envolveu-a em um abraço fraternal, reconhecendo que as indisposições anteriores haviam sido substituídas por um respeito e afeto mais profundos.

Maria despreendeu-se lentamente do abraço, seus olhos brilhando com o otimismo e a humildade que compunham os fios de seu novo horizonte existencial. Olhando para o pai - e, em seguida, para sua querida amiga Clarice -, ela falou com um sorriso sincero e uma voz firme:

- Como eu gostaria que nós tivéssemos chegado a esse momento de aceitação e harmonia muito antes, mas agora vejo que toda a nossa luta e

dor foram necessárias para que pudéssemos crescer e encontrar o caminho para a verdadeira liberdade.

Joaquim encarou - a com veneração e sabedoria no olhar, um ar de solenidade gravando - se em seu rosto como uma tatuagem que conectava gerações e correntes de pensamentos.

- É verdade, querida. A vida tem um propósito; mesmo que, por vezes, seja árduo compreendê - lo. Hoje, graças a você e sua coragem, somos uma família unida pelo amor e pelo respeito às escolhas individuais de cada um. Mesmo que nossos caminhos continuem diferentes, isso apenas acrescenta mais riqueza à nossa relação e ao nosso amor, que agora nos torna verdadeiramente livres.

Maria permitiu que seu coração pulsasse com alegria e vazasse emoção e gratidão pela redenção que a todos havia sido concedida.

- É verdade, pai - concordou Clarice, que também se aproximara para juntar - se ao abraço dos três -, mas não nos esqueçamos das pessoas lá fora que precisam ouvir sua história, Maria. Sua trajetória é um farol que ilumina o caminho da verdade para tantos outros nesta cidade.

Maria olhou pela janela, além das colinas e do céu, em direção ao futuro brilhante e incerto que se desenrolava diante de seus olhos. Sentia que, agora que haviam superado as barreiras do passado, poderia abrir seu coração e espalhar sua verdade com a mesma intensidade e autenticidade que haviam inspirado sua própria comunidade.

- Obrigada, Clarice - ela sussurrou com um sorriso radiante no rosto. - Estou pronta para trazer essa verdade a quem estiver disposto a ouvir.

Ao cruzar o umbral da porta e encarar o novo dia, Maria, Clarice e Joaquim sentiram as correntes da aceitação e liberdade em cada célula de seus corpos, cada raio de sol que banhava a cidade. Eles sabiam que, juntos, eram invencíveis, capazes de enfrentar qualquer desafio e qualquer adversário que buscase negar - lhes a dádiva do conhecimento e da verdade.

Com o coração leve e cheio de gratidão pela provação que, no fim, rendeu - lhes frutos de sabedoria e amor, eles caminharam pela cidade, os ecos de suas risadas e alegria intercalando - se com o som das andorinhas que sobrevoavam os telhados, anunciando, carregadas de profecias, a aurora de uma nova vida, repleta de fé, aceitação e liberdade.

## A Recuperação das Feridas do Passado

Maria caminhava lentamente pela trilha estreita e pedregosa que levava ao topo do Morro da Fé, onde, a cada dia, sentava-se para meditar e tentar curar as feridas ainda abertas de seu passado. Aquele percurso doloroso e íngreme, de certa forma, lembrava-lhe as agruras de sua própria vida: a dor da separação dos seus amados, a dor incompreendida, o conflito e, finalmente, a fé que agora a erguia, determinada, a perseguir a luz.

Seu coração batia suavemente, um tambor que pulsava em uma sinfonia sem palavras, como um silêncio pincelado de notas de algo maior - um novo começo. No entanto, à medida que subia, Maria sentia-se cada vez mais angustiada; sentia o peso daquelas emoções inomináveis que pareciam ter sido transplantadas sob a pele, parasitando sua carne viva e sua alma humana.

Em meio àquela dor melódica e ao sofrimento silencioso, algo na companhia do vento sussurrante dos pinheiros no entorno parecia fluir como uma espécie de bálsamo, suavizando a dureza fria das rochas sob os pés e amparando-a em seus braços invisíveis, tudo isso como que a lembrar-lhe de que a verdadeira felicidade e paz ainda estavam à uma distância alcançável.

Enquanto subia o morro, as lágrimas caíam tão pesadas quanto os pingos de chuva que quase despencavam das nuvens chorosas além. A medida que as lágrimas caíam, Maria olhava em volta, apreciando a paisagem que, como um artista que molda a argila, estava sempre a esculpir-se, recriar-se e transformar-se em cada retorno ao topo.

As terras e vales eram férteis e reluzentes em tons vivos de verde, seus contornos ondulantes como o corpo de uma mulher adormecida sob um deus manto de pano. Naquelas terras, cheias de vida, ela sentia-se acolhida pelos braços da mãe natureza, como se ansiada por nutrir e curar seus filhos perdidos.

Em seu coração, no entanto, ainda havia uma voz inalcançável: o eco angustiado de Joaquim Souza, seu pai, cuja dor e arrependimento pareciam negar-lhe a oportunidade de experimentar o amor e o perdão que Maria, em sua sabedoria, sentia ser os únicos capazes de completar a redenção de ambos e ajudá-los a seguir em frente.

O rosto de Joaquim assombrava Maria em seus sonhos e pensamentos,

sua expressão marcada pelas cicatrizes do passado, um enigma indecifrável de culpa, dúvida e tristeza profunda. Ela sabia que, embora suas próprias feridas começassem a fechar - se gradualmente, permitindo - lhe entrever a paz que residia além das sombras do velitório, as feridas de seu pai ainda sangravam em um ritmo cruel e silencioso.

Como deveria - ela pensava - consolar aquele coração amargurado e enfraquecido, um coração como uma velha uma árvore ressequida? Algebráico era o desejo que borbulhava em seu peito ao imaginar - se reunida com Joaquim e sua família, desfazendo as correntes do medo, da vergonha e da culpa que os apartavam há tanto tempo.

Com os olhos úmidos e o peito gelado, mas com uma chama insistente de esperança, Maria sentou - se no topo do Morro da Fé e, com as mãos desajeitadas, tentou recompor seu coração partido e seu desejo de retornar àquele passado e às sombras que nasceram ali.

De olhos fechados e com lágrimas ainda escorrendo, ela escutou os sussurros do vento entre as folhas à sua volta e as vozes da cidade ecoando de longe, chorando pelo amor e pelo perdão que, em seu íntimo, sabia ser a única resposta capaz de saciar aquela sede de redenção, cura e reconciliação.

E, então, em meio ao silêncio e à melancolia, uma súplica inesperada irrompeu de entre suas lágrimas embargadas e seu coração pulsante:

”Permita - me, ó Deus, encontrar em meus pés a coragem para caminhar de volta ao passado e resgatar aquilo que perdi; em meus braços, a força para abraçar com amor e compaixão aqueles que precisam do perdão e da cura; e em meu coração, a graça e a sabedoria para perdoar o que não pode ser desfeito e conduzir - nos, a todos, a um futuro onde a luz resplandece e dissipa as trevas do medo e da culpa”, jurou ela, sua voz ecoando em unísono com o clamor da própria terra, como se portadora de uma verdade que era, ao mesmo tempo, antiga e nova, eterna e perecível.

E, assim, iluminada por essa prece feita ao som do universo e pelo amor e a fé que cresceram dentro dela a despeito da aridez de naquele solo árido, Maria abriu os olhos como que alçada a um novo mundo que, apenas esperava, logo descobriria ser um caminho compartilhado e trilhado por todos aqueles que tinham, em seu coração, a certeza de que é só por meio do amor e do perdão que a verdadeira redenção e cura podem ser encontradas.

## O Reencontro com a Família

As cinco horas da tarde, Maria se preparava para seu encontro com a família. A reunião sequer fora marcada, mas ela sentia que o coração pulsava no ritmo certo. Colocou sobre os ombros um xale azul-claro e atou os cabelos, prendendo neles uma fita cor de rosa, um gesto singelo de rendição e afeto.

A casa, de taipa e telha vermelha, estava envolta num abraço de sol e sombras, as paredes sumindo lentamente nas cores e tons de uma tarde mágica. O jardim, por sua vez, estava repleto do perfume das rosas brancas que Maria havia plantado desde a vertiginosa despedida de sua família, um sacrifício doloroso, porém necessário para se livrar dos grilhões das regras e dogmas, e para finalmente encontrar seu caminho.

- Clarice - chamou ela, nervosa, segurando nas mãos um pequeno envelope no qual havia digitado uma explicação detalhada de toda sua jornada desde a ruptura com as Testemunhas de Jeová -, você acha que esta carta será suficiente para que eles me compreendam?

Clarice a encarou com uma ternura desconcertante. Tomou o envelope das mãos de Maria e o devolveu rapidamente.

- Maria, minha querida, acredito que a carta é apenas um gesto adicional. O que realmente importa é a maneira como você se comunica com eles, tanto em palavras quanto em ações. Lembre-se, mesmo que as coisas não funcionem imediatamente, o importante é ser perseverante, honesta e fiel a si mesma.

Maria balançou a cabeça, um sorriso nervoso brincando em seus lábios. Ela sabia que haviam muitos momentos de tensão e incerteza pela frente, mas agora, mais do que nunca, sentia que estava pronta para enfrentar esses obstáculos e finalmente reconciliar-se com aqueles que significavam o mundo para ela.

Quando chegou à casa de seus pais, Maria respirou fundo e, com uma mão trêmula, bateu na porta. Passaram-se segundos que pareceram horas até que a porta rangeu e na soleira surgiu Joaquim Souza, o pai com quem ela havia brigado em seus dias tempestuosos.

- Maria, minha filha - disse ele suavemente, com um sorriso incrédulo no rosto e os olhos marejados de emoção -, você finalmente voltou.

Maria assentiu, a voz embargada pela emoção e as lágrimas que ameaçavam irromper. Lutou contra a vontade de correr para os braços de seu pai - e

acabou cedendo, fundindo-se no abraço das lembranças do passado, e nos futuros vazios de desespero e tristeza infinita.

Ficaram assim por um tempo que parecia eterno, os corações compartilhando o peso da culpa, do arrependimento e, ainda assim, um fervoroso desejo de redenção e restauração.

Assim que se soltaram um pouco, Joaquim murmurou:

- Eu me arrependo, minha filha. Cometi erros, e sei que não posso desfazê-los, mas espero que possamos construir algo novo agora e, quem sabe, descobrir uma maneira de conviver em paz e respeito mútuo.

Maria enxugou as lágrimas de seus olhos e, com a voz trêmula, sussurrou em resposta:

- Sim... Eu só quero que possamos nos entender e encontrar um caminho comum, onde todos possamos ser livres para ser quem somos, livres para amar, independentemente de nossas crenças e valores.

Ela ofereceu a carta ao pai, que a recebeu com cuidado e reverência.

- Eu escrevi tudo o que senti e vivi desde que nos separamos, como uma tentativa de me abrir e mostrar a verdade do meu coração. Espero que isso possa ajudar a nos aproximar ainda mais.

Joaquim assentiu e passou a mão nos olhos, um gesto que aos poucos revelava sua humanidade e sua dor.

- Eu a lerei, minha querida. E, você verá, nos tornaremos uma família novamente.

Maria permitiu-se chorar, as lágrimas jorrando como chuvas de primavera, levando embora o frio e a amargura do passado, abrindo espaço para o florescimento de um novo tempo, um tempo de amor, tolerância e aceitação mútua. Aquela era a semente que plantavam agora - e um dia, conforme crescesse, traria paz e unidade para todo o lar.

## A Voz da Verdade e Libertação

A lua cheia abraçava o céu como se fosse o olho cúmplice de um pai amoroso. Maria pacientemente matava o carinho da lua, escrevendo linhas poéticas em seus cadernos e traduzindo a essência daquele momento em tudo que seu coração lhe sussurrava. Universos inteiros eram criados e desmantelados em cada extensão da grafia, palavras de amor, perdão e raiva vindas cada uma de um dos muitos céus em que sua alma passeava.

Seus olhos pararam, por um breve instante, no banco vazio sob a castanheira, onde Teresa costumava se sentar. O rosto sábio de sua querida mentora ecoava nas palavras, na paisagem, nas sombras daquelas folhas secas, no borrão do céu noturno e na brisa que acariciava seu rosto; era uma presença eterna e omnipresente, mesmo além da morte.

Havia sido há apenas três meses que Teresa partira, tomando o caminho do invisível, abandonando seu corpo cansado e arrastando - se para a terra com a delicada dignidade de um fio de água abrindo seu caminho através do coração das pedras, só para render - se à gravidade e voltar ao oceano de onde veio. A última memória do rosto da mulher, ainda com vida, ardia na lembrança de Maria como uma cicatriz de vívido fogo; e começou a encher - se em lágrimas de memória e desejo.

Naquela mesma semana, ela havia sido abordada em uma esquina pelo jovem Alberto Nogueira, anos antes ancião nas Testemunhas de Jeová e agora um homem derrotado. Alberto relatou, entre soluços e convulsões, seus conflitos internos com a fé e com uma amargura que o corroía bem do âmago. Angustiado e vulnerável, ele finalmente havia retirado - se da congregação e, como que fazendo um ato de súplica, alcançou Maria.

Portanto, naquela mesma noite, Maria enviou para Alberto o link do seu blog, um diário digital onde compartilhava suas experiências espirituais e textos para encher o coração daqueles que buscavam algo além das seitas de ferro, além das linhas invisíveis da aristocracia da salvação.

Maria escrevia diariamente, sem medo ou questionamento, impulsionada por uma fonte inesgotável de alegria e beleza, ressoando com a certeza de que não estava mais só, mas inseparável do verdadeiro corpo de Deus, um corpo que assumia a forma de natureza, de irmãos de fé, de criaturas sem voz e de toda a dor e delícia que constituíam o mundo.

Depois de perder - se na embriaguez daqueles textos como um homem faminto em um banquete, Alberto entrou em contato com Maria novamente, contando que sentia - se profundamente tocado e grato por aquelas palavras. Para ele, o blog de Maria era como um remédio curando sua alma, curando os ferimentos abertos pelo discernimento e cicatrizes deixadas por dores antigas.

Em sua voz tremente no telefone, embora ainda reticente e cauteloso, percebia - se uma nova esperança; algo se partia e dissolvia em seu peito, uma bigorna que ele carregara por tanto tempo que já não percebia seu peso. Ele

perguntou a Maria se poderiam se encontrar para discutir suas descobertas e, talvez, buscar unidade e apoio em seu caminho de reconciliação e redenção.

Maria hesitou por um breve momento, ponderando as conseqüências que seu sim poderia acarretar; mas, ouvindo o lamento rouco de Alberto, a voz de Teresa ecoava em sua memória, lembrando - a de que ninguém, verdadeiramente ninguém está além do alcance do amor e do perdão. Então, soltando um suspiro deliberado, aceitou encontrar - se com ele - e tudo aconteceria no topo do Morro da Fé.

Naquela noite, no alto da colina que abarcava a cidade em seu guarda-chuva espectral, Maria estendeu aos céus uma oração silenciosa, pedindo que a verdade e a libertação fizessem sua morada na reunião do dia seguinte, curando as feridas do passado e reinstalando a esperança nos corações dos aflitos.

Para Alberto Nogueira, o desvario de um ancião ferido pela vida e pela fé quebrantada; e para si mesma, Maria desejou em seu coração que a voz da verdade e libertação - cujas notas já haviam mudado seu próprio ser -, também alcançasse esse homem que havia guiado seu coração a luz intensa e acolhedora de seu verdadeiro lar, e que o calor dessas palavras também abraçasse sua alma em um encontro onde o silêncio daria lugar para a voz da verdade e da libertação em todos os corações que estavam de boa vontade.

## **A Aceitação da Nova Jornada Espiritual**

Maria despertou naquela manhã com um novo alento e uma determinação alicerçada na luz que agora iluminava seu coração. Todos os conflitos e desafios enfrentados até aquele momento faziam - lhe lembrar de que nada nesse mundo acontece por acaso, e que o próprio Universo se redimensiona, orquestrando novas formas e reconfigurações a cada passo daquela caminhada constante.

Era chegada a hora de aceitar plenamente aquela jornada que abraçara com uma coragem suprema, a consciência de que todos os passos do passado estavam perfeitamente alinhados para o desabrochar de sua nova vida, de sua verdadeira vida.

E com isso em mente, Maria buscou em seu ser aquela energia pulsante e impetuosa que a conduzia por caminhos antes inimagináveis a seu próprio espírito, trilhando sendas de luz e paz em direção a uma comunhão perene

com a Verdade e com seu mais profundo propósito.

Enquanto caminhava pelas ruas de paralelepípedos daquela cidade que sempre fora sua casa, Maria cruzou olhares com pessoas que antes a julgavam, a reprovavam e a excluía. Mas, agora, com o coração aberto e repleto de amor, ela permitia que o olhar de alguns transpassasse a cortina da ignorância e encontrasse aquela semente de divindade que pulsa em cada ser humano.

Joaquim, sua mão atada pela fraternidade do perdão e da aceitação mútua, acompanhou cada passo de Maria naquele dia, sentindo-se orgulhoso por ser a testemunha do brilho agora radiante de sua filha.

Clarice, por sua vez, revelava - se uma fortaleza de apoio incondicional e compreensão diante de cada prova que Maria enfrentava em sua jornada. Olhares curiosos se lançavam sobre elas enquanto os murmúrios lançavam perguntas em meio ao vento: "Teriam elas realmente encontrando algo fora daquelas portas rígidas? Estariam elas agora entre aquelas tão temidas por todos, as almas perdidas e rejeitadas pelos deuses?"

Aos poucos, a aceitação da nova jornada trazia também o reconhecimento do amor e da liberdade de escolha daqueles cujo destino outrora era ditado pelos regulamentos e dogmas de uma congregação liderada pelo medo e pela exclusão.

- Maria, você acredita mesmo que podemos encontrar em nosso coração a verdade que há tanto buscamos? - perguntou Clarice, com a voz trêmula e um brilho esperançoso no olhar.

Maria segurou a mão de sua amiga, sorrindo enquanto uma lágrima solitária escorria por sua face, como que lavando os sofrimentos passados e salgando a terra onde brotaria a promessa das plantas mais frondosas e floridas.

- Sim, Clarice, eu acredito. E vejo em seu coração essa mesma verdade, a chama de um amor incondicional e de uma fé pura e retumbante. Pois o caminho que escolhemos não é feito de imposições e cerceamento, mas sim de um amor infinito que a tudo abarca e proporciona a cada um de nós a capacidade de reconhecer a verdadeira natureza de Deus em nós e nos outros, trazendo paz à nossa existência.

Clarice enxugou as próprias lágrimas, emocionada, acreditando nas palavras de sua amiga. E, assim, juntas, aquelas duas almas exalavam uma energia tão intensa e maravilhosa que o próprio Sol, cúmplice e tímido,

derramava sobre suas fontes a luz dourada do renascimento, anunciando que um novo tempo chegara, e a aceitação da sua nova jornada espiritual transformaria seus corações e os daqueles que estivessem dispostos a abrir-se para as infinitas possibilidades de um mundo onde o amor e a liberdade não são apenas palavras, mas sim o verdadeiro elixir de uma existência plena, iluminada e embalada pelos acordes eternos do Céu e da Terra, e pela voz poderosa daquele que habita o coração de todos nós.

## A Força da Comunidade e do Apoio Mútuo

Os olhavares que antes costumavam esquivar-se do brilho repleto de dúvidas, eram como reflexos de um sol a ocupar de novo o panteão de deidades. Eram eles os filhos ávidos pelos provérbios que lhes emanavam da doce donzela que havia capturado suas mãos. Maria os guiava para um novo templo, montado na fumaça das antigas certezas. Era mais claro que as águas do riacho que serpenteava do vale, onde suas palavras eram como faróis imaginados por Prometeu, quando o jovem deus moldado pela aluviões de mentiras havia visto ao longe onde dormia a verdade.

Naquele antro miscigenado, onde as tábuas da antiga casa pareciam contar histórias de muitos ancestrais, o sino teimava em não tocar. Maria e seus seguidores haviam entrado sorrateiramente na pequena capela católica, sabendo que se quisessem prosseguir com essa trilhada ao infinito que sonhavam juntos, o caminho inicial, por mais arriscado que fosse, estava onde, em outrora, Deus havia habitado.

Era um local simples, mas ainda com resquício de perfume espiritual, as imagens eterna exibindo as dores da paixão de cristo, eram tocantes as emoções que emanavam da química alegoricamente sagrada que lá existia.

Maria abaixou-se descalça sobre a antiga grama que cobria o pó, e incendiada de uma chama que só se conhece no altar dos santos, elevou-se em poesia sobre uma nova visão de terreiro e encontro.

„Meus irmãos, minhas irmãs, ouçam bem o que venho vos relatar e com todo o vosso amor se, com isso, a eles podeis concordar. O que nos causa angústia e dor, tenham certeza que também aqui pressiona Seu torax, como um filho que se afasta num caminho errante, aquele que outrora havia dado sentido a vossa vida.

Nossos passos nessa manhã, eles hesitam, mas existe em nossa missão

uma força que não pode ser calada. Se queremos vestir nossas ambições com a púrpura dos deuses, precisamos urgentemente esquecer as nuances do coração humano.

E foi então que o homem de pouca barba e voz sempre mais grave rompeu num questionamento, quase rindo, como se a pergunta precisasse a fechadura que trancava as preocupações e dúvidas.

—Dizem, Maria, que o homem só é livre quando as correntes que o aprisionam já se encontram partidas. O que pode nos ensinar? O que te faz tão iluminada para que possamos crer que és aquela que já conheceu a verdade?

Maria respirou fundo, fixando seu olhar naquele que fez a pergunta, e com uma voz amável e suave, respondeu:

—Meu irmão, sou apenas uma buscadora como você, alguém que ouviu a voz do coração e decidiu dar um passo em direção ao desconhecido. A verdade que encontrei é a de que Deus habita no coração de cada um de nós, e podemos encontrá-lo quando nos abrimos à nossa própria espiritualidade e ao amor incondicional que Ele nos oferece. Se eu te ensinar algo, desejo apenas que seja a ouvir a sua própria voz interior e encontrar nelas a paz e a conexão com o Divino.

Um murmurinho de concordância e emoção espalhou-se pelos demais presentes, ao passo que cada um sentia serem tocados pelo fervor e sinceridade das palavras de Maria. Eles ali estavam por ela, pelos sorrisos que Maria compartilhava, pelas mãos estendidas nos momentos de aflição. Ela era a fonte da força que agora perequava em seus peitos, o farol que os guiava para fora da escuridão.

Aquele encontro de almas ressoou como um triunfo, o momento em que a verdade arrebatava os portões e vencida as muralhas construídas pelo medo e pela ignorância. A comunidade, antes fragmentada por crenças sectárias e pelos dogmas sufocantes, agora encontrava em Maria aquele elo que os unia em uma corrente de amor e apoio mútuo. Juntos, caminhavam em direção à liberdade e à plena aceitação de uma fé viva, inabalável e verdadeiramente pessoal.

E embora soubessem que todas as tempestades e obstáculos ainda existiriam na jornada, a força da comunidade e do apoio mútuo aquecia seus corações e instigava-os a não desistir. E numa terra em que toda a estética celestial e suas telas se encontravam, sorrisos e canções se fizeram inebri-

antes, e era ali Maria em seu peito flamejante, a lidera-los em direção a um novo amanhecer, um futuro de esperança em que as vozes da verdade e da libertação seriam eternamente livres e inabaláveis.

## A Descoberta do Verdadeiro Propósito de Maria

A aurora se espalhava pelo céu como um arco-íris despedaçado, iluminando as portas do coração e marcando um novo começo para Maria e sua busca pela verdade. Enquanto observava o sol nascer no horizonte, a jovem contemplava a jornada que a trouxera até aquele momento, sentindo uma sensação poderosa e irresistível de gratidão e um senso de conflito fervendo sob a superfície. Enterrados sob a iluminação de suas descobertas estavam os fragmentos de uma vida que parecia despedaçar a cada passo que dava em direção à liberdade que tanto almejava.

Foi durante essas primeiras luzes da manhã que Maria soube que uma pagela havia sido virada em seu livro da vida. Os acordes dissonantes das palavras e ações de seus antigos irmãos religiosos se amontoavam em seu coração, formando um muro de espinhos que lhe causavam dor e angústia. No entanto, em meio ao caos pantanoso de emoções conflitantes, uma chama se acendeu - o toque suave do Senhor, como o calor de um abraço afetuoso de um Pai amoroso.

”Neste momento, eu preciso ser honesta comigo mesma e direcionar meu propósito para algo mais do que simplesmente sobreviver”, pensou Maria, sua mente resolvida e determinada a encontrar uma resposta para aquela crescente inquietação que ameaçava consumi-la. ”Eu preciso descobrir qual é o meu papel neste mundo e qual é o verdadeiro propósito de minha existência.”

Ela encarou o céu infinito acima, permitindo que a paz e a serenidade da vastidão cósmica permeassem seu corpo físico e sua alma irrequieta. Ali, em pé no limiar entre o mundo conhecido e o desconhecido, Maria sentiu uma voz gentil e familiar acariciar seu coração trêmulo.

”Seu propósito está aqui, Maria, entrelaçado nos raios do sol e nas nuvens flutuantes que adornam o céu. Caminhe por este caminho com coragem e fé, pois você descobrirá a si mesma e encontrará a paz que tanto deseja.”

Era uma voz que Maria conhecia bem. A voz de seu pai que agora compreendia seu sofrimento e dilemas, a voz que emanava de suas próprias

descobertas e força interior, e a voz do Divino, daquele que ela sabia que caminhava ao seu lado mesmo quando as chamas do julgamento e rejeição ameaçavam consumi-la.

Ao ouvir aquelas palavras reconfortantes, um vislumbre de esperança acendeu-se em seu coração e Maria decidiu que era hora de confrontar as lembranças e arrependimentos do passado, de levá-los em suas mãos e moldá-los em uma ferramenta de crescimento e evolução. Ela não se escondia mais atrás de uma falsa máscara de conformismo - sua verdadeira natureza gritava por libertação e, mesmo que isso significasse embarcar em um caminho solitário e tempestuoso, ela estava pronta e determinada a enfrentar o mundo de cabeça erguida e coração aberto.

Com uma coragem suprema e uma força de vontade inabalável, Maria decidiu compartilhar sua história com o mundo, abrindo as portas do passado e presente como um farol para aqueles que também buscavam a verdadeira luz da liberdade espiritual. Ela procurou os outros, aqueles que compartilhavam dos mesmos dilemas no âmago de sua existência, e juntos encontraram-se em uma casa de reflexão e consolo, onde as máscaras poderiam cair e um diálogo verdadeiro aconteceria - um espaço de aceitação, cura e descoberta mútua.

"Maria, você está fazendo agora o que todos nós devemos fazer para encontrar nosso próprio propósito", disse Clarice, sua querida amiga e fiel companheira, visivelmente emocionada e com orgulho estampado no rosto. "Você enfrentou o temor e os julgamentos e encontrou forças para superá-los. Sua coragem é uma inspiração para todas nós, e sua história servirá como um farol para os que desejam encontrar a verdadeira iluminação e liberdade no coração de suas jornadas espirituais."

Enquanto as lágrimas de alegria e gratidão brilhavam nos olhos de Maria, o sol se elevou no céu, banhando-a na luz dourada do amor divino e ressoando as palavras do Universo infinito, como se ecoasse em seu coração a melodia da verdade e da redenção.

"Eu encontrei o meu propósito. Agora, juntos, vamos descobrir o nosso."

## **Um Futuro de Amor, Aceitação e Liberdade**

O sol derretia no horizonte sobre a calma cidade de Minas Gerais, tingindo o céu com as cores efêmeras de amores antigos. A leve brisa sussurrava

entre as flores silvestres, carregando o aroma de inúmeras lembranças e esperanças perdidas no tempo. Maria caminhava descalça pelo caminho já familiar até o Morro da Fé, seu coração tranquilo e cheio de paz.

Naquela noite, ela havia decidido reunir sua crescente comunidade de seguidores e amigos para compartilhar notícias preciosas, revelações que haviam surgido nos momentos secretos em que se permitira dançar nos braços divinos do Criador.

Seus olhos brilhavam com a luz inebriante da verdade, enquanto sua voz suave ecoava pelo vale, como o murmúrio de um rio nascido no mais profundo dos sonhos humanos.

”Meus amados irmãos e irmãs, vos convidei aqui esta noite para compartilhar convosco uma dádiva que mudará nossas vidas, um tesouro que outrora esteve escondido nas trevas, mas que agora, graças à nossa jornada corajosa e redentora, se revela aos nossos olhos sedentos de luz.”

Um coro de vozes emocionadas se ergueu entre a congregação, o entusiasmo e a curiosidade os mantendo vidrados nas palavras de Maria.

Maria ergueu a mão com graça e serenidade, pedindo silêncio antes de continuar. A noite estava suspensa em um fio de expectativa e reverência, como um copo prestes a transbordar com a água dos sonhos.

”Desde que partimos em busca da verdade, enfrentamos inúmeros obstáculos e provações. Fomos rejeitados por aqueles que amamos e que chamávamos de irmãos, mas também aprendemos a amar a nós mesmos e encontramos, no mais profundo de nossa essência, algo que transcende a lógica pura e o dogma que antes sufocava nosso espírito.”

Ela fez uma pausa, permitindo que a verdade de suas palavras permeasse cada coração presente, como um convite a contemplação e reflexão.

”Lembro-me do momento em que, de joelhos, senti o toque inconfundível da presença divina em minha vida. Lembro-me do fogo que ardia em meu coração quando entendi que cada um de nós é a verdadeira morada de Deus, que o amor que buscávamos tão desesperadamente fora de nós mesmos estava, na verdade, enraizado no âmago de nosso próprio ser.”

Maria olhou para os rostos ansiosos daqueles que a haviam seguido nesta jornada, vendo neles o desejo ardente de encontrar o significado e propósito que outrora lhes haviam sido negados.

”Hoje, meus amados, venho vos dizer que o tempo da escuridão e do medo chegou ao fim. Vós e eu, aqueles que andam nesta estrada de fé e

verdade, nos tornamos faróis de esperança para aqueles que ainda lutam nas trevas. Vós sois as vozes do amor e da libertação no deserto do mundo, clamando em uníssono pela verdade e pela justiça de todos os seres.”

Eles irromperam em lágrimas e aplausos, arrebatados pela paixão e pelo peso das palavras de Maria. Eles tinham encontrado a resposta que seus corações ansiavam, e com isso, o reconhecimento silencioso de que o verdadeiro poder do amor e da conexão com Deus repousava agora em suas mãos.

”Esta noite, quero que cada um de vós prometa a si mesmo e a Deus que nunca mais se esconderá nas sombras do temor e da ignorância. Juntos, caminharemos rumo ao futuro que Deus nos preparou, um futuro de amor, aceitação e liberdade, onde as correntes das velhas crenças e tradições serão quebradas, e o espírito humano poderá voar livre como uma águia.”

Eles se levantaram juntos, como uma falange de anjos terrestres, estendendo-se uns aos outros em um gesto inquebrantável de fé e devoção. E em silêncio, prometeram uns aos outros que, não importava o que o futuro reservasse, eles estariam sempre do lado da verdade e da luz.

O eco de suas vozes unidas ressoou pelos céus, como o som do triunfo alcançado e das lágrimas lavando milênios de dor e sofrimento. E naquele momento, Maria soube que, embora sua jornada longe de estar terminada, eles tinham encontrado a chave para enfrentar o desconhecido com coragem e determinação. Eles tinham encontrado o poder do amor e da aceitação que um dia os libertaria.